

ENCONTRO DE GERAÇÕES

O CENTRO INTERGERACIONAL INTEGRADO NA REQUALIFICAÇÃO URBANA DO
BAIRRO MARECHAL CARMONA, CASCAIS

Sofia Catarina Dourado Pereira

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica

Professor Doutor Pedro Dias Pimenta Rodrigues

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri

Presidente: Professor Doutor Jorge Luís Firmino Nunes

Vogal: Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos

Orientador: Professor Doutor Pedro Dias Pimenta Rodrigues

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, janeiro, 2021

RESUMO

A Vila de Cascais tem sido alvo de um grande crescimento demográfico e urbano e é atualmente um destino predileto dos turistas. Os seus habitantes são maioritariamente de classe média alta, contudo, existem alguns núcleos urbanos, caídos no esquecimento, que contrastam na paisagem da restante vila – os denominados bairros sociais. O objeto de estudo neste projeto final de mestrado, trata-se de um destes bairros: o Bairro Marechal Carmona. O bairro foi construído durante o Estado Novo e surge enquanto resposta às necessidades da época. Trata-se de um bairro maioritariamente habitacional, sendo que a maioria das suas habitações permanece intocável desde a construção original, verificando-se a inexistência de condições adequadas às necessidades correntes. E assim como a sua arquitetura, os seus habitantes também se encontram muito envelhecidos, sendo a maior parte deles, os ocupantes originais do bairro. Existe uma carência de equipamentos, serviços e espaços públicos qualificados, que proporcionem um estilo de vida mais ativo, saudável, através de atividades e interações sociais.

O presente trabalho pretende responder aos problemas atuais, através de uma requalificação urbana, que gere mais interação social, através de espaços e programas qualificados. Pretende-se também, introduzir novos habitantes no bairro, maioritariamente jovens, enquanto estratégia de regeneração. E, de forma a evitar novos conflitos, propõe-se um edifício híbrido de carácter cultural, que incentive às interações intergeracionais e bem-estar físico e social. O edifício surge enquanto uma nova centralidade, no Bairro Marechal Carmona e na Vila de Cascais.

PALAVRAS CHAVE

Bairro Social | Requalificação Urbana | Intergeracional | Hybrid | Bairro Marechal Carmona, Cascais

ABSTRACT

Cascais village has been the target of great demographic and urban growth and is currently a destination of choice for tourists. Its inhabitants are mostly upper middle class, however, there are some urban centers, fallen into oblivion, which contrast in the landscape of the rest of the village - the so-called social neighborhoods. The object of study in this final project is one of these neighborhoods: Bairro Marechal Carmona. The neighborhood was built during the Estado Novo period and emerges as a response to the needs of the time. It's mostly a residential neighborhood, and most of its dwellings have remained untouched since the original construction, with the lack of adequate conditions to current needs. Like its architecture, its inhabitants are also in the old stages of life, with most of them being the original occupants of the neighborhood. There is a shortage of equipment, services and qualified public spaces that provide a more active, healthy lifestyle through activities and social interactions.

The present work intends to answer the current problems, through an urban requalification, that generates more social interaction, through qualified spaces and programs. It is also intended to introduce new inhabitants to the neighborhood, mostly young people, as a regeneration strategy. And, to avoid new conflicts, a hybrid building of cultural character is proposed, which encourages intergenerational interactions and physical and social well-being. The building arises as a new centrality, in the Bairro Marechal Carmona and in the village of Cascais.

KEYWORDS

Social Neighborhood | Urban Requalification | Intergenerational | Híbrido | Bairro Marechal Carmona, Cascais

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo incentivo e confiança que colocaram em mim, ao longo de todo o curso e particularmente nesta fase final. Em especial aos meus pais, por me terem inculcado valores de responsabilidade e mais autoconfiança. À minha mãe, por me despertar o gosto pela arquitetura. À minha irmã Diana, que embora esteja numa área diferente, se mostra interessada pela arquitetura, partilhando conhecimento comigo. Ao meu tio Luís, por me disponibilizar um espaço de trabalho, para este trabalho final, com vista sobre o Tejo. Aos meus avós, por me ensinarem a dedicação e valor do trabalho.

Ao Rui, por todo apoio contínuo, especialmente nesta fase. Por acreditar em mim, e contagiar-me com essa confiança e motivação. Pela sua presença e apoio em todos os momentos mais desgastantes.

Aos meus amigos, de longa data e às amizades recentes, por toda amizade e carinho ao longo da minha vida. Pela partilha de conhecimento, cultura e momentos insubstituíveis que proporcionaram o meu crescimento.

Aos meus professores e orientadores deste projeto final de mestrado, o Professor Pedro Rodrigues e o Professor José Crespo, pela disponibilidade e conhecimento partilhado. Por toda a força e motivação que me transmitiram.

À Câmara Municipal de Cascais, particularmente à Professora, Arquiteta e Vereadora Filipa Roseta, ao Presidente da Câmara de Cascais Carlos Carreiras e aos Arquitetos Francisco Moreira e Rui Amaral, pela oportunidade dada de um primeiro contacto profissional na arquitetura. Por toda a partilha de conhecimento, pela paciência e amizade.

Ao Mitigar Carmona por toda a amizade e carinho. Pela partilha de conhecimento e tolerância no processo de trabalho. Proporcionaram o primeiro contacto profissional na arquitetura mais interessante.

Ao grupo de trabalho do plano urbano para o Bairro Marechal Carmona por toda a amizade e conhecimento que foi partilhado.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Luta entre Lapith e um Ceurauro Detalhe presente no Partenon, Atenas	33
Figura 2 - Medusa Pintura por Peter Paul Rubens, 1618	33
Figura 3 - Esfinge de Gizé, postal egípcio Fotografia por Lehnert & Landrock, 1940s.	34
Figura 4 - Ponte de Vecchio Florencia, Itália.	35
Figura 5 - Edifício localizado na Rua da Prata, 243-247, em Lisboa - Exemplo de edifício de uso misto Fotografia por João Guimarães.	36
Figura 6 - Complexo de Gallaratese, exemplo de condensador social Aldo Rossi, Milão, Itália, 1967-1974.	37
Figura 7 - Implantação do complexo de Gallartese, isolado do contexto urbano Milão, Itália.	37
Figura 8 - Volumetria proposta para Traumhaus Funari MVRDV	43
Figura 9 - Corte Este-Oeste das tipologias habitacionais, Traumhaus Funari MVRDV	44
Figura 10 - Proposta para Traumhaus Funari MVRDV	44
Figura 11 - Maqueta proposta para o Bairro de Alvenaria Fala Atelier	45
Figura 12 - Ambiente proposto para os pátios do Bairro de Alvenaria Fala Atelier	45
Figura 13 - Competição Habitação Social Fala Atelier	46
Figura 14 - Relação entre o privado e o social nas habitações Fala Atelier	46
Figura 15 - Entrada na Escola de Música de Bressanone Aires Mateus + GSMM Architetti	47
Figura 16 - Patio Interior da Escola de Música de Bressanone Aires Mateus + GSMM Architetti	48
Figura 17 - Alçado principal da Escola de Música de Bressanone Aires Mateus + GSMM Architetti	48
Figura 18 - Circulação Vertical exterior em rampa Aires Mateus + GSMM Architetti	48
Figura 19 - Maquete conceptual para a Porta Norte Expo '98 Manuel Táinha	49
Figura 20 - Planta térrea da Porta Norte Expo '98 Manuel Táinha	49
Figura 21 - Porta Norte Expo '98 Manuel Táinha	50
Figura 22 - Superfície de ensombramento com entabulado da Porta Norte Expo '98 Manuel Táinha	50
Figura 23 - Permeabilidade do Museu M.H. De Young Herzog & De Meuron	52
Figura 24 - Interior e fachada do Museu M.H. De Young Herzog & De Meuron	52
Figura 25 - Pormenor da fachada perfurada do Museu M.H. De Young Herzog & De Meuron	52
Figura 26 - Axonometria explodida de Concrete	53
Figura 27 - Possíveis configurações das paredes móveis do interior de Concrete OMA	53
Figura 28 - Secção da maquete de Concrete OMA	53
Figura 29 - Fachada Principal de Concrete OMA	54
Figura 30 - Fachada Posterior de Concrete OMA	54
Figura 31 - Axonometria explodida do Centro Social e Cultural de Giromagny Malcotti Roussey Architectes + Thierry Gheza	55

Figura 32 – Desenhos esquemáticos organizativos do edifício e da sua exposição solar e ensombreamento do Centro Social e Cultural de Giromagny Malcotti Roussey Architectes + Thierry Gheza	55
Figura 33 – Pele metálica enquanto elemento de ensombreamento do Centro Social e Cultural de Giromagny Malcotti Roussey Architectes + Thierry Gheza	56
Figura 34 – Espaço multiusos do Centro Social e Cultural de Giromagny Malcotti Roussey Architectes + Thierry Gheza	56
Figura 35 – Estação de Cascais (vista pelo exterior) Autor desconhecido, meados da década de 1890.	63
Figura 36 – Banhistas na Praia da Ribeira Coleção Antiga do Município – Arquivo Histórico Municipal, 1900.	64
Figura 37 – Arquitetura de Veraneio na praia da Ribeira no séc. XIX. Henriques, 2014.	65
Figura 38 – Habitação de famílias provincianas Cascais.	66
Figura 39 - Vista Panorâmica de Cascais em 1970 – Localização do Bairro Marechal Carmona Henriques, João Miguel, Cascais, 2014, 650 Anos de História p.84-85.	67
Figura 40 - Planta do Conjunto da Primeira fase do Bairro Marechal Carmona Arquivo Municipal de Lisboa.	68
Figura 41 - Criança no Bairro Marechal Carmona, em Cascais Coleção Antiga do Município – Arquivo Histórico Municipal, 1950.	69
Figura 42 – Rua João António Gaspar, BMC Fotografia da autora, 2019	71
Figura 43 – Rua Catarina Eufémia junto à Avenida de Sintra, BMC Fotografia da autora, 2019	71
Figura 44 - Habitação devoluta, BMC Fotografia da autora, 2019.	71
Figura 45 – Largo Quinta da Cúcia, BMC Fotografia da autora, 2019	72
Figura 46 - Rua Cidade de Cantagalo, BMC Fotografia da autora, 2019	72
Figura 47 – Praceta Família Pancada, BMC Fotografia da autora, 2019	72
Figura 48 – Pormenor da tipologia de dois pisos, BMC Fotografia da autora, 2019	73
Figura 49 – Tipologia de dois pisos, BMC Fotografia da autora, 2019	74
Figura 50 – Pátio frontal da tipologia térrea, BMC Fotografia da autora, 2019	75
Figura 51 – Habitação devoluta, BMC Fotografia da autora, 2019	76
Figura 52 – Travessa Cidade de Xai-Xai, BMC Fotografia da autora, 2019	77
Figura 53 – Tipologia térrea com alterações construtivas, BMC Fotografia da autora, 2019	78
Figura 54 – Planta de localização do Bairro Marechal Carmona, Cascais Esquema realizado pela autora, 2020	79
Figura 55 - Localização do território em estudo Esquema realizado pela autora, 2020	80
Figura 56 - Planta de identificação dos elementos naturais Esquema realizado pela autora, 2020	81
Figura 57 - Planta de identificação de usos e equipamentos no BMC Esquema realizado pela autora, 2020	82
Figura 58 – Planta da rede de transportes no BMC Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	83

Figura 59 - Esquema de distância do bairro aos pontos de interesse Esquema realizado pelo grupo de trabalho do plano urbano: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	83
Figura 60 - Esquemas das tipologias de arruamentos do BMC Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	84
Figura 61 - Apropriação de espaço público Fotografia da autora, BMC, 2019.	84
Figura 62 - Esquema representativo das tipologias habitacionais existentes no BMC Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	85
Figura 63 - Esquema representativo da construção original e ilegal, arruamentos e espaços ajardinados, BMC Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	86
Figura 64 - Esquema de proposta de uma nova centralidade em Cascais Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	90
Figura 65 - Esquema de estratégia de integração dos elementos naturais na requalificação do bairro Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	91
Figura 66 - Esquema representativo das centralidades existentes no BMC e propostas Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	92
Figura 67 - Proposta de um novo eixo comercial Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	92
Figura 68 - Esquema ilustrativo de distâncias pedonais Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	93
Figura 69 - Esquema representativo das vias transitáveis no plano existente e respetiva proposta Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	93
Figura 70 - Master Plan para a requalificação do Bairro Marechal Carmona Modelo realizado pela autora, 2020	95
Figura 71 - Corte transversal da proposta para o eixo principal Realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	99
Figura 72 - Corte transversal da proposta para o eixo comercial Realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	99
Figura 73 - Reinterpretação da pegada existente no bairro Realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	100
Figura 74 - Proposta para as villas com pátio interior Realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	100
Figura 75 - Proposta para o jardim vertical Realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.	100

Figura 76 – Proposta para o jardim sul Realizado pela autora, 2020.	100
Figura 77 – Ilustração representativa das três fases de projeto. (1) A crise urbana, arquitetónica e social no BMC. (2) A proposta de regeneração urbana e social, contudo sem atividades intergeracionais. (3) A proposta de um centro intergeracional, que combina várias atividades de interesse às duas gerações. Ilustração da autora.	101
Figura 78 – Planta de Implantação do Centro Intergeracional no Bairro Marechal Carmona Planta realizada pela autora, 2020	103
Figura 79 – Esquema representativo da conjugação de programas no edifício híbrido Esquema elaborado pela autora, 2021	104
Figura 80 – Axonometria explodida do Centro Intergeracional do BMC Elaborado pela autora, 2021	105
Figura 81 – Modelo volumétrico do edifício Elaborado pela autora, 2021	106
Figura 82 – Plantas dos 4 pisos do edifício Elaborado pela autora, 2020	107
Figura 83 – Script realizado no Grasshopper, no Rhinoceros. Calcula a incidência solar em kW/m ² , tendo em conta o contexto urbano e o local. Após a análise, são criados furos na fachada, com diâmetros mais reduzidos nas áreas mais frias, e diâmetros maiores nas áreas com mais intensidade solar Elaborado pela autora	109
Figura 84 – Resultado do cálculo de exposição solar na fachada do edifício, em kWh/m ² Elaborado pela autora	110
Figura 85 – Posicionamento dos furos de diferentes diâmetros, através do cálculo da exposição solar Elaborado pela autora	110
Figura 86 – Memória descritiva do projeto de aplicação do Bairro Marechal Carmona (I) Arquivo Municipal de Lisboa	122
Figura 87 – Memória descritiva do projeto de aplicação do Bairro Marechal Carmona (II) Arquivo Municipal de Lisboa	123
Figura 88 – Memória descritiva do projeto de aplicação do Bairro Marechal Carmona (III) Arquivo Municipal de Lisboa	124
Figura 89 – Planta de Ampliação do Conjunto do Bairro Marechal Carmona Arquivo Municipal de Lisboa	125
Figura 90 – Planta de Ampliação do Conjunto do Bairro Marechal Carmona Arquivo Municipal de Lisboa	125
Figura 91 – Planta de Instalação Elétrica numa tipologia de 2 quartos Arquivo Municipal de Lisboa	126
Figura 91 – Alçado principal de uma tipologia de 2 quartos, BMC Arquivo Municipal de Lisboa	126
Figura 93 – Alçado posterior de uma tipologia de 2 quartos, BMC Arquivo Municipal de Lisboa	126
Figura 94 – Planta do segundo piso de uma tipologia de 2 pisos, BMC Arquivo Municipal de Lisboa	127
Figura 95 – Alçado Posterior de uma tipologia de 2 pisos, BMC Arquivo Municipal de Lisboa	127
Figura 96 – Estratégia de intervenção urbana e referências Desenho elaborado pelo grupo de trabalho, 2018	128
Figura 97 – Primeiras iterações arquitetónicas Elaborado pela autora, 2019	128
Figura 98 – Primeiras iterações arquitetónicas Elaborado pela autora, 2019	129

Figura 99 – Apontamentos e desenhos da proposta arquitetónica Elaborado pela autora, 2020	129
Figura 100 – Iterações da passagem aérea do edifício Elaborado pela autora, 2020	130
Figura 101 – Planta de localização do BMC Elaborado pela autora, 2020	131
Figura 102 – Master Plan apresentado no Congresso de Habitação de Cascais Elaborado pelo grupo de trabalho, 2019	132

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Levantamento das faixas etárias existentes no BM, realizada e disponibilizada pela Câmara Municipal de Cascais, em outubro de 2018, disponível em anexo na página: 113	17
Tabela 2 - Benefícios dos programas intergeracionais	28

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

BMC – Bairro Marechal Carmona
CMC – Câmara Municipal de Cascais
CML – Câmara Municipal de Lisboa
GPUCS – Gabinete do Plano de Urbanização da Costa do Sol
OASRS – Ordem dos Arquitetos Secção Regional do Sul
OMS – Organização Mundial de Saúde
SCMC - Santa Casa da Misericórdia de Cascais

ÍNDICE

RESUMO	II
<i>ABSTRACT</i>	IV
AGRADECIMENTOS	VI
ÍNDICE DE FIGURAS	VII
ÍNDICE DE TABELAS	XI
LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS	XI
ÍNDICE	XIII
01 INTRODUÇÃO	4
1.1 ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS	4
1.2 METODOLOGIA	7
1.3 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO	8
02 O BAIRRO	12
2.1 BAIRRO E BAIRRO SOCIAL	13
2.2 EXCLUSÃO SOCIAL NOS BAIRROS	15
2.3 BAIRRO ENVELHECIDO - CONTEXTO SOCIOLÓGICO	17
2.4 ESTRATÉGIA DE REGENERAÇÃO URBANA	19
03 RELAÇÕES E PROGRAMAS INTERGERACIONAIS	24
3.1 RELAÇÕES INTERGERACIONAIS	25
3.2 PROGRAMAS INTERGERACIONAIS	26
04 HIBRIDEZ	32
4.1 ARQUITECTURA HÍBRIDA	33
4.1.1 HÍBRIDEZ	33
4.1.2 ARQUITETURA HÍBRIDA	34
4.2 O HÍBRIDO ENQUANTO ESTRATÉGIA GERADORA DE RELAÇÕES INTERGERACIONAIS	38
05 PROJETOS DE REFERÊNCIA	42
5.1 TRAUMHAUS FUNARI MVRDV	43
5.2 HABITAÇÃO SOCIAL DE ALVENARIA FALA ATELIER	45
5.3 ESCOLA DE MÚSICA DE BRESSANONE AIRES MATEUS + GSMM ARCHITETTI	47
5.4 PORTA NORTE – EXPO '98 MANUEL TAÍNHA	49
5.5 MUSEU M.H. DE YOUNG HERZOG & DE MEURON	51
5.6 CONCRETE EM ALSERKAL AVENUE OMA	53

5.7 CENTRO SOCIAL E CULTURAL DE GIROMAGNY MALCOTTI ROUSSEY ARCHITECTES + THIERRY GHEZA	55
5.8 SÍNTESE	57
06 ENCONTRO DE GERAÇÕES	62
6.1 CONTEXTO HISTÓRICO DE CASCAIS	63
6.1.1 DO VAPOR AO TURISMO	63
6.1.2 HABITAÇÃO DEGRADADA	65
6.1.3 BAIRRO MARECHAL CARMONA	67
6.2 PROJETO DE REGENERAÇÃO URBANA	70
6.3 BAIRRO MARECHAL CARMONA	79
6.3.1 BAIRRO MARECHAL CARMONA – SITUAÇÃO EXISTENTE	79
6.3.2 BAIRRO MARECHAL CARMONA – ESTRATÉGIA	89
6.3.3 BAIRRO MARECHAL CARMONA – PROPOSTA	98
6.4 ENCONTRO DE GERAÇÕES – PROPOSTA ARQUITETÓNICA	102
6.4.1 O HÍBRIDO ENQUANTO CENTRO INTERGERACIONAL DO BAIRRO MARECHAL CARMONA	104
07 CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
BIBLIOGRAFIA	115
ANEXOS	121

01

INTRODUÇÃO

01 INTRODUÇÃO

1.1 ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS

O presente documento incide no estudo do município e da vila de Cascais, mais concretamente do Bairro Marechal Carmona junto às Fontainhas e à Avenida de Sintra.

Enquadrando a área de estudo, o município de Cascais encontra-se no extremo sul-ocidental da Península de Lisboa e pertence ao distrito e à área metropolitana de Lisboa. Encontra-se rodeado pelo concelho de Oeiras a nascente, Sintra a Norte e o Atlântico a sul e poente.

Atualmente, este município subdivide-se em quatro freguesias, sendo elas Alcabideche, Carcavelos e Parede, Cascais, Estoril e São Domingos de Rana, que totaliza uma área de nove mil setecentos e quarenta quilómetros quadrados.

O município de Cascais, à semelhança dos restantes concelhos da Península de Lisboa, contém um relevo cujos elementos mais marcantes da paisagem são os vales das ribeiras, estreitos e encaixados. O interior do concelho possui cotas mais elevadas, aumentando consoante a sua latitude.

A freguesia em estudo pertence à freguesia de Cascais e está localizada a vinte e sete quilómetros de Lisboa, junto à orla marítima, numa pequena baía. É a sede do município, encontra-se orientada a sul e é banhada pelo oceano atlântico.

Dados os valores paisagísticos e naturais, o município de Cascais atravessou uma fase de popularidade no século XIX. Cascais tornou-se no destino eleito das elites portuguesas e estrangeiros, para além da introdução do caminho de ferro e a eletrificação, que foram fatores fulcrais no desenvolvimento do concelho e consequentemente para a sua urbanização na primeira metade do século XX. O crescimento de Cascais foi apresentado como um dos principais subúrbios da capital portuguesa, sendo visíveis, nos dias de hoje, fenómenos de suburbanização e periurbanização que foram aparecendo na área metropolitana, principalmente no interior do município.

Contudo, Cascais não é exceção, quando se discute desigualdades económicas e sociais. Por detrás da aparente riqueza deste concelho, encontram-se pessoas que habitam em condições precárias. Assim, é possível fazer-se a distinção entre estas duas classes sociais através da observação das suas respetivas áreas de habitação – o contraste entre bairro social e habitação da classe média alta. Existem sete bairros sociais na freguesia de Cascais (Cruz da Guia, Encosta da Carreira, Marechal Carmona, Operário José Luís, Pescadores, Quinta do Rosário e Torre) e ainda vinte e quatro fogos dispersos.

O projeto inicia-se no âmbito da unidade curricular de Laboratório de Projeto VI com o envolvimento da Câmara Municipal de Cascais que, ao longo do nono semestre do Mestrado Integrado em Arquitetura, que desafia a desenvolver uma proposta urbana para o Bairro Marechal Carmona.

Este desafio surge na necessidade de uma regeneração urbanística, económica e social do bairro. Parafraseando a metáfora que o vice-presidente de Cascais defende como essência para o desenho urbano: “*Cascais, terra de reis e pescadores*”, pretende-se criar uma estratégia municipal para a habitação que contemple não só os apoios sociais, mas também, que exista a possibilidade de manter os jovens do concelho que se vêm obrigados a deixar Cascais devido às elevadas rendas habitacionais.

O presente estudo tenciona dar uma resposta social às várias problemáticas correntes, tendo como eixo principal de problematização, a exclusão social da população mais envelhecida perante uma reabilitação urbana e à inserção de novos habitantes no bairro, pertencentes a uma faixa etária mais nova.

Estas problemáticas englobam um conjunto de fatores que carecem de um especial tipo de abordagem, que vai desde a escala urbana até à habitação e equipamentos. No entanto, é necessário desenvolver uma consciência, relativamente a novos quadros problemáticos que se poderão desenvolver, de forma a evitá-los.

Dada a breve análise sociológica realizada pela Câmara Municipal de Cascais, tomou-se conhecimento que a população existente se encontra bastante envelhecida. Dados os objetivos de inserção de novos habitantes, maioritariamente jovens estudantes, desencadeia-se uma nova necessidade no bairro: integração intergeracional. Assim, criar-se-á uma artéria no concelho, tornando-se num ponto de *encontro de gerações*.

Deste modo, o centro intergeracional, com fins educativos e de lazer, surge com o intuito de renovar a vida e a dinâmica, no Bairro Marechal Carmona e em toda a vila, bem como dar resposta social às problemáticas existentes.

Numa fase ainda embrionária, resultado do final do semestre, o plano urbano desenvolvido em grupo foi apresentado no I Congresso de Habitação de Cascais¹, que teve lugar na Casa de Histórias da Paula Rego, nos dias 13 e 14 de março de 2019. O congresso teve como objetivo a discussão do direito à habitação e também a apresentação das diferentes soluções urbanísticas, desenvolvidas pelos alunos da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. O projeto apresentado destacou-se no grupo de trabalho e deu origem a um estágio para alguns dos elementos do grupo na Câmara Municipal de Cascais.

¹ Transmissão do segundo dia do I Congresso de Habitação de Cascais, onde tiveram lugar as apresentações das propostas dos alunos da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa: <https://www.youtube.com/watch?v=Gqr-g3vaCX8>

No seguimento do trabalho enquanto projeto final de mestrado, pretende-se estudar o estado da arte das problemáticas existentes, assim como as que poderão surgir, e estudar uma estratégia de intervenção, através da concepção de um Edifício Híbrido enquanto reformolador da dinâmica intergeracional no bairro e na cidade, através das três questões fundamentais:

- 1 Como mitigar o estigma associado aos bairros e aos bairros sociais e evitar a exclusão social da população mais idosa na requalificação e introdução de habitantes jovens no mesmo?
- 2 O que caracteriza um Edifício Híbrido e de que modo poderá revitalizar a dinâmica e a vida no bairro e a sua integração no contexto urbano envolvente?
- 3 Que variedade de programas pode o Edifício Híbrido incorporar, de forma a gerar relações intergeracionais entre os habitantes actuais e os futuros habitantes no Bairro Marechal Carmona?

Serão abordados vários parâmetros que visam dar resposta às questões anteriores, com os seguintes objetivos:

- 1 Tomar conhecimento da realidade actual presente no Bairro Marechal Carmona e o seu contexto sociológico, analisar as características urbanas, arquitetónicas e sociais que instigam ao estigma, compreendê-las e solucioná-las para a futura requalificação. Antever os problemas sociais possíveis de emergir com a requalificação urbana e com a inserção de habitantes jovens, de modo a evitá-los.
- 2 Definir o conceito de Híbrido através de diferentes autores conceituados no tema, analisar as suas características no que respeita à sua forma, programas, escala e de modo a potencializar mais sociabilidade no bairro e na cidade.
- 3 Definir o conceito de Relações Intergeracionais e de que forma os Programas Intergeracionais poderão ser benéficos individualmente e colectivamente. Analisar também, a natureza de programas mais propícios à criação de laços intergeracionais.

1.2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da proposta, tornou-se necessário criar uma metodologia como forma de organização e estruturação do processo de trabalho. O método de trabalho englobou um conjunto de técnicas e instrumentos de recolha e análise da informação que permitiu um maior entendimento sobre o lugar e as suas necessidades.

Numa primeira fase recorre-se a uma abordagem teórico-reflexiva da Vila de Cascais e das hierarquias e discrepâncias sociais e urbanas existentes entre os bairros sociais e vila. Como primeiro contacto foram feitas visitas ao Bairro Marechal Carmona, onde foram captados registos fotográficos e desenhos *in situ*, através da observação direta. Para o desenvolvimento do quadro conceptual, foi feita uma pesquisa e análise, bem como conferências organizadas pela Câmara Municipal de Cascais, dos conceitos chave que procuraram dar resposta às problemáticas existentes e também de modo a evitar futuros conjuntos de problemas após a inserção de novos habitantes no bairro. Seguiu-se a recolha de cartografias, documentos, e bibliografia a analisar perante os conceitos que se identificaram para aprofundar no desenvolvimento do trabalho.

Como anteriormente referido, um dos métodos fulcrais de projeto requererá a pesquisa e análise de outros projetos que serviram de referência, para o caso de estudo, tirando partido da aprendizagem absorvida nestas referências. Foram escolhidos dois projetos enquanto referencia de requalificação urbana: *Traumhaus Funari* de MVRDV e a Habitação Social de Alvenaria de Fala Atelier. E como referência arquitetónica e programática, fora selecionado cinco projetos: A escola de Música de Aires Mateus; a Porta Norte de Manuel Tainha; o Museu de M.H. De Young de Herzong & De Meuron; *Concrete* de OMA e o Centro Intergeracional de Malcott Roussey + Thierry Ghezza. Ainda em relação à escolha programática, no capítulo *Relações e Programas Intergeracionais*, foram analisados os programas mais pertinentes enquanto elo entre as duas gerações.

Procedeu-se, posteriormente, à concretização de entrevistas e conversas informais com os residentes do bairro, com a associação de moradores e com os técnicos da Câmara Municipal de Cascais, encarregues do projeto de requalificação. Através da Câmara Municipal de Cascais e dos seus técnicos, foi adquirido uma análise estatística e sociológica sobre o bairro, que abrange dados como a faixa etária; nível de escolaridade; estado civil, género, nacionalidade, e tipologias habitacionais. Este documento permite um conhecimento e análise mais aprofundados, daquilo que é a população do BMC.

Realizou-se um diagnóstico SWOT para uma melhor compreensão das qualidades e problemáticas do lugar, após toda a informação retida.

Por fim, o resultado de todas as fases anteriormente mencionadas, surgiu como fundamento à proposta projetual, criando uma simbiose teórico-prática que originará a proposta urbana seguida do projeto de arquitetura híbrida enquanto geradora de relações intergeracionais, no Bairro Marechal Carmona e na restante Cidade.

1.3 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

A estrutura do projeto final de mestrado é elaborada com uma base organizativa dividida em duas componentes que se complementam entre si: teórica e prática.

A base teórica tem como objetivo a fundamentação dos conceitos utilizados para o desenvolvimento do trabalho prático. No segundo capítulo *O Bairro*, o trabalho inicia-se na análise e estudo de conceitos como o Bairro e o Bairro Social e quais as suas diferenças, direcionando para os problemas mais comuns encontrados, como a exclusão social. É analisado o contexto sociológico dos habitantes atuais do Bairro Marechal Carmona, com a intenção de intervir no bairro de forma adequada. O último subcapítulo intitulado de “Estratégia de Regeneração Urbana”, emerge enquanto síntese do conhecimento adquirido nos subcapítulos anteriores, de modo a definir uma estratégia de intervenção.

Partindo de uma das características mais predominante no Híbrido, a sociabilidade, pretende-se que o edifício se particularize numa interação social em específico: as relações intergeracionais. O segundo capítulo *Relações e Programas Intergeracionais* é fruto da necessidade de integração de duas gerações distintas. Para tal, é analisada a natureza programática mais eficiente no contexto, de modo gerar uma maior dinâmica social e intergeracional no Bairro Marechal Carmona e em Cascais.

O terceiro capítulo *Hibridéz*, tenciona incidir no estudo do conceito e caracterização do Híbrido enquanto tipologia arquitetónica, ao analisar as diferenças entre as várias tipologias semelhantes, como o edifício multifuncional, multiusos e condensadores sociais. Por fim, procura-se entender a importância do híbrido enquanto estratégia urbana em elementos como a forma, sociabilidade no contexto urbano inserido e diversidade programática.

A componente prática inicia-se com os projetos de referência. Este capítulo é destinado à pesquisa e estudo de projetos com fatores de referência para o caso de estudo. São analisados projetos de referência urbana e arquitetónica.

O quinto capítulo *Encontro de Gerações* surge no âmbito da proposta e na descrição projetual, onde é aplicado todo o conhecimento adquirido ao longo do processo. O capítulo inicia-se com uma breve análise ao contexto histórico e urbano de Cascais e do BMC. Prossegue-se com a análise do estado atual do território, as suas fraquezas e pontos fracos que levam à proposta de intervenção enquanto estratégia e projeto final. Por fim, apresenta-se a proposta detalhada projeto de arquitetura - o centro intergeracional enquanto edifício híbrido.

Para concluir, mediante a investigação teórico-prática, é resumido todo o conhecimento adquirido e aplicado através de um conjunto de considerações finais.

02

O BAIRRO

02 O BAIRRO

O vocábulo “Bairro” surge, muitas vezes, enquanto termo com sentido pejorativo. A ideia de bairro, enquanto conceito, intrínseco na sociedade é, na maioria das vezes, estigmatizada e associada a contextos socioeconómicos mais frágeis.

Assim, neste capítulo, será analisada a origem e a definição de bairro, para que seja possível comparar com estes contextos – os bairros sociais.

Os bairros sociais tendem a surgir enquanto resposta a um problema económico de acesso a habitação, por famílias mais carenciadas. Assim, por existirem fundos controlados para a construção, estes bairros tendem a possuir características arquitetónicas mais económicas. Em casos mais graves, o planeamento urbano poderá mesmo criar lugares não qualificados que provocam isolamento e exclusão social.

Ao longo do capítulo, será feito um paralelismo entre o estado do conhecimento e o caso de estudo - o Bairro Marechal Carmona - incluído assim o seu contexto sociológico, para uma maior compreensão das problemáticas tratadas no trabalho.

Por fim, será apresentada uma estratégia de regeneração urbana de base teórica, que se particulariza na componente do envelhecimento ativo e nas suas premissas fundamentais para uma intervenção urbana no Bairro Marechal Carmona.

2.1 BAIRRO E BAIRRO SOCIAL

O bairro surge enquanto elemento que compõe a cidade, sendo a sua presença fundamental para a caracterização da sua imagem. De acordo com Lynch (1960, p.58) os bairros são “*regiões urbanas de tamanho médio ou grande, concebidos como tendo uma extensão bidimensional, zonas que o observador reconhece como tendo características específicas, algo de comum e de identificável*”.

A definição de Bairro surge várias vezes interpretada como Bairro Social, que, apesar de se referir ao mesmo campo semântico, correspondem a realidades diferentes, surgindo assim, a necessidade de diferenciar estes dois conceitos.

Neste primeiro ponto será abordada a definição de Bairro e no ponto seguinte, o Bairro de caráter social e todo o estigma gerado à sua imagem.

Para uma melhor compreensão do conceito, Souza (1989), num trabalho sobre o bairro enquanto unidade política, procedeu à pesquisa da raiz do vocábulo. Um termo que tem origem do árabe e surge na península ibérica inicialmente no castelhano e que só se encontra na língua portuguesa (bairro) e no catalão (barri). A palavra deriva de barr, bar, terra, campo, campo destinado a uma população, que, posteriormente surgiu como ‘*barrio*’ nomeando a divisão local ou municipal das povoações (Crespo, 2012).

Apesar de não existir uma definição concreta de bairro, entre os vários autores, existem algumas premissas, às quais, são possíveis estabelecer um consenso sobre a noção generalizada de bairro (Lynch, 1960). Essas premissas reconhecem-se enquanto características determinantes de um bairro, entre elas, a sua topografia, a morfologia, os espaços públicos, as texturas existentes, as dimensões, a simbologia, os detalhes, o edificado e a suas tipologias e usos, bem como as características dominantes na sua população.

O mesmo autor expôs o seu pensamento e análise sobre a cidade, sendo que essa mesma imagem da cidade varia consoante o indivíduo e a própria condição espacial e temporal, remetendo à memória e aos significados que emergem de diferentes vivências. O mesmo se passa na componente da cidade em questão. Todas as características anteriormente mencionadas influenciam a percepção do bairro para o observador enquanto individual, na medida em que oferece uma imagem distinta de bairro consoante a sua vivência e percepção própria.

Quanto à componente arquitetónica e morfológica do bairro, a percepção tende a associar-se aos períodos histórico-temporais de construção dos espaços. Consoante esse mesmo período histórico-temporal, os bairros poderão ter um desenho urbano planeado, onde é perceptível uma intenção de organização, mais ou menos regular, mas também a existência de bairros sem qualquer planeamento pré-estabelecido, que apresentam uma organização orgânica, adaptada às construções e caminhos que vão surgindo com o passar do tempo, através de atos individuais de construção.

Estas duas vertentes de bairro, podem ser identificadas a partir dos seus limites físicos, pela sua arquitetura e/ou construção diferenciada da envolvente ou até mesmo pelos seus habitantes, sendo que OED (2005, APUD Jenks e Dempsey, 2007) defende que a definição de bairro surge para descrever uma certa área e os seus respetivos habitantes, de forma urbana ou rural. Contudo, para Stuffles (1972, APUD Jenks e Dempsey, 2007) o bairro é uma construção unicamente urbana.

Outro aspeto a considerar quando se discute a definição de Bairro Social, é a sua homogeneidade arquitetónica, económica e social, e como a vivência no bairro é definida pelos sentimentos e identidade que os habitantes têm em comum (Freiler, 2004).

Em suma, pode-se afirmar, que a noção generalizada de bairro, tanto pode ser definido como um distrito, que engloba as suas construções físicas e descreve a área de habitação, como uma comunidade, que através da construção social descreve os seus habitantes (Briggs, 1997; Glaster, 2001, APUD Jenks e Dempsey, 2007).

Por outro lado, existe um estigma associado ao vocábulo, pois, apresenta-se pela linguagem comum como algo banal e tende a ser utilizado para caracterizar as várias realidades socio-espaciais – bairro operário, bairro camarário, bairro clandestino e bairro social (Mendes *et al.*, 2012).

Segundo Augusto (2002), a definição de bairro social é dada como espaço de aglomeração da pobreza urbana, concentrando no seu interior os principais grupos de risco, contribuindo para uma interiorização da exclusão.

Na vertente de Bairro Social planeado, a sua homogeneidade arquitetónica, económica e social, e a vivência no bairro define-se pelos sentimentos e identidade que os habitantes têm em comum.

Inicialmente, apesar dos bairros sociais terem surgido como solução para a integração das populações nas metrópoles, acabou por desencadear o fenómeno oposto, concentrando classes socioeconómicas mais desfavorecidas num lugar (Augusto, 2002), levando à exclusão social.

2.2 EXCLUSÃO SOCIAL NOS BAIRROS

Os bairros sociais surgem no âmbito das estratégias da providência estatal. Os cidadãos mais desfavorecidos, no que toca à habitação, exercem o direito à habitação presente na maioria das constituições nacionais, de modo a mitigar a exclusão social. A ação do Estado deve não só providenciar, mas também deverá ambicionar e planear um exercício de cidadania enquanto programa de inserção dos grupos menos privilegiados, sem que se acentue a experiência de exclusão social, reforçando os meios para a criação de laços sociais que caracterizam essa mesma inserção (Augusto 2002).

Habitualmente, o providencialismo tradicional tende a perder a componente de inserção e coesão social, para responder apenas à problemática da necessidade de habitação, através da atribuição de fogos aos atores mais desfavorecidos. No entanto, Augusto (2002) defende que o providencialismo tradicional “*promove a resistência à mudança, ao converter os atores sociais em meros recetores de bens e serviços e ao desadequar-se da lógica de mercado*” (p. 1).

Nestas estruturas existentes, é possível observar uma lógica desconcentradora, mas não descentralizadora. Assim, a desconcentração tradicional transformou os atores sociais em meros recetores de bens e serviços, tendo resultado numa incapacidade de desenvolvimento em comunidade.

A habitação social surge dentro desta lógica, bastante definida pelo peso da burocracia e pelo afastamento relacionado com as especificações locais e da comunidade (Almeida, Paula, 1994, APUD Augusto, 2002). No entanto, as iniciativas que emergem destes espaços mostram-se com ideais bastante definidos, reforçando o centralismo e o distanciamento informal, politizando-o (Gros, 1994, APUD Augusto, 2002).

Assim, a construção dos intitulados bairros sociais, têm demonstrado perda de eficiência nas políticas de habitação social. Ou seja, o modo generalista de como estes lugares são geridos, é refletido nas suas relações internas, sendo que a habitação social não tem contribuído para uma lógica de coesão social e integração dos grupos mais desfavorecidos, na cidade (Augusto, 2002).

Normalmente, o planeamento urbano destes lugares, surgem de forma descontínua ao crescimento e malha urbana envolvente, fechando-os demasiado em si próprios, que geram sensações de segregação e exclusão (Guerra, 1994, APUD Augusto, 2002). Augusto (2002), defende ainda que os atores dos bairros sociais não têm acesso às vantagens do centro urbano, ou seja, desinseridos dos processos de decisão.

O ordenamento urbano que é comum no desenho de bairros sociais, bem como os seus detalhes arquitetónicos e sociais, são facilmente identificados como fatores simbólicos que levam a uma estigmatização destes espaços urbanos (Pinto, 1994, APUD Augusto, 2002).

Apesar das primeiras experiências de políticas públicas em Portugal de iniciativa estatal do período Republicano, no âmbito da habitação social, tenham surgido apenas no início do século XX, sendo que a estigmatização se desenvolve simultaneamente, o conceito de exclusão social é relativamente recente.

A exclusão social é entendida como o processo através do qual, os habitantes são excluídos da sociedade. A exclusão deste cariz impede-as de participar e contribuir na vida social da cidade devido aos mais variados fatores como a pobreza, a falta de capacidades e competências devido à falta de oportunidades de aprendizagem ou devido a alguma discriminação. Assim, este processo é encarado como uma barreira social para a sociedade, que afeta até o acesso ao ensino e como as diferentes classes sociais recorrem ao desprezo pela classe social mais baixa, quando se refere ao poder de decisão e a pouca influência que possuem².

Além do mais, a maioria dos atores pertencentes à população dos bairros sociais, tende a conformar-se, muitas vezes, enquanto recetores passivos ou beneficiários de uma estratégia essencialmente fundamentalista do providencialismo tradicional. A falta de identificação com o bairro, por parte dos seus habitantes, provoca um sentimento de indiferença perante o mesmo, não o promovendo ou defendendo, dificultando a produção de lógicas de ação coletiva (Guerra, 1994, APUD Augusto, 2002).

Existe um processo dinâmico e multidimensional, pelo qual existe a exclusão de certos indivíduos. Em causa, poderão estar envolvidos vários fatores que caracterizam a população dos bairros sociais, sendo o mais comum, o seu contexto financeiro. No entanto, a etnia, o género ou faixas etárias predominantes, poderão acentuar a exclusão social (Mazza, 2005).

O Bairro Marechal Carmona, construído entre 1946 e 1954, surge como resposta económica às necessidades sentidas, por um conjunto de atores. Ergueu-se a intenção de aplicar uma estratégia social no Bairro Marechal Carmona, assim como nos restantes bairros sociais provenientes desta época. Todavia, as ideologias e estratégias sociais adotadas mostraram-se inadequadas em lugares como estes.

² Tradução do Relatório Conjunto sobre Inclusão Social, COM 2003, 773 Final, presente no Fórum não governamental para a Inclusão Social. Fonte: <http://www.fngis.pt/exclusao-social/>

2.3 BAIRRO ENVELHECIDO - CONTEXTO SOCIOLÓGICO

O Bairro Marechal Carmona desenvolveu-se em duas fases, sendo que a primeira surge enquanto iniciativa da SMC. Assim, o valor monetário de arrendamento das casas, estabelecido na época, era adaptado às possibilidades financeiras dos novos habitantes, com o fim de se tornarem posse própria. As condições estipuladas encaminharam-se para que a população se acomodasse, levando à sua permanência no bairro até à atualidade.

O envelhecimento emerge enquanto problema central do século XXI, não só nos bairros sociais, mas em toda a sociedade portuguesa. Verifica-se, que os números de idosos registados nas últimas décadas tendem a aumentar, envelhecendo as sociedades. As principais causas para este fenómeno caracterizam-se pela queda da fertilidade e com o aumento da esperança média de vida.

O problema social do envelhecimento ativo está relacionado com a desigualdade social, existindo indivíduos sem condições para trabalhar e sem meios de sustentar a família.

Para um maior entendimento da população do Bairro Marechal Carmona, segue-se a tabela e informação, que sintetiza a análise sociológica, realizada em outubro de 2018, disponibilizada pelos técnicos da CMC no ponto de informação, localizado no BMC, com uma amostra de 276 indivíduos, residentes em 121 alojamentos, cerca de 70% da população.

Tabela 1 – Levantamento das faixas etárias existentes no BM, realizada e disponibilizada pela Câmara Municipal de Cascais, em outubro de 2018, disponível em anexo na página: 113

0 – 14 anos	22 residentes	8.2 %
15 – 24 anos	23 residentes	8.6 %
25 – 44 anos	46 residentes	17.2 %
45 – 64 anos	74 residentes	27.6 %
65 – 74 anos	51 residentes	19 %
75 anos ou mais	52 residentes	19.4 %

Para além de se verificar que as faixas etárias predominantes, são, de facto, as mais envelhecidas, pôde-se constatar também, que esta mesma amostra da população do BMC, possui um nível de ensino igual ou inferior ao ensino básico, sendo esta percentagem de 78.5%³. Esta taxa poderá justificar-se através das condições escolares da época em que os habitantes frequentaram a escola. Atualmente, a escolaridade obrigatória, em Portugal, é um direito e dever de todas as crianças e jovens, com idades compreendidas entre os seis e os dezoito anos (ou décimo segundo ano de escolaridade). No entanto, nem sempre terá sido assim. Durante o Estado Novo, época ao qual o bairro terá sido construído, a escolaridade obrigatória era finalizada na terceira classe. Apenas em 1956, o ensino primário de quatro anos se tornou obrigatório, ainda que, apenas para o género masculino, e, por sua vez, em 1960, para o género feminino. Por fim, em 2009, o ensino obrigatório estendeu-se para o décimo segundo ano de escolaridade. O Estado português, reconhece que,

³ Análise sociológica realizada e disponibilizada pela Câmara Municipal de Cascais, em outubro de 2018, disponível em anexo na página: 113

para um progresso social, económico e cultural da população, os doze anos de escolaridade tornam-se cruciais⁴.

O envelhecimento e as poucas habilitações são as causas maiores para a exclusão social atual, dos seus atores, no BMC.

⁴ Informação verificada e disponibilizada no Ekonominista, escrito por Catarina Reis, 2019:
<https://www.e-konomista.pt/escolaridade-obrigatoria/>

2.4 ESTRATÉGIA DE REGENERAÇÃO URBANA

Face às problemáticas anteriormente apresentadas, como as características desadequadas à vivência nos bairros sociais, e de como estas suscitam a exclusão social dos seus atores, através do estigma existente nos bairros sociais, sobretudo, na população mais idosa, surge a necessidade de intervenção no Bairro Marechal Carmona. As estratégias adequadas à regeneração urbana baseiam-se na mitigação do estigma, no envelhecimento ativo e na coesão social, entre os habitantes atuais, de cariz envelhecido, e os futuros moradores, idealmente jovens.

O combate ao estigma envolve uma estratégia de maior abertura e integração do bairro na cidade, ajudando a criar estereótipos que ainda prevalecem em lugares desta natureza. Esta estratégia visa contribuir para uma cidade de diálogo e coesão.

Relativamente ao plano individual, com o envelhecimento, emergem várias mudanças drásticas no que respeita à sua participação na sociedade e no contexto social e coletivo, mas também na saúde e no bem-estar. Com o aumento da esperança média de vida, surgem várias doenças e patologias crónicas. Os idosos tornam-se menos autónomos, necessitando de apoio por parte de familiares ou profissionais dos apoios sociais. No entanto, esta perda de autonomia, não deve definir o envelhecimento, nem justificar a exclusão dos idosos do plano social, que muitas vezes está reduzido aos familiares mais próximos ou vizinhos, em instituições que não permitem a participação coletiva, ou até mesmo, em solidão social (Ferreira, 2011).

O envelhecimento ativo, posicionamento que OMS estabeleceu a partir do final da década de noventa, trata-se de uma estratégia que tem como objetivo a otimização de oportunidades de vida no desenvolver do envelhecimento, ou seja, na saúde, na participação e no desenvolvimento multidimensional pessoal. Esta estratégia apresenta uma evolução cultural que se reflete nos seguintes aspetos: na representação da população envelhecida, resultante do processo de envelhecimento da população; uma considerável melhoria da sua situação económica; e por fim, novas oportunidades de vida, que surgem com os benefícios das novas tecnologias. (Laranjeira, 2010, APUD Fornasier, Leite, 2018).

As estratégias que geram sentimento de poder, através de diversos princípios atribuídos à população mais idosa – entre eles a autonomia, participação ativa na sociedade, dignidade, desenvolvimento pessoal e acesso aos cuidados básicos – que através do uso das suas capacidades variadas, em várias áreas e tarefas, adquiridas ao longo da sua vida, poderão mitigar o estigma associado à população idosa proveniente dos séculos XIX e XX (Fornasier, Leite, 2018).

Quanto à estratégia coletiva, recorre-se à coesão social, mais concretamente nos termos da integração intergeracional. Todavia, apesar de se tratar de uma estratégia que pretende solucionar as problemáticas atuais e futuras do bairro, não se resume apenas aos atores do BMC, mas sim, a toda a cidade de Cascais.

Existindo um número variado de definições do conceito, a coesão social é frequentemente identificada como um conceito que abrange simultaneamente várias componentes, de igual importância. Estas definições tendem a conter pelo menos

dois dos seguintes atributos: sensação de inclusão social e participação ativa, igualdade de oportunidades, igualdade de rendas e salários, confiança, bem-estar e a inexistência de obstáculos reais à mobilidade social (Garroway e Jütting, 2011).

Quanto aos rendimentos dos habitantes do BMC, embora propondo uma estratégia urbana, arquitetónica e social que visa criar empregos, existe a incapacidade de criar igualdade salarial entre os atores, por diversos motivos não arquitetónicos. Narayan (1999), defende que, apesar da noção de igualdade de capital social estar associado à estratégia de coesão social, não é necessariamente um ponto fundamental para uma sociedade coesa. O capital social refere-se, geralmente, a um grupo de individuais, enquanto que a coesão social se estende a toda a sociedade. Assim, o desafio que é definir e seguir o conceito de coesão social na sua totalidade, é normalmente desconsiderado, concentrando-se nas condições em que a coesão social é prejudicada, ou quando a sociedade não é coesa o suficiente (Garroway e Jütting, 2011).

Assim, pretende-se abordar a coesão social e as suas principais componentes, aos quais a que arquitetura possibilita através do incentivo às relações intergeracionais. O envelhecimento surge enquanto um desenvolvimento exigente no que toca às relações intergeracionais e, atualmente, existe pouco espaço para a velhice na sociedade. Posto isto, os idosos devem usufruir do seu direito efetivo de participação social e política na sociedade. Na grande maioria das situações, as instituições que acolhem e se ocupam dos idosos não possuem uma conexão funcional com as restantes instituições da sociedade. Estas instituições são interpretadas instituições de “fim de carreira” (Goffman, 1968, APUD Ferreira, 2011). Torna-se imperativa, a estratégia de que visa incentivar o idoso a um sistema de relações intergeracionais, com programas intergeracionais, nas sociedades envelhecidas.

03

RELAÇÕES E PROGRAMAS INTERGERACIONAIS

03 RELAÇÕES E PROGRAMAS INTERGERACIONAIS

Os programas intergeracionais emergem enquanto componente programática para o projeto de arquitetura. Para intervir no bairro, em que se pretende incentivar às relações intergeracionais, é necessário o estudo das várias componentes que as compõem.

Para uma maior compreensão é necessária uma análise prévia da definição dos conceitos de relações intergeracionais e programas intergeracionais, começando pela origem do conceito e a evolução dos mesmos.

Serão debatidos os fatores necessários para clarificar o tipo de programa intergeracional, como a distinção entre conceitos intergeracional e multigeracional, a idade dos atores envolvidos e o parentesco familiar existente ou não entre indivíduos.

Por fim, serão estudadas as características destes programas e de que forma poderão ser benéficos na vida ativa das gerações envolvidas e no seu bem-estar físico e mental e, conseqüentemente, na comunidade onde se inserem.

3.1 RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Contextualizando o presente trabalho, pretende-se que a atividade programática do edifício híbrido, surja com capacidade de resposta a um possível problema social, desencadeado pela introdução de habitantes mais jovens num bairro de população maioritariamente idosa. Com esta estratégia, tenciona-se criar um lugar com uma componente programática apelativa a ambas as faixas etárias, através de um programa intergeracional. Para uma melhor compreensão deste tema – os Programas Intergeracionais – procede-se, previamente, a uma análise do conceito das relações intergeracionais e quando é que estas se verificam.

As relações intergeracionais têm vindo a incorporar um modelo de exercício de cidadania, a demonstrar a sua relevância e como a relação que estes dois grupos pode comprometer a sociedade.

Entende-se que uma relação é a conexão entre algo ou alguém com outra coisa, sejam eles objetos, pessoas, factos ou acontecimentos, que por sua vez, a definição do conceito intergeracional evidencia a convivência entre dois indivíduos ou grupos de gerações diferentes.

Assim sendo, entende-se por relações intergeracionais a ligação que se estabelece entre dois ou mais indivíduos de idades distintas, não se restringindo apenas às ocorridas no contexto familiar, e conseqüentemente, a troca de conhecimentos e experiências como forma de enriquecimento social e cultural.

Até ao século XX, a base das relações intergeracionais ocorriam em contexto familiar, entre avós e netos, sendo esta relação uma das práticas mais antigas da civilização (Oliveira, 2011). Contudo, apesar de esta estar estabelecida desde sempre, verificou-se que a relação sofreu transformações sociais ao longo da história, transformações essas provenientes da alteração da estrutura familiar na sociedade. Os mais idosos sempre tiveram um lugar de respeito e importância no agregado familiar, no entanto, atualmente, podemos verificar o afastamento significativo na relação entre netos e os seus avós. Ainda assim, as relações intergeracionais não se resumem ao vínculo entre membros da mesma família, mas também às relações pessoais entre jovens e idosos fora do agregado familiar, por assumir uma maior dificuldade em criar laços de maior intensidade.

Nos últimos anos surgiram vários estudos sobre o fenómeno das relações intergeracionais, sendo objeto de estudo internacionalmente, sobretudo no norte da Europa e nos Estados Unidos da América, no entanto, verifica-se ser um assunto pouco investigado em Portugal.

Após uma análise ao contexto sociodemográfico em Portugal e especificamente, ao caso de estudo do presente documento, o Bairro Marechal Carmona, bem como a introdução de jovens na sua futura requalificação, emerge a necessidade de repensar as relações intergeracionais, embora que ainda seja um tema pouco entendido é necessário definir que tipo de abordagens podem ser benéficas para o processo de

desenvolvimento de uma sociedade (Granville, 2002) para os indivíduos em questão. As relações intergeracionais tornam-se fundamentais para o processo de desenvolvimento das sociedades através de soluções dinâmicas.

3.2 PROGRAMAS INTERGERACIONAIS

Existem três áreas que necessitam de ser estipuladas, de modo a clarificar o conceito de programa intergeracional: a idade dos participantes do programa; distinção entre intergeracional e multigeracional; e membros familiares com relações intergeracionais.

A fundação Beth Johnson⁵, situada no Reino Unido, sugere que a faixa etária jovem deve ser até aos vinte e cinco anos de idade inclusive, enquanto que a faixa etária mais idosa é definida a partir dos cinquenta anos de idade. Contudo, Pain (2005) defende que um indivíduo é considerado idoso a partir dos sessenta anos de idade. A maioria da literatura, não clarifica em que idades estão compreendidas as diferentes faixas etárias nos seus projetos. Assim, pode-se concluir que este fator pode variar consoante a cultura e localização do programa em si. Atualmente, em Portugal a idade de reforma ronda os sessenta e seis anos de idade, sendo esta idade mais apropriada para uma intervenção nacional.

Existe também o equívoco entre abordagens multigeracionais e intergeracionais. Uma abordagem multigeracional inclui a 'geração intermédia' nas atividades. Contudo, alguma literatura⁶, afirma que a 'geração intermédia' pode participar na prática intergeracional como moderador ou professor (Granville, 2002; Hatton Yeo, 2006) e não como participante. Ventura-Merkel e Lidoff (1983, APUD Findsen, Formosa, 2011) afirmam que todos os autores defendem que os programas intergeracionais envolvem a partilha de experiências e conhecimentos, estimulando a interação entre as diferentes faixas etárias. Newman (1997) acrescenta que programas como este são criados para que as gerações mais idosas, sem laços biológicos e os jovens criem interações entre eles ao proporcionar apoio e ajuda mútua, promovendo o bem-estar comum.

Cambridge e Simandiraki (2006) APUD Springate., Atkinson e Martin (2008) esclarecem que esta prática exclui as relações familiares, evitando assim programas menos efetivos.

Assim, Newman e Sánchez (2007) afirmam que a forma mais adequada de fortalecer e estimular relações intergeracionais é através do uso de um Programa Intergeracional. Os estudos de autores direcionados para este tema refletem o especial interesse na singularidade das relações entre gerações não consecutivas, direcionando a atenção às relações entre jovens e idosos.

⁵ *Beth Johnson Foundation* é uma fundação dedicada a caridade nacional, no Reino Unido, que tem como objetivo o incentivo às relações intergeracionais. Acesso: <https://www.bjf.org.uk/>

⁶ *Magic me* (2005) é uma organização artística intergeracional em Londres. Acesso: <https://magicme.co.uk/london-intergenerational-network/>

Quando as gerações se unem, cria-se uma forma mais sensata de utilização dos recursos, que se transformam num incentivo à geração mais idosa, agora reformada, a participar mais ativamente em programas que beneficiem da interação social e pessoal, nas quais poderão contribuir com os seus conhecimentos, ajudando os jovens (Hatton-Yeo e Ohsako, 2001).

Embora existam várias definições para programas de caráter intergeracional, todos os autores referem a importância e os benefícios da interação entre gerações, como a partilha de habilidades, experiências e conhecimentos. Um programa deste caráter tem como objetivo dar resposta social aos problemas atuais da sociedade.

CARACTERÍSTICAS E BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE INTERGERACIONAL

A prática intergeracional é apenas um elemento de uma atividade. Os efeitos benéficos provenientes desta atividade devem ser analisados e distinguidos entre a prática intergeracional e o programa funcional do edifício e si. Por exemplo, Robinson *et al.* (2006) APUD Springate, Atkinson e Martin (2008) descrevem um projeto em que as gerações mais idosas partilham uma tarde por semana com os mais jovens, incorporando atividades como jogos de cultura geral, conversas e *tai chi*. Para os idosos, um dos efeitos benéficos é a sua saúde mental e física. No entanto, este benefício está relacionado com a própria atividade e não com o elemento intergeracional. Os benefícios reportados pelo projeto que integram a componente intergeracional revelam-se nas mudanças de comportamento perante as diferentes gerações, ou seja, observou-se um aumento de tolerância a estereótipos negativos e compreensão entre os dois grupos.

Através de vários estudos e experiências intergeracionais, conclui-se que estes tipos de programas têm mostrado vários benefícios para todos os participantes; para os jovens, para os idosos e para as comunidades onde estão inseridos.

TODOS OS PARTICIPANTES	IDOSOS	JOVENS	COMUNIDADES
Melhoria na compreensão e tolerância	Saúde e qualidade de vida	Aquisição de novas competências	Coesão comunitária
Amizade	Inclusão Social	Aumento da autoestima	Voluntariado diversificado
Confiança e Satisfação	Nova perspectiva perante o sentido de valor		Instituições educacionais tornam-se mais envolvidas nas suas comunidades

Tabela 2 - Benefícios dos programas intergeracionais

No geral, pode-se observar que todos os participantes apresentaram melhorias na sua tolerância perante diferentes faixas etárias, assim como a facilidade em criar amizades com indivíduos de qualquer idade. A autoestima, confiança e entusiasmo foram também características que se destacaram em programas intergeracionais.

Quando os projetos possuem uma base educacional tendem a envolverem-se mais nas comunidades a que pertencem, através dos conhecimentos que são adquiridos e aplicados nessa mesma comunidade. (Ellis, 2004; Feldman *et al.*, 2003; Granville, 2002; Stanton e Tench, 2003, APUD Springate, Atkinson e Martin, 2008).

04

HIBRIDEZ

04 HIBRIDEZ

A arquitetura é um dos métodos de resposta a problemas variados. No Bairro Marechal Carmona foi identificado um problema de exclusão social, devido à falta de espaços qualificados para os seus habitantes de idade avançada. A inserção de população jovem na futura regeneração do bairro pretende gerar uma vida mais ativa, mas não será suficiente sem o local apropriado.

No entanto, problemas sociais tendem a ser efémeros. A questão da hibridiz torna-se oportuna, não só por criar uma maior dinâmica no lugar, através da combinação de programas distintos, mas pela sua fácil adaptação a outros programas consoante a necessidade das épocas.

Assim, pretende-se estudar e refletir sobre os conceitos de arquitetura híbrida, arquitetura multifuncional, uso misto e condensadores sociais, pois este conjunto de conceitos tende a ser pouco consensual entre arquitetos.

Procura-se analisar o conceito de arquitetura híbrida, a sua origem e definição científica, e usá-lo enquanto base inicial de comparação entre as semelhantes tipologias arquitetónicas: os edifícios multifuncionais, edifícios de uso-misto, condensadores sociais e, o que se assemelha a estas tipologias mas na prática não se adequam em nenhum destes grupos.

Serão abordadas as principais diferenças entre os conceitos, de forma a adquirir conhecimento sobre as várias intenções projetuais, para posteriormente serem aplicadas no projeto final de mestrado.

4.1 ARQUITECTURA HÍBRIDA

4.1.1 HÍBRIDEZ

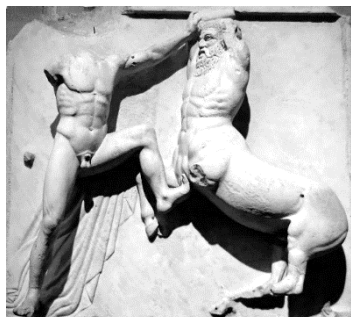


Figura 1 - Luta entre Lapith e um Ceurauro | Detalhe presente no Partenon, Atenas

A hibridez, enquanto conceito, não tem como origem na arquitetura. Para um melhor entendimento do conceito, em seguida, recorre-se à análise da origem do vocábulo.

A origem do termo híbrido, surge enquanto palavra latina, de origem grega *hybris* ou *hybrida*, que, por sua vez, remete ao produto de duas espécies distintas. Ou seja, na biologia, considera-se algo híbrido, quando dois elementos distintos se reúnem anormalmente para originar um terceiro elemento, possuindo características dos dois elementos iniciais, mais reforçadas ou reduzidas⁷.

Relativamente à hibridez humana, considerava-se híbrido, um filho proveniente do cruzamento de espécies ou etnias distintas, ou, dentro do império romano, o filho de um pai romano e uma mãe estrangeira, ou o filho de um Homem livre e um escravo.

Desde cedo, este conceito tem vindo a ser reconhecido em várias civilizações distintas, independentemente da sua localização geográfica. Não apenas na mitologia clássica, o fascínio pela idealização de uma figura que é composta por duas espécies diferentes, sendo estas, frequentemente, entre animais e humanos, que surgem enquanto figuras híbridas. Alguns dos exemplos das primeiras figuras híbridas, imaginadas pelo ser humano, foram os centauros, atribuídos com características físicas de um cavalo e um humano; sereias, parte humano, parte peixe; medusas, com serpentes no lugar do cabelo, entre outros.⁸

Figura 2 - Medusa | Pintura por Peter Paul Rubens, 1618



⁷ Fonte: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/hibrido/>

⁸ Fonte: <https://pt.scribd.com/document/13171665/List-Greek-Hybrid-Creatures>

Sucintamente, a definição de hibridez, referente a termos biológicos, trata-se do cruzamento entre duas espécies distintas. No entanto, no seguimento do presente trabalho, a adaptação para objetos não biológicos, não deve ser literal. As definições de híbrido remetem para a criação de algo irregular e/ou anômalo, que não se torna pertinente para o estudo. Deve-se, então, adotar a definição enquanto conceito linguístico, para que este possa ser mais operativo. Ou seja, o objeto híbrido é aquele que reúne elementos de diferentes origens (Monteiro, 2006).

“O objeto híbrido é sempre um objeto a meio (entre tempos, entre tipologias, entre processos). Um objeto que resulta de colisões muito diversas: morfológicas, funcionais, tecnológicas, culturais, etc. O resultado será, então, um híbrido de diversas formas: objeto múltiplo, transitório, ambíguo, adulterado.”

(Monteiro, 2006, p. 20).

4.1.2 ARQUITETURA HÍBRIDA

Na arquitetura egípcia, a Esfinge de Gizé, que remete aproximadamente a dois mil e quinhentos anos antes de Cristo, surge como um híbrido morfológico, adotando o corpo de um leão e cabeça humana, possivelmente do Faraó Quéfren. Apesar da Esfinge de Gizé possuir um programa funcional, a característica de hibridez é aplicada à sua morfologia. No presente trabalho, procura-se incidir no estudo da arquitetura híbrida, que se baseia na combinação de programas e funções distintas.

Seguindo a lógica dos elementos híbridos biológicos, na arquitetura, pode-se equiparar os antecedentes ou genes distintos com os diferentes programas e funções de um edifício, que, ao colidirem, geram um edifício híbrido (Fenton, 1985).

Segundo Monteiro (2006), com o aparecimento de um objeto híbrido, pressupõe-se a existência do seu oposto – “o objeto puro?”. O objeto puro é aquele que não remete a outro, é o objeto que desempenha estritamente a sua função original e única, que se esgota em si próprio. No entanto, não se põe em causa a sua complexidade, sendo este, um edifício de programa único que se restringe apenas à sua função original.

Relativamente a um terceiro edifício, gerado através do cruzamento entre outros edifícios de programas e denominado como edifício híbrido, torna-se distinto de qualquer outro tipo. A diferença de dinamismo social e interativo de um edifício “puro” para edifício híbrido, deve-se à conjugação de diferentes funções e programas na mesma estrutura, originando vida e interação social no edifício (Zeidler, 1985).

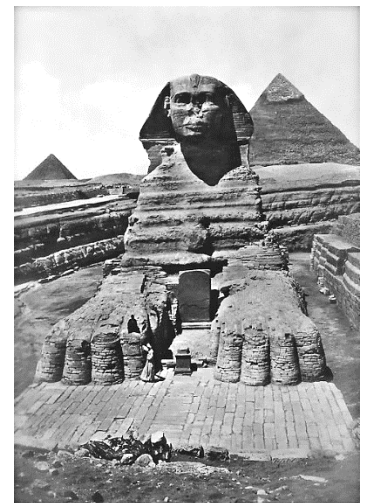


Figura 3 – Esfinge de Gizé, postal egípcio | Fotografia por Lehnert & Landrock, 1940s.

“I’m interested in the moment when two objects collide and generate a third. The third object is where the interesting work is.”

(Mau, APUD Monteiro, 2006, p. 20)

Designa-se arquitetura híbrida, aquela que abrange edifícios que comportam programas distintos. Estes edifícios possuem uma variedade de programas, sejam estes públicos ou privados, e são fundamentalmente de carácter urbano, sendo que surgem como resposta às problemáticas existentes, não só à escala do edifício, mas também da cidade onde se insere.

Dadas as novas relações entre o edifício e o sistema urbano, o híbrido visa funcionar como elemento de transição, “em que a arquitetura emerge como ferramenta do urbanismo e o urbanismo intervém na arquitetura” (Cunha, 2012, p.27), proporcionando um novo uso do espaço público.

Os programas destes edifícios são desenhados como estratégia de integração urbana, interligando os seus espaços interiores ao espaço urbano, influenciando a envolvente, assim como a envolvente influencia o seu interior. E, assim, o edifício híbrido traduz-se em estruturas complexas (Mozas, 2011).

Contudo, a hibridez, a multifuncionalidade e ainda o uso misto, tratam-se, ainda, de conceitos pouco consensuais entre arquitetos e urbanistas. Muitas das vezes, os termos acabam aplicados através de critérios distintos (Dziura, 2009).

Os edifícios multifuncionais podem-se particularizar em edifícios híbridos. Ou seja, um edifício híbrido é sempre um edifício multifuncional, todavia, um edifício multifuncional nem sempre é um híbrido. Fenton (1985) afirma que a diferença entre os dois surge com as diferentes dimensões do edifício e a sua relação com a malha urbana, bem como a sua forma.

Figura 4 – Ponte de Vecchio | Florencia, Itália.



Por outro lado, um equipamento multifuncional, que embora englobe vários programas, não tem necessariamente de possuir uma grande escala. Pequenos complexos podem ser considerados como equipamentos multifuncionais. As funções desta natureza de edifícios podem integrar várias funções como a habitação, comércio, serviços, lazer, cultura, entretenimento, entre outros, contudo, não existe a necessidade de possuir todas estas componentes.

Os edifícios híbridos e multifuncionais partilham a maioria das suas premissas conceptuais. No entanto, os edifícios híbridos podem ser uma alternativa no processo de reconstituição do tecido urbano tratando-se de espaços que promovem variadas atividades que originam a convivência em partes distintas da cidade. Este conceito vem inserir um novo paradigma do viver na cidade (Rogers, 2008).

Ao longo do tempo, tomou-se conhecimento da existência de edifícios que combinam várias funções, como por exemplo, a casa sobre a loja e/ou oficina. Esta tipologia de edifício é considerada como edifício de uso misto⁹, aqueles que são compostos apenas de habitação, comércio e/ou serviços. Estes edifícios são representados pela utilização intensiva do lote, oferecendo uma maior vitalidade às zonas urbanas e suburbanas em que se inserem. Tratava-se da tipologia mais frequente, no entanto, o edifício híbrido adquiriu importância no fim do século XIX, início do século XX (Fenton, 1985). O edifício híbrido distingue-se do edifício de uso misto por existir um maior nível de complexidade programática e formal, possuindo mais de duas funções. Contudo, o edifício de uso misto destaca-se por possuir habitação e comércio e/ou serviços, sendo este mais comum nos centros urbanos, que, de acordo com Fenton (1985), é uma tipologia que é proveniente do período medieval, tendo-se prolongado até à atualidade.

Uma das principais características do híbrido trata-se da criação de confronto entre espaços públicos e privados que são proporcionados pelas diferentes funções, harmonizadas no mesmo edifício. Este confronto entre o público e o privado vem proporcionar uma vivência mais prolongada no edifício. Ou seja, o confronto entre espaços distintos, no mesmo complexo arquitetónico, torna o híbrido permeável, sendo que o espaço é apropriado por espaço público. A permeabilidade adquirida neste contexto vem proporcionar um movimento e dinâmica ao edifício, durante vinte e quatro horas, em que, tanto os seus programas e serviços, como o espaço público é utilizado durante todo o dia (Mozas, 2011). O edifício híbrido surge como o equipamento mais destinado ao incentivo às relações sociais.

E o que não é um Edifício Híbrido?

Com base nos princípios anteriormente mencionados, comete-se o erro de atribuir este conceito a vários tipos de edifícios. Não obstante, existem contradições que definem um edifício híbrido, ou não. Edifícios multifuncionais, como centros comerciais e hipermercados são projetados com uma estratégia oposta. É um facto, que estes edifícios surgem com atividades de lazer e escritórios como apoio à atividade comercial (Mozas, 2011). Estes edifícios fecham-se para a cidade e funcionam como um organismo independente. Casos como estes vêm contrariar as premissas base da arquitetura híbrida. Podem ser considerados multiusos, mas estão



Figura 5 – Edifício localizado na Rua da Prata, 243-247, em Lisboa - Exemplo de edifício de uso misto | Fotografia por João Guimarães.

⁹ Edifício de uso misto é uma expressão utilizada maioritariamente em Portugal.

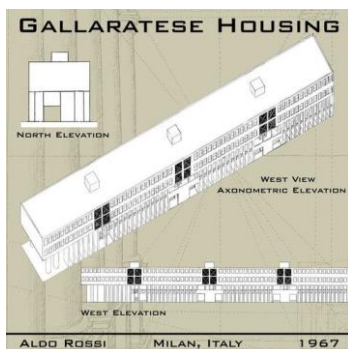


Figura 6 - Complexo de Gallarate, exemplo de condensador social | Aldo Rossi, Milão, Itália, 1967-1974.

Figura 7 – Implantação do complexo de Gallarate, isolado do contexto urbano | Milão, Itália.



fora dos centros urbanos e não se inserem na malha urbana. Assim, tornam-se desadequados enquanto solução de agregação com o meio envolvente.

Para além dos edifícios comerciais, opondo a perspectiva americana, o conceito de edifício multifuncional associado ao Movimento Construtivista¹⁰ e à União Soviética é afirmado como um condensador social (Per, 2011). Estes edifícios procuram usar como estratégia social a condensação de atividades no edifício, que combinam habitação com outras funções, de modo a influenciar o comportamento dos seus habitantes, através da partilha de vários espaços no seu interior. O edifício é para o usufruto restritamente dos seus habitantes e encontra-se implantado num local isolado na malha urbana e é de iniciativa pública, opondo-se ao edifício híbrido, que abrange diversas iniciativas. Os edifícios, enquanto condensadores sociais, passam a ser distinguidos dos edifícios multifuncionais, por não possuírem nenhuma ideologia pré-definida, sendo antes, condicionados por interesses privados e regulamentos urbanísticos.

“Enquanto o edifício híbrido se abre à cidade e vive dessa abertura e dessa relação e interação com a envolvente, o edifício condensador social procura influenciar o modo de habitar e a relação entre os espaços sociais e privados dos seus habitantes.”

(COSTA, 2016, p.17)

¹⁰ O Movimento Construtivista foi um movimento estético-político, que se desenvolveu na União Soviética na década de 1920, no contexto dos movimentos de vanguarda no país, que impactou a arquitetura e a arte ocidental. A arquitetura construtivista usufruiu dos avanços na engenharia e tecnologia sob uma ótica comunista. O movimento acabou por falhar por volta de 1932, após a construção de vários projetos pioneiros.

Assim, torna-se evidente que o Condensador Social se opõe à ideologia do edifício híbrido. Apesar da sua multifuncionalidade, o condensador social possui uma estratégia que visa consolidar uma comunidade específica isoladamente, enquanto que o edifício híbrido estabelece uma relação com o seu contexto urbano. Deste modo, os edifícios híbridos, não devem apenas integrar funções no seu interior, mas também devem incorporar com o contexto urbano. Assim, os edifícios de dimensões reduzidas e grandes complexos podem ser considerados híbridos (Dziura, 2009).

Contrariamente ao contexto norte-americano, em que os edifícios híbridos surgem, o presente trabalho irá descartar uma das características do híbrido: as suas grandes dimensões. O projeto apresentado no capítulo 6, tem como objetivo enquadrar-se naquilo que é a arquitetura portuguesa, mais especificamente, a arquitetura da vila de Cascais e no contexto de bairro. Assim, o foco incide nas restantes características, sendo estas: a combinação de várias funções distintas, a ligação com o meio urbano envolvente através da sua permeabilidade, formando espaços transitórios entre o público e o privado e conseqüentemente, a sua sociabilidade.

4.2 O HÍBRIDO ENQUANTO ESTRATÉGIA GERADORA DE RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

A potencialização do híbrido enquanto gerador de relações intergeracionais, torna-se pertinente no âmbito da futura inserção populacional mais jovem no Bairro Marechal Carmona, mantendo também a população atual, maioritariamente idosa. O híbrido enquanto gerador de relações intergeracionais, toma como base estratégica duas das suas principais características: o programa e a sociabilidade.

Como foi referido nos anteriores subcapítulos, sobre programas intergeracionais, a característica programática mais benéfica e eficaz, surge no âmbito educacional. A partilha de conhecimentos, habilidades e experiências que cada faixa etária domina, com os mais leigos, proporciona um momento de interesse entre os jovens e idosos, capaz de iniciar uma relação intergeracional. Esta relação social pode trazer todos os benefícios individuais e coletivos anteriormente estudados. No contexto do presente trabalho, pretende-se criar uma estratégia programática que tire partido de todos estes benefícios, originando o bem-estar mental, social e físico entre todos os seus participantes. O edifício híbrido surge de forma oportuna na conjugação de todos estes programas distintos.

Quanto à sociabilidade, característica-chave do híbrido, ao qual visa relacionar o público com o privado, procura-se proporcionar um espaço permeável e intermediário de qualidade, que convide a permanência. Estes espaços intermédios devem ser pensados enquanto lugares que correspondem às necessidades de cada faixa etária, facilitando o contacto social. Para além das divisões do edifício que possuem um programa específico e automaticamente a relação intergeracional acontece, pretende-se que os espaços de transição, sejam estes interiores ou exteriores, acolham os seus participantes à sua permanência para o convívio social.

05

CASOS DE REFERÊNCIA

05 PROJETOS DE REFERÊNCIA

O conjunto de casos de referência selecionados, surgem enquanto transição entre a componente teórica e a prática, como ponto inicial do processo de projeto. O conhecimento retirado após análise das seguintes referências, simultaneamente com a componente teórica será aplicada na execução prática do projeto que se propõe realizar.

As referências que se seguem, possuem e abordam características próprias e pertinentes para a execução da proposta, como a sua morfologia, função, programática, conceito e dinâmica social.

Dado que o projeto que se propõe realizar, possui uma componente urbana e uma arquitetônica, o presente capítulo será organizado de acordo com essa premissa.

Ao todo serão apresentados sete projetos, dois deles enquanto referência ao projeto de plano urbano, e os restantes três ao edifício proposto e as suas componentes e estratégias arquitetônicas. Com as referências urbanas, pretende-se analisar a questão habitacional e a sua relação com o espaço público, através seguintes projetos: *Traumhaus Funari* de MVRDV e a Habitação Social de Alvenaria de Fala Atelier. Quanto ao projeto de arquitetura, serão estudados projetos que abrangem a componente programática, conceptual, social e arquitetônica, sendo estes: a Escola de Música em Bressanone de Aires Matteus + GSMM Architetti, a Porta Norte de Manuel Táinha, o Museu M.H. De Young de Herzog & De Meuron, *Concrete* de OMA e por fim o Centro Social e Cultural de Malcotti Roussey Architectes + Thierry Gheza.

Assim, o conjunto variado de estratégias estudadas, será reinterpretada para o projeto proposto.

5.1 TRAUMHAUS FUNARI | MVRDV



Figura 8 - Volumetria proposta para Traumhaus Funari | MVRDV

Em 2015, MVRDV, em parceria com *Traumhaus*, propuseram um projeto residencial com cerca de 27000 m², na cidade de Mannheim na Alemanha. Esta proposta responde ao estado atual dos subúrbios contemporâneos como parte de reconstrução do antigo quartel do exército dos Estados Unidos da América.

O seu desenho urbano afirma-se como uma zona residencial com diversidade tipológica, que visa atrair vários tipos de habitantes, tratando-se de um projeto composto pelo modelo habitacional tradicional, com diversas variações, de modo a que cada tipologia suporte diferentes necessidades dos agregados familiares e demográficas. Oferece aos seus habitantes um estilo de vida em que o espírito de comunidade impera num subúrbio economicamente acessível. Para além de se tratar de habitação acessível de alta qualidade, o projeto é ainda composto por jardins e espaços públicos, de forma a potencializar os fatores sociais e comunitários (figura 12).

“The collaboration combines tradition with extravaganza, experience with experimentation, quality with quantity, sharing the ideal of variety and social access with innovation and realization.”¹¹

Com o incentivo à grande variedade de habitantes nesta área, MVRDV anseia transformar a atual ideia de habitar nas aldeias com famílias segregadas numa comunidade ricamente diversificada onde a individualidade e qualidade de vida são primordiais.

Cada fogo possui um pequeno jardim, aos quais, as suas tipologias variam bastante, assim como as tipologias das habitações. No entanto, os habitantes poderão escolher o ambiente exterior que cada tipologia pode oferecer, seja com espaços para as crianças correrem e brincarem ou um espaço para ajardinar.

O projeto propõe ainda, que a zona urbana seja totalmente pedonal e erradique qualquer fronteira com o parque que a envolve. Contudo, não existirão dificuldades no acesso às suas propriedades de veículo automóvel, pois estas são servidas com parque subterrâneo que ocupa toda a área de implantação do projeto. Esta proposta permite que todo o espaço térreo seja seguro, verde e convidativo à permanência de famílias. No entanto, é sugerido e encorajado que os habitantes usem os transportes públicos disponibilizados no local, exceto quando se trata de uma emergência.

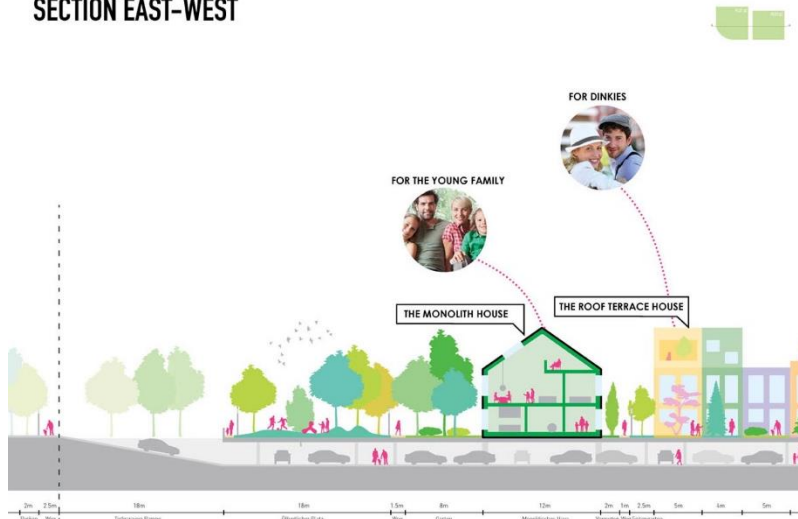
Trate-se de estudantes ou idosos, individualistas ou grandes agregados familiares, a proposta de MVRDV disponibiliza um leque de opções que satisfazem diferentes interesses e necessidades, completando a sua individualidade com a sua escolha de habitação. As habitações estão divididas em cinco tipologias diferentes (figura 13) ao qual, cada uma delas está idealizada para um grupo de habitantes específico (com base numa proporção definida pelos diferentes estilos de vida, estimulando a diversidade numa escala ainda mais local. Esta diversidade torna-se inevitável, evitando assim a gentrificação ou a exclusão da comunidade, ao contrário da maioria das zonas residenciais.

¹¹ Fonte: <https://www.mvrdv.nl/projects/239/traumhaus-funari>



Figura 10 – Proposta para Traumhaus Funari | MVRDV

SECTION EAST-WEST



SECTION EAST-WEST



Figura 9 – Corte Este-Oeste das tipologias habitacionais, Traumhaus Funari | MVRDV

5.2 HABITAÇÃO SOCIAL DE ALVENARIA | FALA ATELIER



Figura 11 – Maqueta proposta para o Bairro de Alvenaria | Fala Atelier

A Câmara Municipal de Lisboa lançou, em 2013, com o apoio da Secção Regional do Sul da Ordem dos Arquitetos (OASRS), um concurso público de conceção da solução urbana e arquitetónica para a Zona de Alvenaria do Bairro da Boavista, em Lisboa.

A CML, através deste concurso, pretende *"promover a requalificação da denominada "Zona de Alvenaria" do Bairro da Boavista, em Lisboa, através da demolição e substituição faseada do edificado atualmente existente - construído com carácter provisório nas décadas de 40 e 50 do século XX, constituído por cerca de 510 edifícios unifamiliares de dois pisos em banda, com implantação de 3m de frente e 7m de profundidade, que se encontram em avançado estado de degradação."*¹²

O Fala Atelier realizou uma proposta em que o bairro se tornaria numa plataforma móvel, através de uma materialização do projeto baseada numa estrutura metálica pré-fabricada, criando módulos com variações e multiplicações que permitem que as habitações se desenvolvam de forma iterativa.

As varandas para a rua acrescentam à componente social, existindo uma relação de proximidade com os outros habitantes e o restante bairro (figura 16).

Para relacionar o espaço arquitetónico com a natureza, existem pequenas hortas nas habitações, que acrescentam também, cor à paisagem.

Com a capacidade de iteração nas habitações, os moradores têm a possibilidade de transformar a sua habitação de acordo com os seus desejos, criando assim o seu universo.

Figura 12 – Ambiente proposto para os pátios do Bairro de Alvenaria | Fala Atelier



¹² Fonte: <https://www.oasrn.org/concursos.php?pag=noticia&id=94>



Figura 13 - Competição Habitação Social | Fala Atelier



Figura 14 – Relação entre o privado e o social nas habitações | Fala Atelier

5.3 ESCOLA DE MÚSICA DE BRESSANONE | AIRES MATEUS + GSMM ARCHITETTI

Em 2014, a câmara municipal de Bressanone, em Itália, lançou um concurso de Arquitetura, que visava selecionar a futura escola local de música. A escola de Música de Aires Mateus e GSMM Architetti, embora não tenha sido vencedora do concurso, está entre as menções honrosas.

A proposta de Aires Mateus e GSMM Architetti apresenta várias estratégias urbanas que reforça a ideia de projeto “como uma nova porta da cidade”.

Segundo os arquitetos, o projeto apresenta uma geometria simples e linear e ajuda a solucionar diferentes questões urbanas, que em conjunto com as estratégias urbanas propostas fortalecem a ideia do edifício como uma nova porta da cidade. O edifício estabelece uma nova hierarquia entre a nova praça pedonal e as ruas do centro histórico face aos espaços mais abertos a norte.

A simples arquitetura do edifício ocupa uma área de implantação de 3 539m². O edifício possui um pátio interior que se estabelece enquanto momento de transição entre a chegada ao local e o acesso à cidade (figura 16).

Internamente, as salas de aula estão dispostas em torno do seu amplo pátio, reforçando a sua importância como valor simbólico, para a escola, mas também para a cidade. O sentido de comunidade e pertencimento entre os alunos é reforçado através da relação visual que é criada entre o pátio interior e as salas de aula.

O programa funcional do edifício traduz-se em duas direções cartesianas ao qual o pátio está estruturado. Na direção horizontal no piso térreo do edifício, destacam-se as amplas galerias, assim como a suspensão do piso superior do edifício (figura 17), que enfatizam o acesso aos diferentes programas do edifício. Por outro lado, a segunda direção, é determinada por uma rampa que une verticalmente os espaços abertos do piso térreo e os pisos superiores, num único gesto (figura 18).

Figura 15 – Entrada na Escola de Música de Bressanone | Aires Mateus + GSMM Architetti





Figura 16 – Patio Interior da Escola de Música de Bressanone | Aires Mateus + GSMM Architetti



Figura 17 – Alçado principal da Escola de Música de Bressanone | Aires Mateus + GSMM Architetti



Figura 18 – Circulação Vertical exterior em rampa | Aires Mateus + GSMM Architetti

5.4 PORTA NORTE – EXPO '98 | MANUEL TAÍNHA



Figura 19 – Maquete conceptual para a Porta Norte Expo '98 | Manuel Tainha

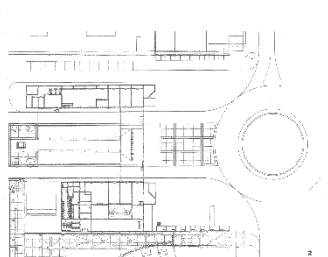


Figura 20 – Planta térrea da Porta Norte Expo '98 | Manuel Tainha

Em 1996, Manuel Tainha apresenta um dos símbolos da exposição, como projeto integrante da Expo '98 em Lisboa, junto ao atual Campus da Justiça no Parque das Nações.

Segundo o arquiteto, o ingresso ao recinto da Expo '98 fez-se consoante uma sequência de três momentos diferentes, a que correspondem diferentes qualidades de espaços e ambientes.

Num primeiro momento, encontra-se a grande praça circular que precede à porta, tratando-se de um espaço de alívio e de desafogo, onde tudo pode acontecer. Durante a exposição, era também o local de compra de bilhetes de acesso (figura 20).

De seguida, num segundo momento, sendo esta a entrada propriamente dita, entra-se num espaço arquitetónico de “aperto” (figura 21), onde tudo se ordena, dispondo aos visitantes, os torniquetes de controlo, que é abrigada por uma vasta cobertura alargada a toda a frente da Alameda Central. No momento da exposição, é possível visualizar-se a área de espera que lhe sucede em plano próximo, e em planos mais longínquos, todos os factos presentes na grande Alameda Central até à torre da Porta Sul.

Por último, o terceiro momento, o espaço volta-se a expandir na Praça interior, agora às alturas de uma estrutura de ensombramento com 15 metros de altura, como se fosse uma espécie de concha fendida a meio. Neste espaço, localizam-se ainda os serviços de porta de apoio, ao visitante.

Arquiteticamente, considera-se que a Porta Norte seja um combinado de situações “em que alternam a visão distante e a visão próxima; o geral e o fragmento” (Tainha, 2002, p. 217).

A luz natural e artificial no edifício, possuem um papel decisivo a desempenhar na alternância entre o dia e a noite, como elemento de transfiguração da Porta, sendo que as superfícies de ensombramento são constituídas por tabuado de madeira com um distanciamento de 0,03 m entre elementos (figura 22). Durante o dia, a luz natural é filtrada através dos espaçamentos entre os elementos de madeira, através destas frestas para o exterior, dando à grande peça de ensombramento uma visão que é fulcral para o aspeto visual noturno da sua figura.

Após a Expo '98, de todos os elementos que formaram a Porta Norte, apenas permanecem os pórticos metálicos centrais, “esbeltos e perfilados como guerreiros, espécie de representação teatral da rebelião da porta contra o infortúnio do seu anunciado fim” (Tainha, 2002, p. 220).



Figura 21 – Porta Norte Expo '98 | Manuel Tainha



Figura 22 – Superfície de ensombramento com entabuado da Porta Norte Expo '98 | Manuel Tainha

5.5 MUSEU M.H. DE YOUNG | HERZOG & DE MEURON

M.H. de Young é um museu localizado em São Francisco, nos Estados Unidos da América, projectado entre 2000 e 2002 e posteriormente construído e finalizado em 2005, por Herzog & De Meuron. O museu acolhe uma série de coleções, que representam a diversidade cultural de todo o mundo. A arquitectura do novo edifício procura comunicar essa diversidade, através de uma personificação do conceito aberto de arte promovido pelo museu. O edifício dá lugar a diferentes culturas e ao mesmo tempo, é um lugar de base comum, onde a diversidade se encontra e cruza.

A natureza em abundância é um dos elementos que integra o edifício, com árvores, plantas e água. Os três elementos paralelos não se encontram lado a lado como recipientes separados de arte abstrata, mas sim, estão interligados e interrelacionados para que os espectadores vivenciem no espaço as interfaces e áreas de atrito entre as culturas representadas no museu.

A estrutura tripartida do edifício, permite que o Parque Golden Gate invada o museu. Esta estratégia arquitetónica permite criar a arquitetura do novo edifício permeável (figura 23), aberta e convidativa aos habitantes de São Francisco. Para enfatizar este convite a habitar o espaço, todo o primeiro piso é gratuito, incluindo o saguão, o pátio principal, o restaurante, a loja do museu, a galeria infantil e ainda o topo da torre, onde se encontra um *deck* panorâmico que permite a vista sobre o parque e a cidade.

A segunda estratégia arquitetónica envolve a cobertura, que expressa o gesto coletivo do encontro social entre os habitantes do espaço. O espaço é projetado até ao *Japanese Tea Garden*, e oferece um lugar exterior bastante agradável, independentemente das condições climáticas. O telhado é composto por uma estrutura filigranada que projeta padrões intrincados de luz e sombra no solo.

O terceiro elemento arquitetónico é a *Education Tower*, que se assume enquanto ponto de referência identificável, junto ao caminho de JFK no parque Golden Gate e da cidade. A torre é literalmente, a articulação entre o museu e a cidade.

Subjacente ao desenho do novo Museu De Young existe a ideia de que este deverá ser integrado na paisagem natural do parque. Atendendo às recomendações contra um exterior revestido a madeira, Herzog & De Meuron, selecionam o cobre como materialidade apropriada para o edifício. O padrão projetado nas superfícies de cobre que compõem a pele do edifício (figura 24 e 25), é desenhada com base na impressão causada pela luz filtrada pela copa de uma árvore, criando uma abstração que se integra no cenário do parque arborizado de De Young. No entanto, o resultado rigoroso não agradou aos arquitetos, tendo sido necessário recorrer a um *software* customizado encomendado, para otimizar o processo de desenho dos furos, de forma a obter um desenho mais aleatório e esteticamente apelativo. Para além dos furos, também foi criado um desenho para covas e relevos na fachada, posteriormente sobreposta ao desenho dos furos.¹³

¹³ Fonte: <https://aiacalifornia.org/the-skin-of-the-deyoung/>



Figura 23 – Permeabilidade do Museu M.H. De Young | Herzog & De Meuron

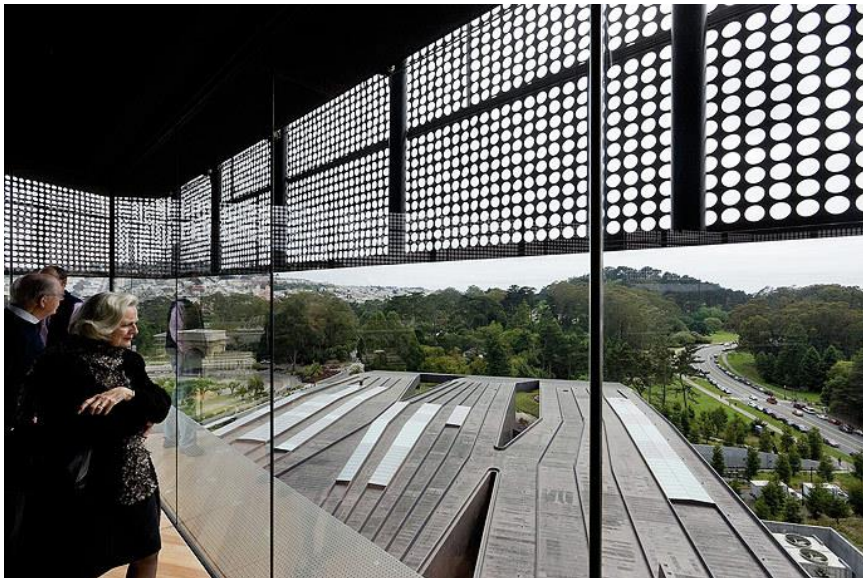


Figura 24 – Interior e fachada do Museu M.H. De Young | Herzog & De Meuron

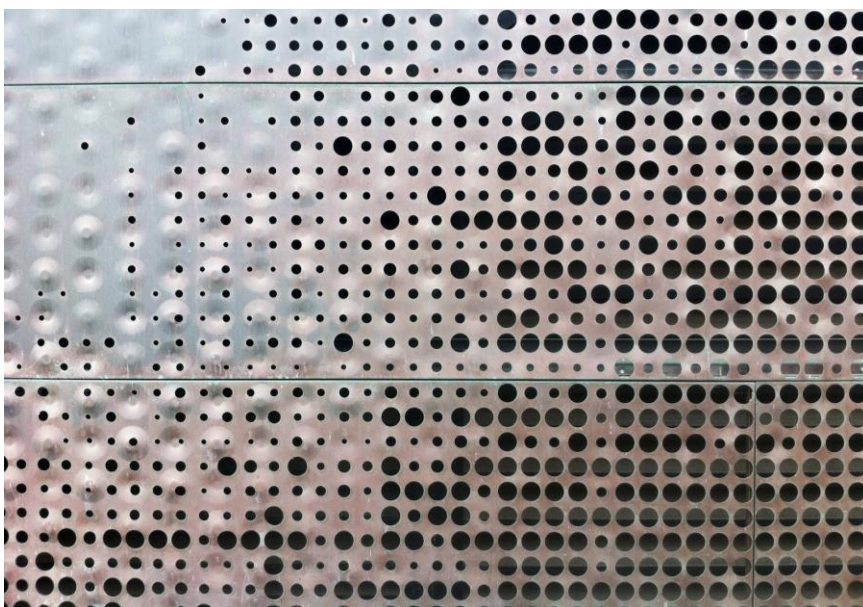


Figura 25 – Pormenor da fachada perfurada do Museu M.H. De Young | Herzog & De Meuron

5.6 CONCRETE EM ALSERKAL AVENUE | OMA

Na zona industrial de Al Qouz no Dubai, a Avenida de Alserkal, fundada em 2007, surge com o objetivo de promover iniciativas culturais na região. Desde então, esta zona tornou-se a de maior relevância do Dubai, no que toca a arte, incorporando vinte e cinco galerias e espaços de arte.

Concrete, o edifício desenhado por OMA em 2017, surge enquanto resposta à necessidade de um espaço público mais central, que possa acolher um programa diverso. O armazém possui 1 250 m² e proporciona um espaço versátil e multifuncional com o propósito de acomodar uma série de eventos públicos como exposições, performances, palestras e eventos de moda.

De modo a maximizar a área de eventos, a estratégia de organização dá-se com a consolidação dos serviços num dos extremos do edifício, permitindo que a entrada e os espaços de eventos estejam situados próximos do “*The Yard*” – a praça pública principal do distrito.

O seu interior, possui uma planta flexível para acomodar a diversidade programática pretendida. Dependendo das necessidades de cada evento, existem quatro paredes rotativas e deslizantes, de 8.10m de altura, que se adaptam para criar múltiplas configurações espaciais (figura 27). Para manter o espaço fluído, todo o equipamento interior foi integrado no teto (figura 28), libertando os pavimentos e paredes para qualquer necessidade. Existem duas claraboias lineares que estão posicionadas sobre as paredes moveis, que permitem a entrada de estreitos raios de luz ou até uma grande exposição solar, dependendo da configuração.

A fachada frontal original do armazém foi substituída por portas operáveis de altura total e revestidas a policarbonato (figura 24). Estas portas permitem a que o espaço interior se expanda para o exterior, fundindo-se num espaço único quando necessário. O policarbonato permite a passagem da luz natural através do edifício e a sua translucidez permite o contacto visual com o exterior. A restante fachada do antigo armazém foi mantida e reforçada com uma mistura de betão com aglomerados de vidro e espelho. O aspeto visual destas fachadas fazem com que o edifício se destaque visualmente na Avenida Alserkal (figura 30).

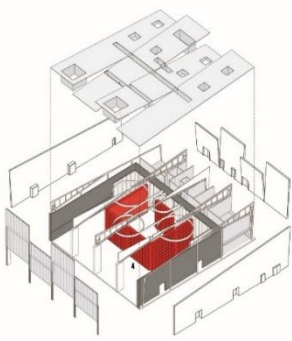


Figura 26 – Axonometria explodida de *Concrete*

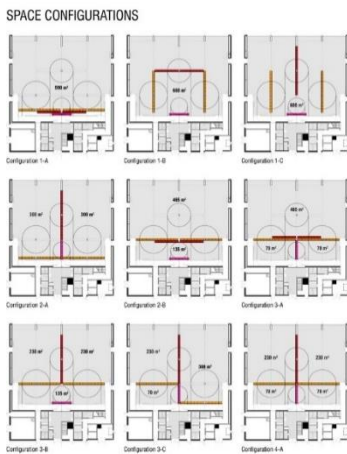


Figura 27 – Possíveis configurações das paredes móveis do interior de *Concrete* | OMA

Figura 28 – Secção da maquete de *Concrete* | OMA





Figura 29 – Fachada Principal de Concrete | OMA



Figura 30 – Fachada Posterior de Concrete | OMA

5.7 CENTRO SOCIAL E CULTURAL DE GIROMAGNY | MALCOTTI ROUSSEY ARCHITECTES + THIERRY GHEZA

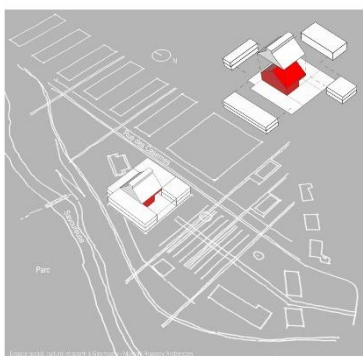


Figura 31 – Axonometria explodida do Centro Social e Cultural de Giromagny | Malcotti Roussey Architectes + Thierry Gheza

Roussey Architectes e Thierry Gheza compõem a equipa de arquitetos que se propôs a apresentar um projeto de requalificação de um terreno baldio militar liderado pela cidade de Giromagny, em França. No terreno existe um edifício ao qual foi requalificado e integrado no projeto e está inserido na grelha ortogonal do antigo quartel. Este encontra-se localizado no lugar exato do antigo edifício da administração e dos antigos estábulos cujos leves vestígios subsistem.

A Oeste, o local é delimitado por um grande parque localizado no centro da cidade, onde existe um pequeno rio «*La Savoureuse*», que dá o nome ao edifício. O centro social proposto, é o ponto de convergência de muitos trilhos de caminhada, e vias conectadas ao centro da cidade, que permitem meios de transporte pouco intrusivos.

O edifício é composto por dois pisos, envolvendo um pequeno teatro preexistente, construído em 1980. O edifício é absorvido e implantado no centro de gravidade do novo complexo: o teatro que revitaliza o valor cultural e o complexo, em troca, permite um novo potencial de público uma nova atividade. A proeminência da cobertura redesenhada forma o sinal do novo edifício (figura 31).

Este projeto possui uma grande variedade de programas intergeracionais, como um auditório, um hall multifuncional para atividades desportivas, biblioteca, espaço para artesanato, um espaço para programação diurna prolongada, espaços de escritórios e salas técnicas dedicadas. Todas estas áreas são articuladas através de um espaço distributivo: o *hall* de entrada, um espaço amplo de áreas generosas e duplo pé direito. No exterior, será um volume coberto e ligeiramente elevado em relação à estrada – desta forma os peões permanecerão protegidos do trânsito.

Este aparelho de disposição centrada (figura 32), permite uma otimização da circulação, uma planta eficiente (em curtas distâncias) e um controlo fácil. Também permite a polaridade: o centro reúne e funciona como uma lareira. A grande consistência do edifício permite aplicar os princípios bioclimáticos básicos sobre ele e otimizar o conforto de verão e os ganhos solares em todas as fachadas.

O edifício é revestido a uma dupla pele metálica (figura 33), composta por dispositivos de sombreamento, que permite a proteção à exposição solar no verão e a sua passagem no inverno. Este jogo de filtros proporciona uma boa variedade de percepções internas e externas.

O hall de entrada do edifício, dá continuidade à lógica rigorosa do edifício e desdobra-se para formar um lugar de multiusos: estacionamento, parque infantil e campos de voleibol. A simples e rigorosa geometria da paisagem é quebrada pelos campos de jogos.

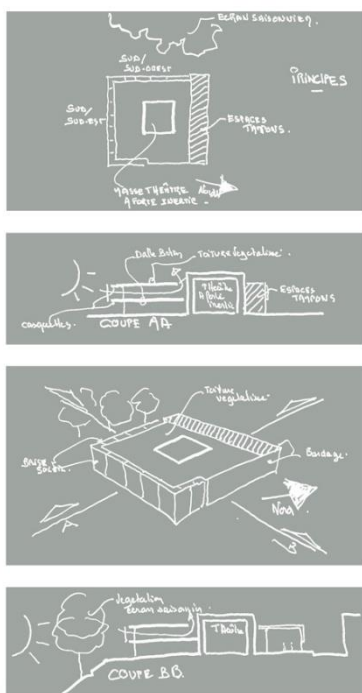


Figura 32 – Desenhos esquemáticos organizativos do edifício e da sua exposição solar e ensombramento do Centro Social e Cultural de Giromagny | Malcotti Roussey Architectes + Thierry Gheza



Figura 33 – Pele metálica enquanto elemento de ensombramento do Centro Social e Cultural de Giromagny | Malcotti Roussey Architectes + Thierry Gheza



Figura 34 – Espaço multiusos do Centro Social e Cultural de Giromagny | Malcotti Roussey Architectes + Thierry Gheza

5.8 SÍNTESE

A análise da seleção de projetos apresentada anteriormente, permite retirar os elementos-chave pretendidos, aplicando-os enquanto conceitos no projeto final.

Num contexto urbano existem duas referências: *Traumhaus Funari* e a Habitação Social de Alvenaria.

Traumhaus Funari apresenta uma proposta urbana com habitações e espaços públicos qualificados de qualidade, com valores acessíveis. *Traumhaus* destaca-se enquanto referência nesta intenção e em várias outras, como na variedade tipológica, com características sociais distintas que pretende satisfazer os interesses e necessidades de todos os habitantes. Outro elemento chave que este projeto propõe, é um bairro totalmente pedonável, com um estacionamento em toda a sua área subterrânea.

A Habitação Social de Alvenaria propõe uma tipologia habitacional que possui varandas direcionadas para a rua, gerando uma relação de proximidade com os seus habitantes e o restante bairro, enfatizando a componente social. Pretende-se usar esta estratégia para uma das diferentes zonas habitacionais.

Quanto às referências arquitetónicas, foram apresentados cinco projetos: a Escola de Música, a Porta Norte, o Museu M.H. De Young, *Concrete* e o Centro Social e Cultural. Alguns projetos de referência partilham características a reter, mas também se distinguem por características únicas.

A Escola de Música enquanto nova porta da cidade, torna-se numa referência fundamental para o projeto, em simultâneo com a funcionalidade, conceito e morfologia da Porta Norte.

Ainda da Escola de Música, retira-se a parte programática, a música, como elemento integrante para o projeto proposto. Também a sua disposição e simples organização em torno de um pátio, à semelhança do Centro Social e Cultural. A sua morfologia permeável permite a solução de diferentes questões urbanas, em conjunto com o seu plano urbano. Pretende-se também aplicar o conceito de uma comunicação vertical, ao longo do edifício no seu pátio, permitindo que se torne num lugar de encontros sociais.

A Porta Norte, o Museu M.H. De Young, e o Centro Social e Cultural partilham uma característica de referência em comum, particularmente o Museu, que se trata da sua pele enquanto elemento de controlo de insolação. Trata-se de uma questão pertinente, com o seu valor estético e funcional, capaz de poupar gastos elétricos do edifício.

Concrete surge enquanto referência para um espaço multifuncional no edifício, que pretende dar lugar a exposições artísticas, mas também a espaços sociais, consoante a necessidade. A sua versatilidade de elementos verticais permite a fácil adaptação ao acontecimento do momento.

Por fim, o Centro Social e Cultural, direcionado às questões intergeracionais, permite verificar a aplicação de programas culturais como um elo entre as duas gerações.

06

ENCONTRO DE GERAÇÕES

06 ENCONTRO DE GERAÇÕES

A estrutura do presente capítulo está dividida em três fases, que visam um melhor entendimento dos princípios aplicados.

Inicia-se com o contexto histórico de Cascais e do Bairro Marechal Carmona – tornando-se fundamental a sua compreensão histórica, económica e social para o desenvolvimento do trabalho.

De seguida, o projeto de regeneração urbana para o bairro, que abrange o seu contexto atual, a estratégia de intervenção e a sua proposta final

E por fim, o *Encontro de Gerações*, subcapítulo destinado ao Híbrido enquanto Gerador de Relações Intergeracionais. Pretende-se aplicar os conceitos estudados nos capítulos anteriores, assim como os conceitos arquitetónicos presentes nos casos de estudo. O híbrido como uma nova centralidade na cidade de Cascais, ponto de entrada do Bairro Marechal Carmona e a sua variedade programática, surge enquanto produto resultante dos conceitos teóricos aplicados, de forma a dar resposta aos problemas atuais.

6.1 CONTEXTO HISTÓRICO DE CASCAIS

Subsistem testemunhos e registos na vila de Cascais desde o Paleolítico, cerca de quinhentos séculos Antes de Cristo. A sua localização (proximidade de Lisboa e do Estuário do Tejo) e clima foram dos elementos fulcrais para a escolha e permanência no concelho desde os mais remotos tempos.

No entanto, procede-se a uma análise substantiva do lugar que sintetize os acontecimentos históricos fundamentais para o desenvolvimento e compreensão do tema em estudo.

6.1.1 DO VAPOR AO TURISMO

No fim do século XIX deu-se início à concretização de várias propostas e projetos para a linha férrea, que faria a ligação entre Lisboa e Cascais, sendo que só a 30 de setembro de 1889 foram inauguradas as carreiras a vapor. Inicialmente, a linha de Cascais possuía apenas duas vias de circulação, entre Pedrouços e Cascais – sendo posteriormente estendida até Alcântara-Mar em 1890, e ao Cais do Sodré em 1895 - nomeado como “Ramal de Cascais”. No entanto, este ramal não possuía ligação com a restante rede ferroviária. Para que os passageiros vindos do centro de Lisboa tivessem acesso à vila de Cascais, teriam de recorrer ao barco como meio de transporte até Pedrouços, pois não existia nenhum transporte mais rápido e eficiente.

A linha férrea assumiu-se como o maior instrumento de desenvolvimento do concelho, que se afirmou como estância turística de referência, apoiando a ocupação do litoral do concelho de Cascais (Henriques, 2014).

Figura 35 – Estação de Cascais (vista pelo exterior) | Autor desconhecido, meados da década de 1890.



Com a reconstrução das estradas para Oeiras e Sintra, assim como com a implementação das carreiras a vapor de acesso a Cascais, emerge o interesse na descoberta da atual Costa do Sol¹⁴ por parte dos Lisboetas, nos dias serenos de verão e no entardecer morno de Inverno (D'Encarnação, 1976). Desde então, desenvolve-se uma nova moda assente em pressupostos terapêuticos. Esta prática impõe-se como forma de ócio, em função do desejo de valorização da burguesia (Henriques, 2014).



Figura 36 – Banhistas na Praia da Ribeira | Coleção Antiga do Município – Arquivo Histórico Municipal, 1900.

Com o aumento da fama do clima e das praias Cascalenses, a vila cria uma atração a importantes políticos e personalidades, tornando este lugar num destino elitista (Henriques, 2014).

Surgem assim, mais palacetes, quintas e casas nobres de refinada arquitetura, a chamada arquitetura de veraneio¹⁵, tanto na zona rural como ao longo da Costa, à beira-mar. Entretanto, no interior da vila, a população continua a dedicar-se à agricultura, onde vingam as hortas e a tradição mourisca, obtendo abundância em legumes, servindo de apoio à indústria turística (D'Encarnação, 1976).

Também a Câmara Municipal de Cascais priorizou a qualificação de espaços públicos, como a Parada que instalaria o Sporting Club de Cascais e recebeu imediatamente a alta sociedade a banhos, assim como o Casino da Praia, junto à foz da Ribeira da Vinhas, que funcionara como centro de reunião da colónia balnear.

Instalaram-se também hotéis, teatros e casinos e criaram-se circuitos de passeio. Este conjunto de elementos caracteriza a introdução do turismo contemporâneo, de que só as elites beneficiaram anteriormente, agora alargado, atingindo uma dimensão densificada (Silva, 2010).

Dada a descoberta da nova vocação da vila, nomeadamente o lazer, os banhos, a forte presença de natureza na paisagem, a hotelaria e arquitetura – Cascais é agora considerada como a capital do lazer e turismo.

¹⁴ Designa-se por Costa do Sol (designação oficializada apenas em 1935) parte da costa da Península Lisboeta que tem início no estuário do Tejo e se alonga pelas praias de Oeiras e Carcavelos até ao Guincho.

¹⁵ Arquitectura de Veraneio: “*Por ela entendo, como a sua designação indica, as casas, quase sempre moradias unifamiliares, que foram construídas para uso estival, embora, desde sempre, algumas delas fossem ocupadas durante todo o ano.*” (Silva, 2010, p. 14).

Figura 37 – Arquitetura de Veraneio na praia da Ribeira no séc. XIX. | Henriques, 2014.



6.1.2 HABITAÇÃO DEGRADADA

Apesar de toda a riqueza aparente, Cascais não é exceção, quando se refere às desigualdades económicas e sociais. Este contraste social e arquitetónico não é novidade.

O século XIX, remonta à época de industrialização. O período em que a população mais carenciada, que se ocupa profissionalmente da agricultura, provém dos subúrbios para a cidade, tendo como principal objetivo, a oportunidade de emprego na indústria e comércio, ou seja, nas atividades mais lucrativas e menos sujeitas aos condicionalismos do tempo (D'Encarnação, 1976).

As famílias ao chegarem das províncias depararam-se com as habitações de luxo existentes. Surgiu então a necessidade de acesso à habitação mais económica. Assim, o contraste entre os palacetes da alta burguesia – arquitetura de veraneio - e as habitações com condições precárias, torna-se visível na paisagem Cascalense.



Figura 38 – Habitação de famílias provincianas | Cascais.

Entretanto, ergue-se um movimento humanitário, semelhante ao que se passara na Europa com a introdução da indústria, que procura minorar as precárias condições de habitação dos provincianos.

Trata-se da “Iniciativa Patriótica de Instituição Memorativa do Regimento de Infantaria nº. 19 de Cascais”¹⁶, uma instituição que, em 1906, é noticiada pela Imprensa Nacional possuindo como principais objetivos a construção de habitações económicas para famílias carenciadas, que eram descritas como uma colónia composta por “(...) *modestas vivendas abarracadas (...) destinadas ao alojamento gratuito*” de famílias numerosas. (D’Encarnação, 1976, p. 29).

Os chamados pátios, situados em Lisboa, onde centenas de “*famílias operárias são obrigadas a procurar alojamento em espaços desocupados ou em velhos pardeiros arruinados, onde improvisam elas próprias precárias habitações ou se acomodam de qualquer maneira*” (Pereira, 1994, p. 511), são agora realidades encontradas por toda a parte, nomeadamente Cascais.

¹⁶ Para saber mais, consultar: *Projeto de Estatutos da Instituição Memorativa do Regimento de Infantaria nº19 de Cascaes* (1906) Lisboa Imprensa Nacional : https://biblioteca.cascais.pt/bibliotecadigital/168029/168029_item1/168029_PDF/168029_PDF_24-C-R0300/168029_0000_ObraCompleta_24-C-R0300.pdf

6.1.3 BAIRRO MARECHAL CARMONA

O desenvolvimento urbanístico do concelho de Cascais retratou-se, em parte, na construção de habitação social, utilizando terrenos ocupados e destinados à agricultura e outras atividades económicas (Henriques, 2014).

O projeto de construção do Bairro Marechal Carmona, denominado previamente como “bairro dos pobres”, ergueu-se como resposta social e económica e intencionava resolver as necessidades há muito sentidas. O projeto foi elaborado pelo arquiteto Ruy d'Atouguia, foi inaugurado em 1946 e tinha como objetivo acolher cem famílias carenciadas, tendo sido financiado pela Santa Casa da Misericórdia de Cascais e com subsídios dos Serviços de Urbanização do Ministério das Obras Públicas e da Câmara Municipal de Cascais (Henriques, 2014).

O terreno destinado a receber a sua construção está compreendido entre a Avenida de Sintra e a Rua de Alvide, junto às Fontainhas, na freguesia de Cascais. É um lugar bem servido de acessos e proximidade com o centro de Cascais, bem como a posse de boas condições de exposição e orientação solar.

Figura 39 - Vista Panorâmica de Cascais em 1970 – Localização do Bairro Marechal Carmona | Henriques, João Miguel, Cascais, 2014, 650 Anos de História p.84-85.



A construção do bairro dividiu-se em duas fases, sendo a primeira inaugurada em 1946, e posteriormente, a segunda em 1954 que consistiu numa ampliação do bairro. O projeto pretendia satisfazer um conjunto de parâmetros pré-definidos como a necessidade de integração do bairro no estudo já realizado pelo Gabinete do Plano de Urbanização da Costa do Sol¹⁷; a adaptação da implantação do bairro à topografia acentuada do terreno e proporcionar o acesso fácil a todas as habitações com o mínimo de arruamentos, tendo em conta o critério de economia adaptado a zona industrial e de pedreiras previstas pelo GPUCS.

Procurou-se que o bairro se integrasse na zona operária prevista pelo GPUCS, permitindo assim, que os seus moradores tivessem o acesso facilitado à utilização dos serviços e instituições de interesse público inerentes à mesma. Porém, afastou-

¹⁷ Em 1935, a zona costeira que abrange os concelhos de Lisboa, Oeiras e Cascais, é oficialmente denominada como Costa do Sol. Posteriormente, surge a sua urbanização, sob a supervisão do Gabinete de Urbanização da Costa do Sol.

se da estrada nacional, usando como eixo de composição a estrada que ligava a zona operária.

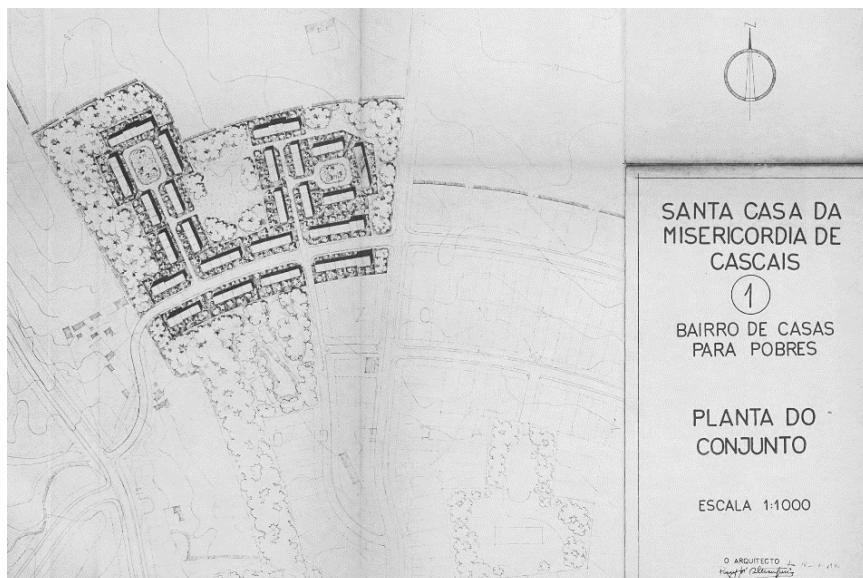


Figura 40 - Planta do Conjunto da Primeira fase do Bairro Marechal Carmona | Arquivo Municipal de Lisboa.

Para uma melhoria estética e proteção contra o vento do bairro, realizaram-se estudos de um conjunto enquadrado de zonas arborizadas.

O bairro possui uma área aproximada de vinte e três mil e quinhentos metros quadrados com uma capacidade máxima de alojamento de quinhentas e quarenta pessoas. Contudo, numa época de carência, esta densidade, é de certo modo, compensada pela área de logradouro comum e pela zona arborizada. O perfil transversal do arruamento principal foi designado pelo GPUCS.

As habitações encontram-se agrupadas em blocos de quatro e seis, por questões de construção económica e para tirar o maior partido da extensão dos arruamentos, mas também por resultar um maior interesse relativamente aos alçados, aos quais, o arquiteto, procurou beneficiar estética e economicamente, dentro de um conceito simplista, que se impõe neste caso¹⁸.

Conforme a memória descritiva do projeto de ampliação do Bairro “Marechal Carmona” em Cascais¹⁹, frente ao elevado número de pedidos de habitação por parte de famílias carenciadas, a SCMC e a CMC admitiram que seria necessária uma ampliação ao Bairro Marechal Carmona. O projeto de ampliação, elaborado em 1949, previa a construção de oitenta e oito habitações, agrupadas em blocos de quatro, dispostas em dois pisos, das quais quarenta e oito estariam ao encargo da CMC e

¹⁸ Memória Descritiva do Projeto para o Bairro Marechal Carmona, Cascais por Ruy d'Atouguia – Lisboa, 16 de março de 1946 | Arquivo Municipal de Lisboa: (<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=66480&AplicacaoID=1&Value=84809da39f0cb34f4f0bb38f46b756b0bdb9f3e1b1740816&view=1>)

¹⁹ Memória Descritiva do Projeto de Ampliação do Bairro Marechal Carmona”: Cascais por Ruy d'Atouguia – Lisboa, julho de 1949 | Arquivo Municipal de Lisboa: (<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?DocumentoID=66480&AplicacaoID=1&Value=84809da39f0cb34f4f0bb38f46b756b0bdb9f3e1b1740816&view=1>)

quarenta à SCMC. No entanto, por razões administrativas e económicas, a SCMC decidiu apenas construir vinte habitações, o que resultou numa construção parcial do projeto.

No grande logradouro existente, foi construída uma escola, que embora tenha o inconveniente de retirar espaço comum aos habitantes, encontra-se no centro do bairro de forma a facilitar o acesso a todos os seus moradores.

Foi também projetado um infantário para a zona a norte da junção da Avenida de Sintra e a Rua de Avide. Este terreno foi definido como um lugar exposto, mas abrigado dos ventos dominantes, pertencendo ao percurso habitual dos moradores que exerciam a profissão no centro da vila.

Figura 41 - Criança no Bairro Marechal Carmona, em Cascais | Coleção Antiga do Município – Arquivo Histórico Municipal, 1950.



Dentro das condicionantes económicas de ampliação, procurou-se priorizar a exposição solar, orientado as fachadas principais a nascente e poente, de forma a receber luz solar durante todo o dia.

A disposição adotada difere da anterior, sendo que nesta segunda fase foram usados blocos de quatro habitações agrupadas em dois pisos, por ser a solução mais económica. Apesar de não ter as grandes vantagens dos grandes blocos dotados de serviços próprios, possui independência entre os vários moradores, sendo que cada fogo é possuinte de uma parcela de terreno com acesso independente.

6.2 PROJETO DE REGENERAÇÃO URBANA

O plano de regeneração urbana do Bairro Marechal Carmona, realizado no âmbito académico em parceria com a Câmara Municipal de Cascais, é desenvolvido dentro dos parâmetros e premissas da mesma, havendo um contacto com a realidade através das condicionantes sugeridas pela CMC.

A estratégia da intervenção urbana consiste no desenvolvimento de sistemas que permitam estabelecer uma conexão entre as diversas comunidades e Bairros que se encontram desarticulados entre si, através da requalificação urbana. Pretende-se também, redesenhar as tipologias habitacionais, de modo a manter a identidade do local e inserir novos equipamentos comuns e espaços públicos qualificados.

Esta proposta pretende criar qualidade urbana através da reconversão do espaço público, infraestruturas e ambiente urbano com vista à sua qualificação; da criação de habitação direcionada para jovens; da dinamização da economia do bairro, através da criação de novos postos de trabalho, oportunidades e espaços com novas atividades económicas; da dinamização social com a construção e implementação de equipamento de apoio às várias faixas etárias que, simultaneamente com espaços públicos qualificados e equipamento cultural, visem introduzir o incentivo às relações e interações sociais, consolidando as relações humanas e intergeracionais.

Figura 42 – Rua João António Gaspar, BMC | Fotografia da autora, 2019



Figura 43 – Rua Catarina Eufémia junto à Avenida de Sintra, BMC | Fotografia da autora, 2019



Figura 44 - Habitação devoluta, BMC | Fotografia da autora, 2019.





Figura 46 - Rua Cidade de Cantagalo,
BMC | Fotografia da autora, 2019



Figura 45 – Largo Quinta da Cúcia,
BMC | Fotografia da autora, 2019



Figura 47 – Praceta Família Pancada,
BMC | Fotografia da autora, 2019

Figura 48 – Pormenor da tipologia de dois pisos, BMC | Fotografia da autora, 2019





Figura 49 – Tipologia de dois pisos,
BMC | Fotografia da autora, 2019

Figura 50 – Pátio frontal da tipologia térrea, BMC | Fotografia da autora, 2019





Figura 51 – Habitação devoluta, BMC
| Fotografia da autora, 2019

Figura 52 – Travessa Cidade de Xai-Xai, BMC | Fotografia da autora, 2019





Figura 53 – Tipologia térrea com alterações construtivas, BMC | Fotografia da autora, 2019

6.3 BAIRRO MARECHAL CARMONA

6.3.1 BAIRRO MARECHAL CARMONA – SITUAÇÃO EXISTENTE

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O Bairro Marechal Carmona (BMC) tem uma área de 48.739,96 m² e situa-se numa zona maioritariamente habitacional, denominada de Fontainhas, união de freguesias de Cascais e Estoril, no distrito de Lisboa, Portugal.

O BMC está compreendido a norte a Rua Geraldo Sem Pavor, a sul a Rua João das Regras, a nascente a Avenida de Sintra (sendo esta, umas das principais vias de entrada em Cascais), a Rua e Largo da Quinta da Cúcia, e a Rua Eng. José Ulrich, e a poente o núcleo central e comercial do aglomerado urbano das Fontainhas.

O bairro contém uma relação com o centro histórico de Cascais, existindo apenas uma deslocação de vinte minutos a pé (sete minutos de automóvel) entre estes. No centro histórico encontra-se uma variedade de equipamentos, serviços, infraestruturas e ligações ferroviárias entre Cascais e Lisboa.

Figura 54 – Planta de localização do Bairro Marechal Carmona, Cascais | Esquema realizado pela autora, 2020



PORTUGAL
(PAÍS)
Área: 92 900 Km²
População: 10,28 milhões



LISBOA
(Distrito)
Área: 2 761 km²
População: 2 265 832



CASCAIS
(Concelho)
Área: 97.40 km²
População: 210 889



CASCAIS E ESTORIL
(Freguesia)
Área: 20.32 km²
População: 35 409



BAIRRO MARECHAL CARMONA
(Bairro / Área de Intervenção)
Área: 48 739 m²
População: 394

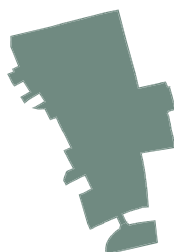


Figura 55 - Localização do território em estudo | Esquema realizado pela autora, 2020

ELEMENTOS NATURAIS

Apesar da forte construção habitacional na zona das Fontainhas, existe uma ligação entre o lugar e os elementos naturais que compõem a paisagem Cascalense. Por consequência da topografia da freguesia de Cascais e Estoril, o território toca no Atlântico e percorre os seus vales arborizados. Do Bairro Marechal Carmona é possível avistar o oceano, nas habitações mais altas, assim como os dois grandes corredores verdes, no qual o bairro se encontra compreendido. Devido à construção maioritariamente rasteira, a sua população não beneficia desta componente nas suas habitações.

A Ribeira das Vinhas é uma das opções de percurso entre o centro histórico de Cascais, até ao Bairro Marechal Carmona. Em 2018, deu-se início à primeira fase da recuperação do Trilho da ribeira das Vinhas, ligando Alvide a Cascais, junto ao mercado da vila e as localidades adjacentes (Bairro Santana, Cobre, Varandas de Cascais, Fontainhas, Outeiro da Vela e Bairro de São José).

Figura 56 - Planta de identificação dos elementos naturais | Esquema realizado pela autora, 2020



USOS E EQUIPAMENTOS

A área de intervenção mantém a tendência da envolvente, sendo um bairro maioritariamente habitacional, com a particularidade de apresentar dois equipamentos escolares: a Escola Básica Professor Manuel Gaião e a Creche Teodoro dos Santos. A existência destes equipamentos escolares associados ao colégio que se encontra a norte do bairro, atribuem a esta porção de território um cariz peculiar no rácio de equipamentos escolares por metro quadrado.

Contudo, verifica-se uma escassez de equipamentos comerciais e/ou de serviços no interior do bairro, sendo necessária a deslocação à sua periferia para a aquisição de bens ou de serviços. A Rua Catarina Eufémia, que atravessa o bairro longitudinalmente, faz a conexão com as Fontainhas, local esse de cariz comercial.

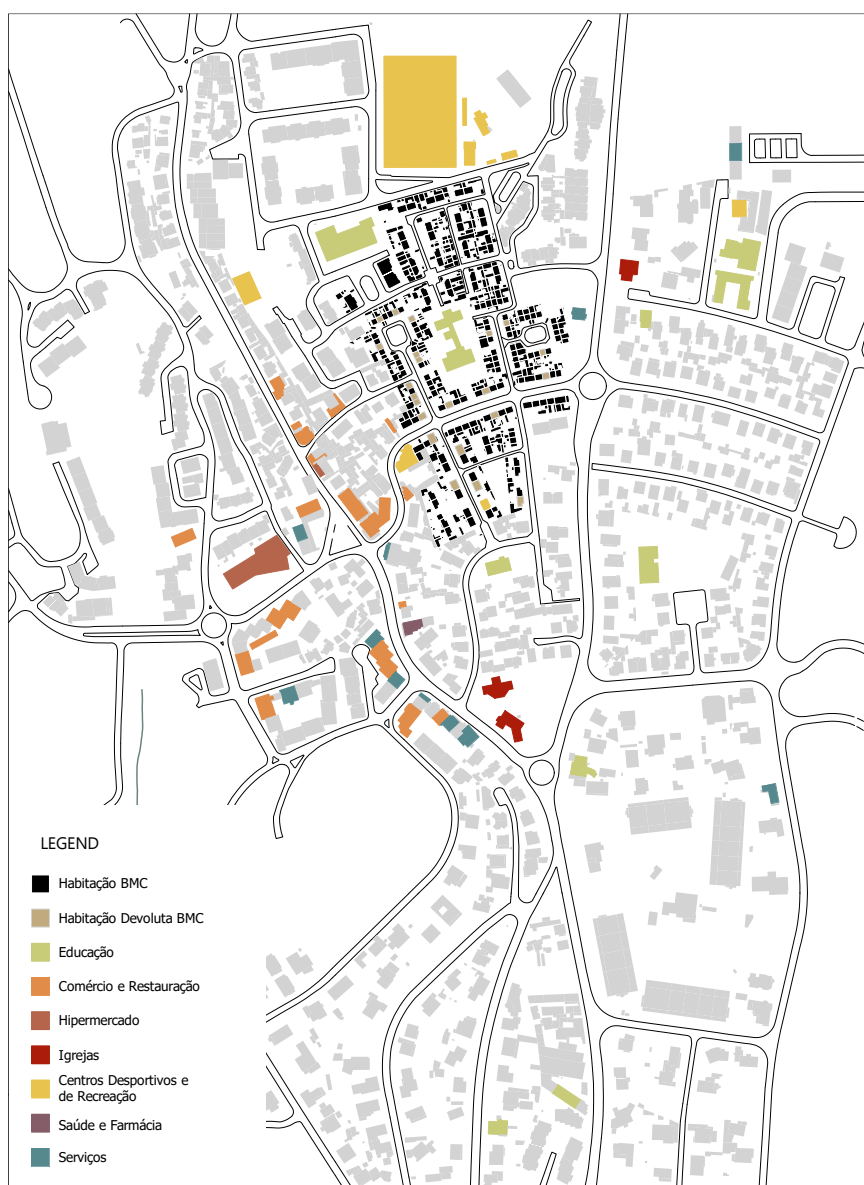


Figura 57 - Planta de identificação de usos e equipamentos no BMC | Esquema realizado pela autora, 2020

MOBILIDADE

Geograficamente, o bairro possui uma grande proximidade com o centro histórico de Cascais, no entanto, a topografia do terreno poderá dificultar o percurso aos mais idosos, possuindo uma pendente bastante acentuada.

Assim, foi realizado um levantamento da existência, frequência, duração e distâncias das redes de transportes de fácil acesso a partir do BMC, assim como as vias de distribuição automóvel para outros locais e acessos pedonais.

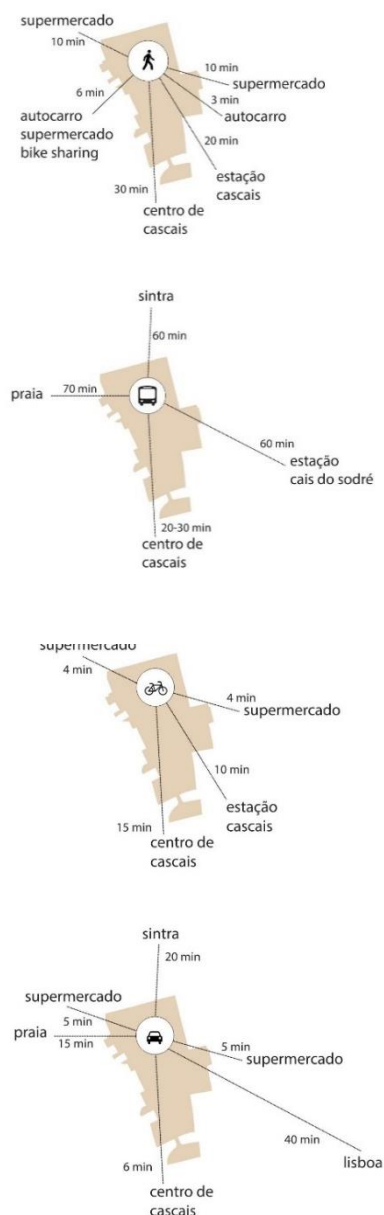


Figura 59 - Esquema de distância do bairro aos pontos de interesse | Esquema realizado pelo grupo de trabalho do plano urbano: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.

Figura 58 - Planta da rede de transportes no BMC | Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.

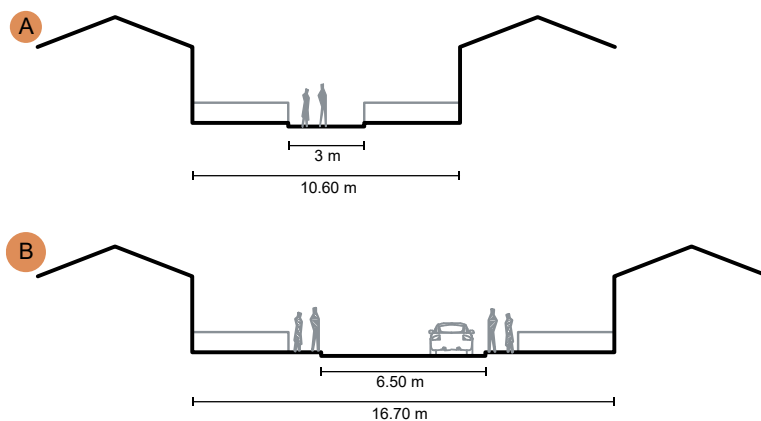


Através dos esquemas anteriormente apresentados, verifica-se a existência de bons acessos do bairro aos restantes pontos de interesse através dos mais variados métodos de locomoção, assim como os curtos tempos de viagem.

ARRUAMENTOS

Na época e contexto socioeconómico em que o Bairro Marechal Carmona surgiu, a circulação e estacionamento de veículos automóveis não eram prioridade para a conceção do Bairro Marechal Carmona. A classe à qual a habitação se destinava era baixa, não havendo capacidade económica para a aquisição de um automóvel, sendo este também pouco frequente na época.

Deste modo, as vias do BMC foram projetadas em duas variantes: com três (A) e seis metros (B) de largura. (figura x)



Os arruamentos anteriormente idealizados, não correspondem à necessidade atual, possuindo larguras desapropriadas para a sua circulação e estacionamento.

As pequenas praças existentes no Bairro, inicialmente utilizadas enquanto espaço público, perderam a sua função social, dando lugar a espaços de estacionamento dos veículos.



Figura 60 - Esquemas das tipologias de arruamentos do BMC | Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.

Figura 61 - Apropriação de espaço público | Fotografia da autora, BMC, 2019.

EDIFICADO

O Bairro Marechal Carmona encontra-se, atualmente, inserido numa área de classe média-alta e existe um contraste social, económico e estético entre o bairro e a sua envolvente. A falta de manutenção e adaptação do bairro aos tempos correntes geram um ambiente degradado e pouco apelativo à sua passagem e permanência no lugar.

Como anteriormente mencionado, existem dois equipamentos educacionais: a Creche Teodoro dos Santos, que no momento acolhe cento e cinquenta bebés e a EB1 Professor Manuel Gaião que acolhe cento e quarenta e quatro alunos. Apesar da frequência moderada de crianças nestes espaços, verificou-se, através de conversas informais, que a grande maioria dos alunos não reside no bairro, mas sim na sua envolvente, ou, serão crianças que se encontram ao cuidado dos avós durante o dia. Assume-se que são as faixas etárias mais envelhecidas que prevalecem em todo o bairro.

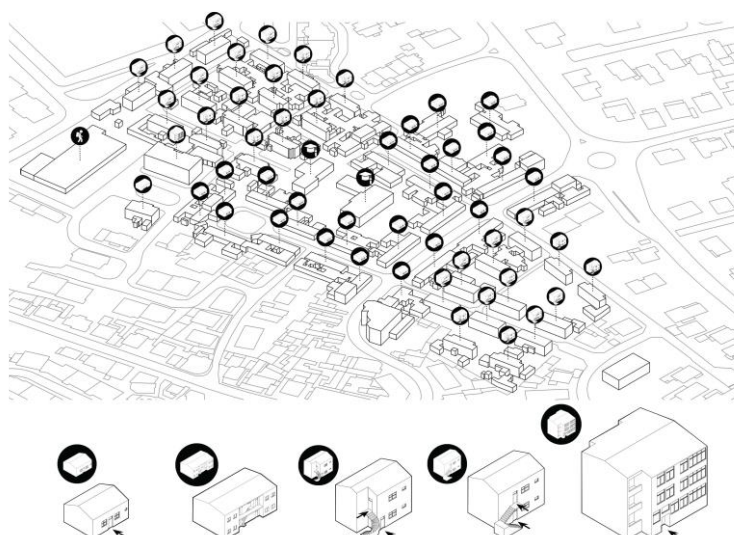
A oferta de espaços comerciais e de serviços dentro dos limites do bairro são praticamente inexistentes, contudo, encontra-se bem servido na sua envolvente (Fontainhas).

Verifica-se, também, a carência de espaços culturais e recreativos, tanto no bairro como na sua envolvente, assim como espaços públicos qualificados de teor social.

Quanto às unidades habitacionais; existem atualmente duzentos e vinte e seis fogos. A área da construção original das habitações ronda os quarenta e cinco metros quadrados, com uma área útil destinada apenas às necessidades básicas²⁰.

Existem cinco tipologias habitacionais no BMC como se encontram representadas na seguinte figura.

Figura 62 - Esquema representativo das tipologias habitacionais existentes no BMC | Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.



²⁰ Informações pertencentes à Câmara Municipal de Cascais (2013) História e Caracterização dos Bairros Sob Gestão da Cascais Envolvente (Gestão Social da Habitação)

O Bairro Marechal Carmona possui uma malha urbana organizada, composta por diferentes tipologias habitacionais: habitações térreas que remetem à primeira fase de construção, em 1946; e habitações de dois pisos, construídas posteriormente, em 1954.

Todas as tipologias possuem um pequeno pátio frontal ajardinado, que, em simbiose com a escala da rua, se tornam nos verdadeiros espaços sociais do bairro - consequência da escassez de espaços públicos qualificados.

Os parâmetros da composição dos fogos estão desapropriados daquilo que é o estilo de vida e necessidades atuais. Como tal, as gerações que habitam o bairro nos dias de hoje, responderam às necessidades pelos próprios meios. Ao longo do tempo, as habitações foram modificadas e ampliadas, recorrendo ao espaço de logradouro disponível em todas as habitações. No bairro, predomina agora a génese ilegal, que duplicou a área original de cada habitação.

Como se pode verificar na figura 36, a área de construção ilegal é semelhante à área de construção original.

Muitas das habitações ocupadas atualmente não possuem as condições básicas de saneamento, pois o projeto inicial não possuía instalações sanitárias, tendo sido poucos os habitantes que tiveram a possibilidade de fazer modificações nas suas casas.

A escassez de equipamentos públicos, desportivos e lazer, os vazios urbanos, enquanto espaço público, não qualificados e o facto de o bairro ser maioritariamente habitacional, contribui para a sua inatividade. A sua vulnerabilidade faz com que o bairro seja pouco apelativo à passagem e permanência aos seus habitantes e visitantes. Como foi referido no capítulo dois: “O Bairro”, mais concretamente no contexto sociológico apresentado; as faixas etárias predominantes no bairro, são as mais envelhecidas e os seus níveis de escolaridade são baixos.

Todas estas premissas, têm como consequência a existência da estigmatização do bairro, provocando alguma segregação social e urbana, levando a exclusão social. O bairro apresenta baixos níveis de interação intergeracional e com os restantes habitantes de Cascais.

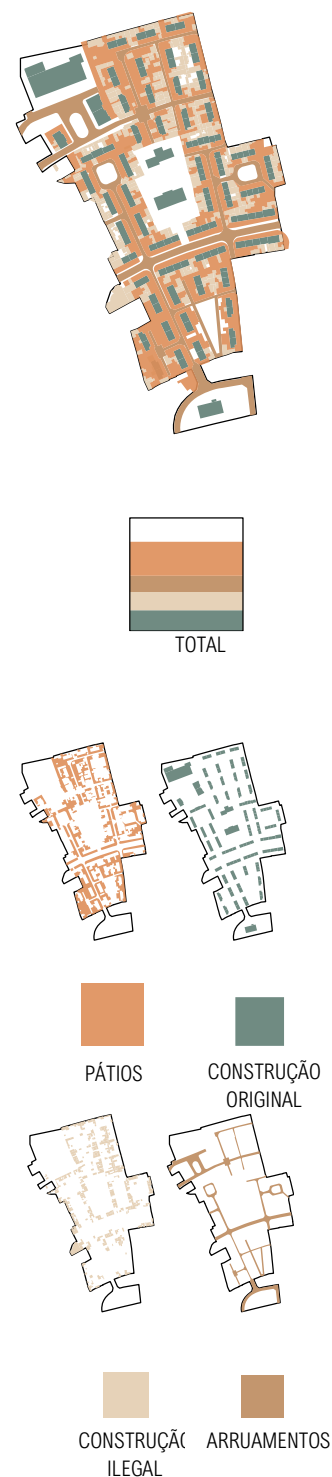
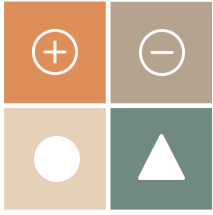


Figura 63 - Esquema representativo da construção original e ilegal, arruamentos e espaços ajardinados, BMC | Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.



ANÁLISE SWOT

No seguimento da análise do estado atual do Bairro Marechal Carmona, optou-se pela utilização da análise SWOT como método conclusivo, sintetizado e organizativo daquilo que são os pontos fortes (*strenghts*), fraquezas (*weaknesses*), oportunidades (*opportunities*) e ameaças (*threads*) existentes. Deste modo, a intervenção urbanística e arquitetónica será projetada de forma adequada às necessidades. O foco foram os habitantes do bairro e o seu bem-estar físico e mental.

STRENGTHS

- Proximidade para com o Centro de Cascais e consequentemente áreas destinadas a lazer (Praias, Parque Natural, entre outras)
- Presença de alguns equipamentos educacionais
- Escala e dimensionamento do Bairro adequado a pedestre
- Baixa densidade construtiva
- Presença de área exterior ajardinada em cada habitação
- Localização numa zona calma da Vila de Cascais

WEAKNESSES

- Vazios Urbanos não qualificados
- Lugares de estacionamento insuficientes e mal delimitados
- Bairro “fechado” para si mesmo
- Dada a morfologia do terreno e consequentemente a pendente, existe uma certa dificuldade em completar um trajeto até ao centro de Cascais a caminhar
- Idade média dos habitantes do bairro muito avançada
- Discrepância acentuada entre os padrões de qualidade de vida presentes no bairro e o concelho onde se insere
- Bairro confinado entre duas vias de acesso a Cascais

OPPORTUNITIES

- Aplicação de um modelo que valorize a vivência do espaço público por parte do peão
- Presença de diversidade geracional como um fator positivo para uma dinâmica social ativa e positiva
- Preservação da essência do lugar na nova proposta arquitetónica
- Contribuição através da intervenção proposta para uma imagem de “Entrada/Porta de Cascais”
- Melhoramento das condições de habitabilidade das pessoas
- Qualificação do espaço público e criação de espaços verdes que incentivem a estadia

THREADS

- Gentrificação
- Conflitos Geracionais
- Perda de Identidade/ História do Bairro
- Continuação da degradação das condições de habitabilidade do bairro
- Falta de condições de sanidade no bairro podem contribuir seriamente para a evolução de doenças, especialmente numa população envelhecida
- Intensificador do sentimento de exclusão social e isolamento no bairro, originando/contribuindo para doenças crónicas mentais

6.3.2 BAIRRO MARECHAL CARMONA – ESTRATÉGIA

Após a análise e reflexão dos pontos fortes e fraquezas do BMC, a estratégia de intervenção no Bairro Marechal Carmona surge com base nos seguintes objetivos finais: a mitigação do estigma existente perante os bairros sociais; potencialização dos espaços públicos e sociais; criação de uma nova centralidade em Cascais, como ponto de encontro dos habitantes do BMC e toda a população de vila, gerando relações humanas e intergeracionais através da participação ativa na sociedade como método de minimização da exclusão social.

A mitigação do estigma relativo aos bairros sociais surge enquanto estratégia urbanística e arquitetónica. Geralmente, os bairros sociais possuem um desenho arquitetónico modesto, as áreas úteis dos fogos tendem a ser bastante reduzidas e por consequência do contexto de construção de um bairro social, as opções de projeto relativamente à escolha dos materiais tem como condicionante o valor monetário. Estas escolhas de projeto vão resultar na degradação do edificado mais fugaz, assim como a marginalização do bairro através das associações (a bairros problemáticos) intrínsecas na sociedade, à semelhança da situação atual do BMC. Assim, a estratégia de intervenção visa duplicar o número de fogos atuais, com a intenção de realojar os atuais habitantes do bairro, mantendo a renda simbólica existente. Todavia, pretende-se disponibilizar os restantes fogos para habitação acessível, direcionada aos jovens adultos que se iniciam na sua vida profissional. Desta forma, o valor dos arrendamentos cobrirá o investimento nos fogos com áreas correspondentes ao número de elementos do agregado familiar e nos materiais de maior qualidade e de menor necessidade de manutenção, criando um ambiente apelativo à passagem e permanência no bairro.

A potencialização dos espaços públicos enquanto espaços sociais surge no âmbito da minimização da exclusão social. Como foi anteriormente verificado, atualmente, as pequenas pracetas, que outrora funcionaram enquanto espaços sociais, transformaram-se em parques de estacionamento automóvel por necessidade. Com a ocupação dos únicos vazios urbanos (não qualificados), as ações sociais passaram a ser realizadas da rua para as pequenas áreas ajardinadas pertencentes a cada habitação. Ainda que exista alguma relação entre vizinhos atualmente, esta não é a situação ideal para se fazer, estando limitado à falta de equipamentos urbanos. Assim, a caracterização dos espaços públicos torna-se fundamental, integrando elementos naturais que compõem a paisagem e elementos de descanso e estadia no lugar.

Sendo o BMC maioritariamente habitacional, à exceção dos edifícios educacionais, emerge a urgência de introdução de equipamentos culturais, comerciais e serviços, que, em conjunto com os espaços públicos anteriormente referidos, compõem estratégia de dinamização da vivência no bairro. Estes equipamentos tem o objetivo de formar uma nova centralidade na vila de Cascais, criando vida e oportunidades de relações humanas, através da participação ativa nos equipamentos destinados a tal. Esta nova centralidade, localizada numa zona periférica ao centro histórico, permite aliviar o sobrecarregamento de eventos e acontecimentos que existem no centro histórico.



Figura 64 - Esquema de proposta de uma nova centralidade em Cascais | Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.

Os objetivos anteriormente desenvolvidos, serão atingidos simultaneamente com o seguinte conjunto de intenções que o grupo de trabalho idealizou para o BMC: a integração da paisagem na proposta (através de uma ligação verde e a relação com o oceano); a organização de pontos de interesse; criação de uma zona comercial e, por fim, a decisão de um bairro sem trânsito automóvel.

LIGAÇÃO VERDE / RELAÇÃO COM O OCEANO

A primeira intenção surge com a necessidade de integrar a paisagem natural no Bairro Marechal Carmona. Dada a sua localização, entre dois grandes corredores verdes (Ribeira das Vinhas e Parque de Palmela), torna-se praticamente imperativo a criação de uma conexão verde entre os dois atravessado a zona norte do BMC. Esta conexão será composta por uma continuidade arbórea que percorre a Rua Geraldo Sem Pavor e se distribui pelos principais eixos da proposta. Os parques urbanos surgem muitas vezes enquanto estratégia urbana de continuidade e ligação de grandes zonas verdes a outras zonas verdes.

Pretende-se fortalecer a relação com o oceano no Bairro Marechal Carmona, com a criação de locais de miradouro, assim como beneficiar na cota dos fogos mais elevados através de um sistema de vistas.

Figura 65 - Esquema de estratégia de integração dos elementos naturais na requalificação do bairro | Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.



PONTOS DE INTERESSE

A criação de uma nova centralidade na vila de Cascais não se refere necessariamente apenas a um espaço público pontual, único e central. Pretende-se que o bairro seja encarado como uma nova centralidade num todo, desfragmentando-se em pequenos núcleos. Para a estratégia de requalificação urbana, procurou-se manter a malha urbana atual (alargando as suas vias), reinterpretando as pequenas parcelas existentes com novos pontos de interesse. Na figura 66 observa-se à esquerda a malha e vazios urbanos atuais e no esquema à direita a proposta de novos pontos de interesse e eixos. O eixo principal pretende interligar dois parques urbanos (a norte e a Sul) fazendo uma conexão verde ao longo do eixo. Ao centro, o eixo educacional, que alinha a escola Manuel Gaião e a nova localização da Creche Teodoro dos Santos. E por fim, a Este, a entrada do bairro, um híbrido cultural e também o objeto de estudo desenvolvido arquitetonicamente.

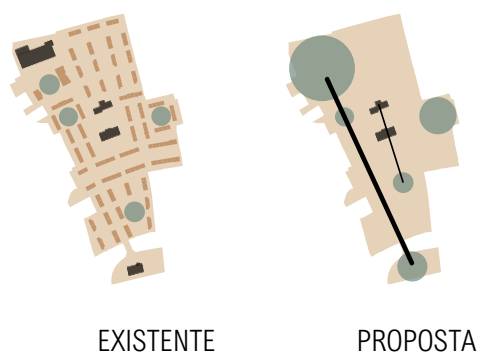


Figura 66 - Esquema representativo das centralidades existentes no BMC e propostas | Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.

Transversalmente aos eixos anteriormente referidos, a Rua Catarina Eufémia, que percorre e divide o bairro transversalmente é idealizado como o novo eixo comercial do bairro, que tem como lógica, o prolongamento da zona comercial das Fontainhas até ao bairro (figura 67).

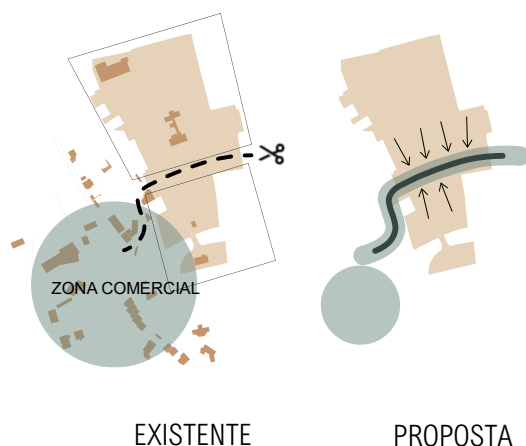


Figura 67 - Proposta de um novo eixo comercial | Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.

CIRCULAÇÃO NO BAIRRO E NA SUA ENVOLVENTE

Dar prioridade ao peão nas cidades torna-se cada vez mais comum. A medida que retira os automóveis do interior das cidades está a ser aplicada em várias cidades europeias.

Como medida estratégica relativamente ao trânsito e vias, pretende-se preservar o dimensionamento do bairro que é propício à escala humana e as respetivas relações geradas neste,

Na figura 68 verifica-se que os percursos pedonais que atravessam o bairro de norte a sul fazem-se num curto período, sendo o bairro propício a adaptar à medida que retira os carros do seu interior.

A circulação automóvel passará a realizar-se pela periferia do bairro, com acesso a três parques de estacionamento incorporados nos equipamentos propostos, como apresentados na figura 69.

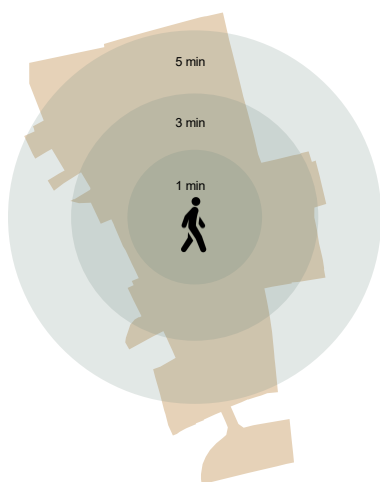


Figura 68 - Esquema ilustrativo de distâncias pedonais | Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Mafeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.



SITUAÇÃO EXISTENTE

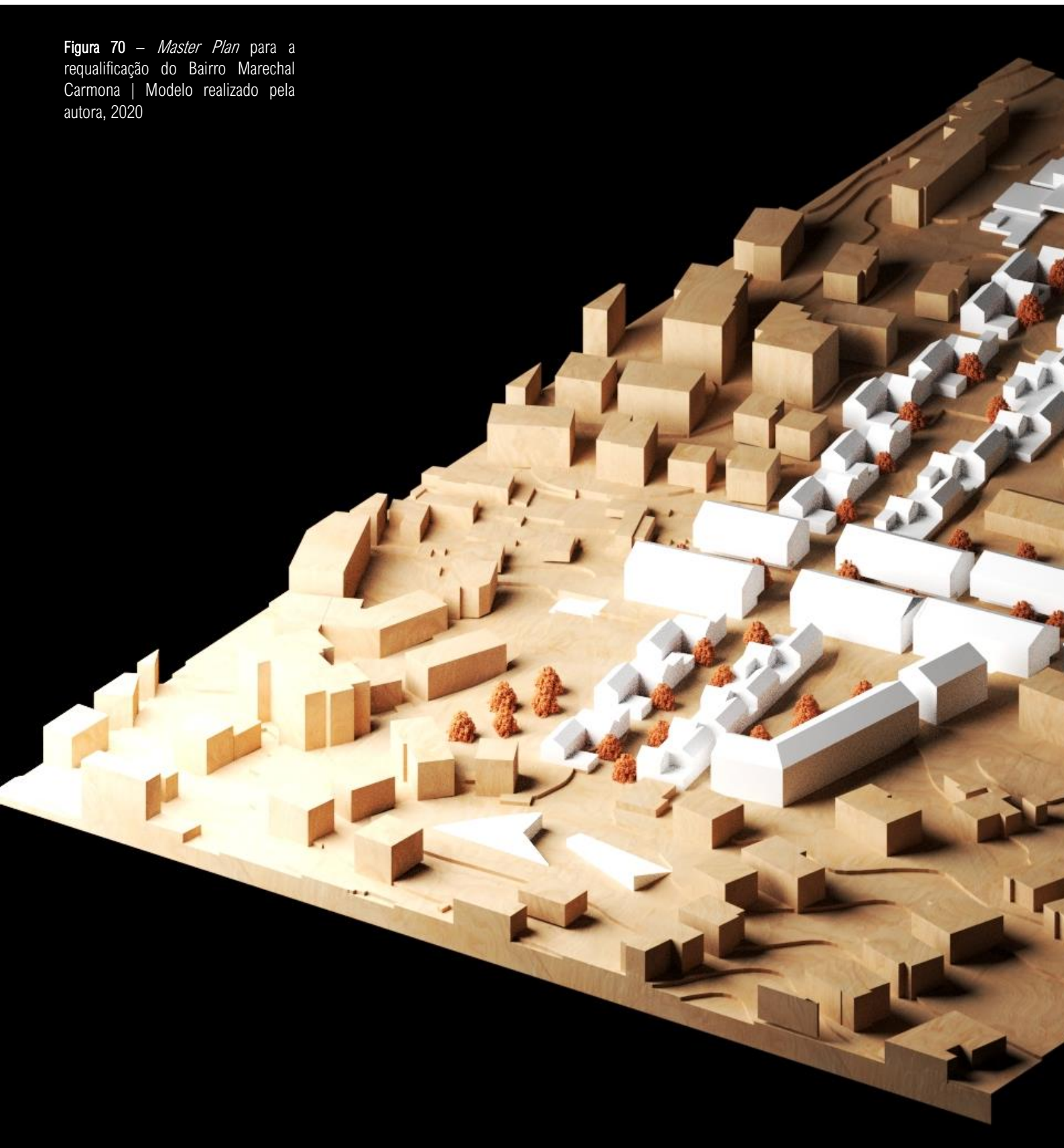
Figura 69 - Esquema representativo das vias transitáveis no plano existente e respetiva proposta | Esquema realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Mafeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.



PROPOSTA

- autocarro
- estrada
- bike sharing
- Ⓟ estacionamento
- alta intensidade
- média intensidade
- baixa intensidade
- ciclovias

Figura 70 – *Master Plan* para a requalificação do Bairro Marechal Carmona | Modelo realizado pela autora, 2020





6.3.3 BAIRRO MARECHAL CARMONA – PROPOSTA

O projeto de requalificação do Bairro Marechal Carmona tem como foco o bem-estar físico e psicológico dos seus habitantes. Assim, priorizou-se a criação de arruamentos e espaços públicos qualificados e arborizados, assim como equipamentos de lazer e culturais, enquanto estratégia de revitalização social do bairro. Os espaços desenhados na proposta, permitem que os habitantes mais idosos do bairro, se relacionem e beneficiem do conhecimento que cada uma destas faixas etárias pode transmitir mutuamente.

Definida a estratégia, o desenho do plano urbano desenvolve-se sobre uma malha ortogonal. As dimensões desta malha surgem com as dimensões do edificado existente, duplicando a área de construção.

A disposição organizativa do bairro dispõe-se em dois grandes eixos: o eixo principal e o eixo comercial. O eixo principal é caracterizado pelos jardins urbanos localizados nos seus extremos e pela habitação disposta ao longo do seu comprimento. O eixo comercial dá continuidade à zona comercial das Fontainhas até ao bairro, incorporando habitação nos seus pisos superiores.

A entrada principal do BMC é composta pelo centro intergeracional, que se encontra no nó da Avenida de Sintra com a Rua Catarina Eufémia, e é caracterizada pelos seus pórticos de entrada no bairro, mas também na vila de Cascais.

Esta proposta permite que o bairro se abra à restante vila, convidando ao usufruto e permanência no bairro, todos os habitantes de Cascais. Assim, prevê-se a criação de uma nova dinâmica nesta nova centralidade.

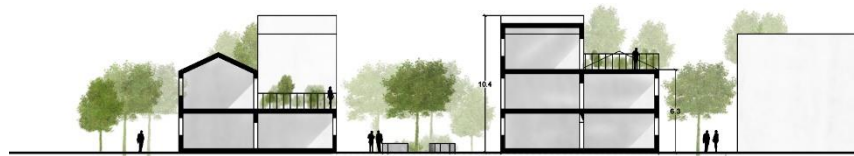
Nos seguintes pontos, serão apresentadas as áreas fundamentais que compõem a essência do projeto: o eixo principal, o eixo comercial, as *villas* com pátio interior o jardim polivalente, o jardim vertical e o centro intergeracional enquanto entrada do bairro. À semelhança do projeto de referência Traumhaus Funari de MVRDV, a presente proposta apresenta diferentes vivências nas zonas habitacionais, fornecendo opção de escolha aos seus habitantes consoante os seus interesses e necessidades, sejam eles idosos, jovens a iniciar a vida adulta ou famílias com crianças. Assim, evitar-se-á o isolamento dos habitantes do bairro.

EIXO PRINCIPAL

O eixo principal é desenhado para que a dinâmica social existente, seja direcionada para o seu exterior. À semelhança da proposta para o Bairro de Alvenaria de Fala atelier, as tipologias habitacionais disponibilizam área de terraço, com o sistema de vistas pensado e direcionado para o interior da rua. A barreira entre o espaço privado e público é mitigado, gerando um contacto social mais direto entre a rua e as habitações.

Este eixo é caracterizado pela sua abundância natural, dando continuidade ao corredor verde situado a norte do bairro, incorporando os dois jardins urbanos nos seus extremos.

Figura 71 - Corte transversal da proposta para o eixo principal | Realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.



EIXO COMERCIAL

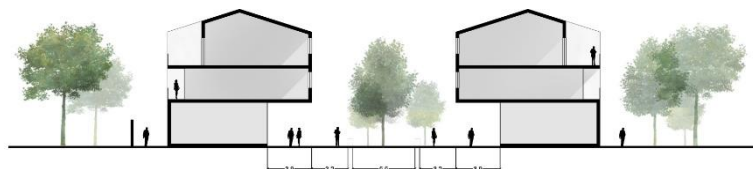
O eixo comercial, como anteriormente referido, situa-se na Rua Catarina Eufémia, e agrega a sua função comercial à função habitacional – anteriormente referida como “a casa sobre a loja”.

Os edifícios são funcionalmente compostos por comércio e restauração no piso térreo – sendo este piso recuado, de modo a formar uma galeria protetora das diversas características meteorológicas – e por dois pisos habitacionais superiores.

Este eixo é pedonal e o seu espaço público é composto por pequenas zonas arborizadas, assim como mobiliário urbano de descanso e permanência.

Apesar do movimento idealizado para este eixo, pretende-se que a habitação possua alguma privacidade com o espaço exterior. A inexistência de habitação no piso térreo, assim como os elementos arbóreos, permitem esta privacidade visual – diferenciando-se do ambiente proposto para o eixo principal.

Figura 72 - Corte transversal da proposta para o eixo comercial | Realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.



VILLAS COM PÁTIO INTERIOR

Contraopondo as intervenções habitacionais anteriores, às quais se procurou criar uma relação mais direta com espaço público exterior, as *villas* surgem enquanto abordagem semiprivada. A sua vivência é direcionada para o pátio interior, onde estão localizadas as entradas de acesso aos fogos. A dinâmica idealizada para as *villas* é maioritariamente de lazer e sossego, onde os seus habitantes se sentem seguros.

A morfologia surge através da reinterpretação da pegada urbanística existente, que inclui a construção ilegal predominante no bairro. Esta construção ilegal, reflete uma necessidade espacial por parte dos seus habitantes. A nova proposta vem resolver as necessidades sentidas, através da duplicação de área de fogo.

Para a extração de matéria interior, propõe-se espaço público, composto por pequenas áreas ajardinadas e espaço de recreio.



JARDIM VERTICAL

O jardim vertical situa-se na extremidade norte do eixo principal, ao qual dá início a um percurso verde. A sua localização beneficia da cota elevada do terreno, permitindo o contacto visual com o oceano e toda a vila de Cascais, através de um miradouro.

O jardim é disposto em plataformas às mais variadas cotas. Estas plataformas possuem tratamento verde e permitem atividade de bem-estar e lazer. O programa funcional do jardim vertical contém uma pequena biblioteca e cafetaria.

JARDIM SUL

A solução proposta surge enquanto continuação do corredor verde que percorre o eixo principal. O conceito é baseado na ideia da continuação do corredor verde até ao seu destino final, mantendo a continuidade visual, através de uma cobertura verde que esconde o seu programa interior. Este espaço é simultaneamente um jardim urbano e um edifício semicoberto, atravessado por um espaço de passagem e esplanada. O jardim sul é caracterizado como uma das entradas secundárias do BMC.

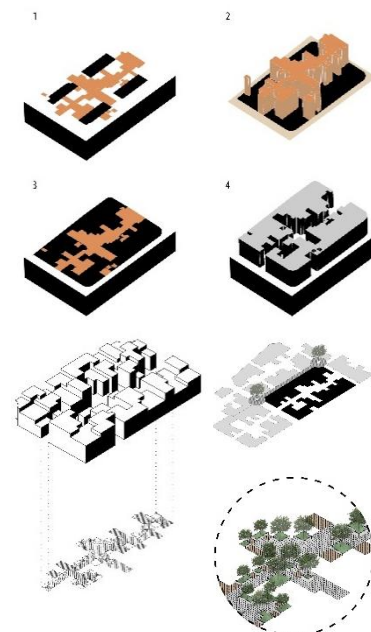


Figura 73 - Reinterpretação da pegada existente no bairro | Realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.

Figura 74 - Proposta para as villas com pátio interior | Realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.



Figura 75 - Proposta para o jardim vertical | Realizado pelo grupo de trabalho: Ivo Malfeito, Juliana Balbuena, Nicole Santise, Roberto Ersing, Sofia Pereira, 2018.

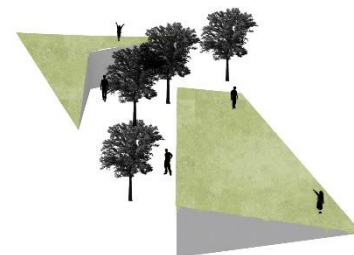
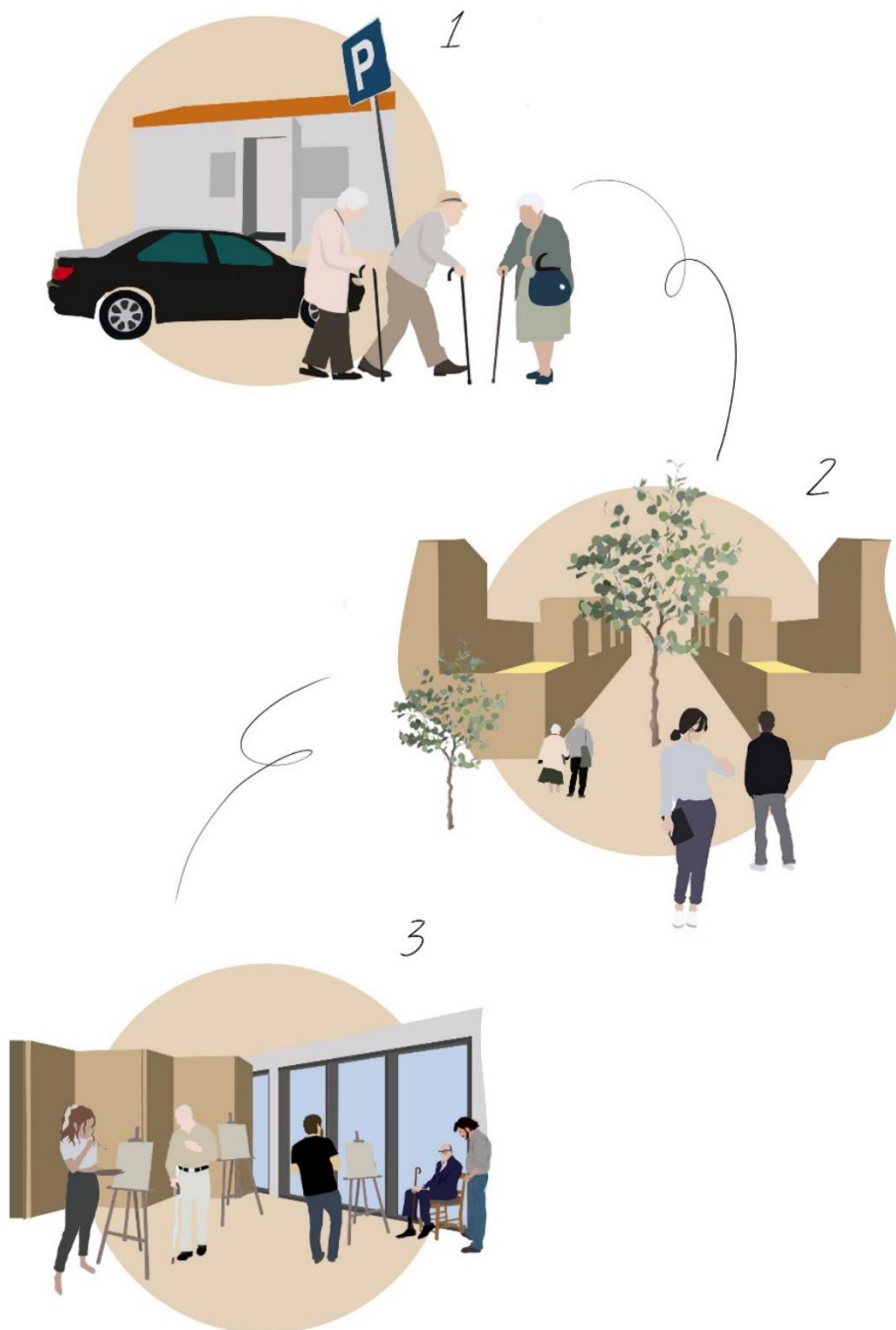


Figura 76 - Proposta para o jardim sul | Realizado pela autora, 2020.

Figura 77 – Ilustração representativa das três fases de projeto. (1) A crise urbana, arquitetônica e social no BMC. (2) A proposta de regeneração urbana e social, contudo sem atividades intergeracionais. (3) A proposta de um centro intergeracional, que combina várias atividades de interesse às duas gerações. Ilustração da autora.



6.4 ENCONTRO DE GERAÇÕES – PROPOSTA ARQUITETÓNICA

A proposta de intervenção urbana anteriormente apresentada, que surge enquanto resposta a uma crise social, provocada por fatores, económicos, políticos, urbanísticos e arquitetónicos, não se verifica totalmente eficaz para uma habitabilidade saudável e inclusiva no bairro e na cidade.

A vontade de se solucionar uma crise (figura 76.1), através de um projeto urbano e arquitetónico, poderá gerar novas crises. Assim, torna-se fundamental utilizar a capacidade de antever novas problemáticas enquanto ferramenta de trabalho.

O impacto social provocado, entre os atuais habitantes (população envelhecida) e os futuros habitantes do bairro (população jovem), ao coabitarem no mesmo meio urbano poderá originar divergências e até disputas, se não existirem espaços qualificados à inclusão e integração social, que proporcione uma maior compreensão e respeito mútuo entre a população idosa e a população jovem (figura 76.2).

Desta forma, nasce o centro intergeracional (figura 76.3), enquanto estratégia arquitetónica que pretende evitar uma futura crise. Este edifício é desenhado conceptualmente com base na inclusão entre estas duas faixas etárias no seu espaço físico projetando-o para a sua envolvente.

No entanto, numa futura crise, existe, conseqüentemente, a crise de uma visão. A visão pretendida com esta proposta arquitetónica será pertinente a longo prazo, contudo durante um tempo limitado, não só pela lei natural da vida, mas também pela resolução dos conflitos intergeracionais. E assim, a componente programática e estratégica do edifício torna-se efémera. Todavia, o desenho clássico e a versatilidade dos espaços interiores do edifício híbrido, de seguida apresentado, permite que este se adapte às necessidades de outras futuras crises. Onde os programas menos adaptativos poderão permanecer sem influenciar o programa do restante edifício.

A nova proposta propõe criar uma centralidade, não se restringindo apenas ao BMC, mas também a restante vila de Cascais. Esta nova centralidade assume-se arquitetonicamente enquanto entrada no bairro e propõe mais vida, tanto no seu interior como no exterior, com um carácter atrativo ao lugar e conseqüentemente ao BMC, onde a relação social e intergeracional prevalece.

O presente subcapítulo propõe-se a esclarecer questões conceptuais, volumétricas, arquitetónicas e programáticas com base na sua fundamentação teórica, assim como paralelismos com casos de referência.

Figura 78 – Planta de Implantação do Centro Intergeracional no Bairro Marechal Carmona | Planta realizada pela autora, 2020



6.4.1 O HÍBRIDO ENQUANTO CENTRO INTERGERACIONAL DO BAIRRO MARECHAL CARMONA

O edifício desenvolvido, enquanto proposta arquitetónica, incorporado no plano urbano anteriormente apresentado, encontra-se compreendido pela Avenida de Sintra a Este, a Rua Engenheiro José Ulrich a Norte e Oeste e a Travessa Engenheiro Ulrich a Sul, incorporando, ainda, o início Este da Rua Catarina Eufémia como elemento viário, que atravessa o projeto. O projeto tem uma área de implantação de 4091m² e está dividida em três volumes, unidos subterraneamente e pretende criar uma centralidade, no Bairro Marechal Carmona e na Vila de Cascais.

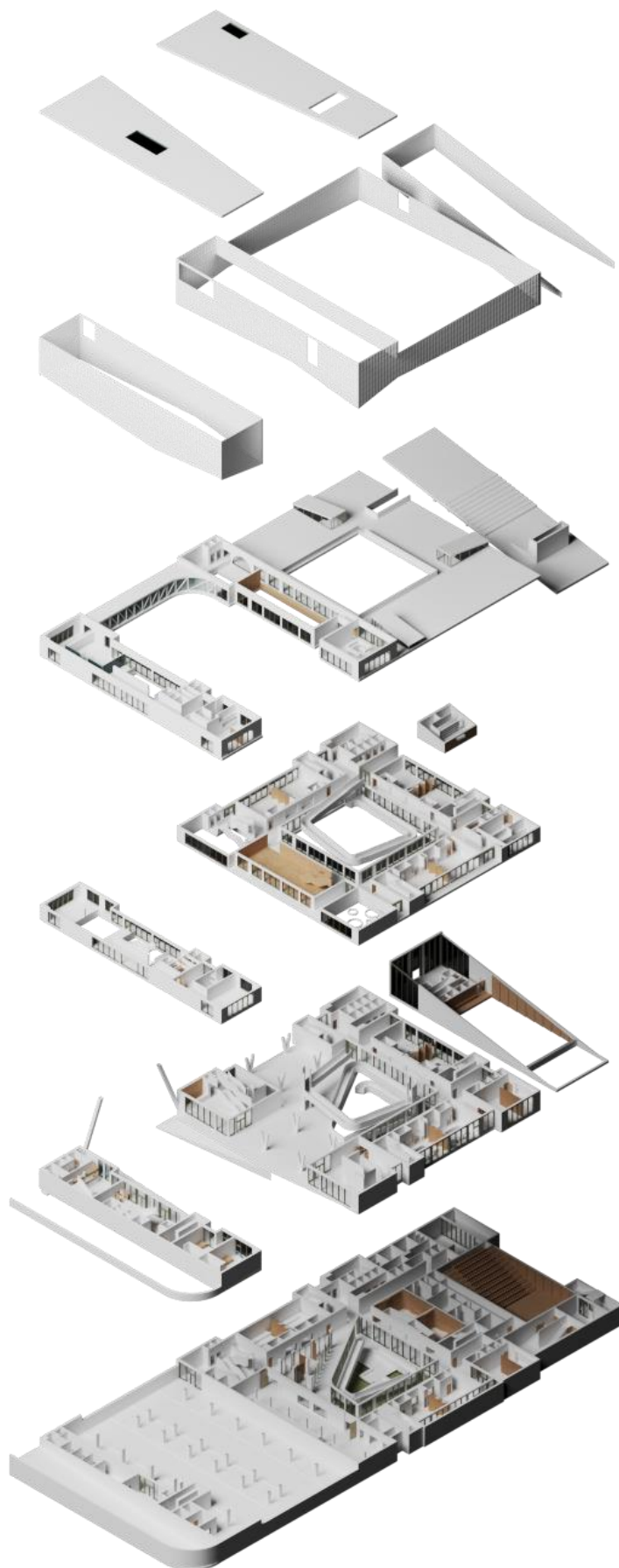
A função programática do edifício é uma resposta de combate ao conflito e exclusão intergeracional que surgirá entre os atuais e envelhecidos habitantes do bairro e os novos habitantes aos quais se encontram a iniciar a sua vida adulta.

Foi escolhido um conjunto de atividades de interesse comum às duas gerações, sendo estas o artesanato, a música, a dança, o teatro, as artes plásticas e workshops variados. O edifício incorpora ainda outras funções de apoio às atividades mencionadas, como um auditório interior e um exterior de apoio às artes performativas; um espaço multifuncional, que está equipado com placas móveis, com variadas possibilidades de disposição, que se adaptam ao evento recebido; oficinas de artesanato, câmara escura e fornos de cozedura; espaços sociais, como sala de convívio, pátios, cobertura e varandas, e ainda os espaços de circulação que incorporam a componente social no seu exponencial, pois é onde se verifica o maior número de encontro entre alunos; dois espaços comerciais, que tem como objetivo a venda de produtos realizados no Centro; espaço de leitura; restauração e cafeteria; e ainda incorpora um dos três parques de estacionamento subterrâneos do BMC, acolhendo trinta veículos.



Figura 79 – Esquema representativo da conjugação de programas no edifício híbrido | Esquema elaborado pela autora, 2021

Figura 80 – Axonometria explodida do Centro Intergeracional do BMC | Elaborado pela autora, 2021



A morfologia do volume central, emerge na adaptação da pegada atual da Praceta Guilherme Cardim, que apesar de nunca ter sido um espaço urbano qualificado, tratava-se de um antigo espaço de convívio. Atualmente, a necessidade de lugares de estacionamento, para veículos automóveis, acabou por apropriar-se desta praceta, assim como nas restantes do BMC. Desta forma, pretende-se restaurar a memória social deste espaço, através da criação de um pátio central, que é envolvido pelo volume central do edifício.

O piso térreo deste volume, à semelhança dos projetos de referência da Escola de Música de Bressanone e do Museu M.H. De Young, possui uma permeabilidade no piso térreo entre a Rua Catarina Eufémia e a Rua Engenheiro José Ulrich, dando acesso a duas zonas habitacionais, do BMC, e ao volume Norte do projeto, tornando o espaço mais aberto e convidativo à permanência no lugar e em todo o bairro.

No seu pátio, existe um acesso vertical em rampa que percorre todo o edifício, até à sua cobertura, convidando à observação da vista sobre a cidade e o Atlântico. No interior do edifício, localizam as salas das atividades anteriormente mencionadas.

A Rua Catarina Eufémia rasga o volume Central e o volume Sul, que dá início a Rua Comercial proposta. A sua proximidade com a Avenida de Sintra, possibilita o fácil acesso ao Centro e, conseqüentemente, ao bairro. O volume sul e parte do volume central destacam-se pelas cotas mais altas de todo o centro, formando a Porta do Bairro. O volume sul dispõe de dois espaços comerciais, restauração, zona administrativa e espaço de leitura. Entre eles, existe ainda uma conexão aérea que enfatiza o conceito da Porta do Bairro.

Por fim, o volume Norte é ocupado funcionalmente pelo novo Auditório Bairro Marechal Carmona. A entrada formal do Auditório encontra-se na Rua Engenheiro José Ulrich, no entanto, para os artistas, a entrada poderá fazer-se pelo exterior, a Norte, ou pelo interior, junto as salas de artes performativas. O volume acolhe um anfiteatro interior com 168 lugares. Todo o seu interior possui uma linguagem muito minimalista, revestindo todo o seu interior a pinho nacional, incluído, pavimento, paredes, teto e mobiliário. Sobre a fase final do palco, uma entrada de luz natural superior, através de uma claraboia que proporciona uma imagem do artista em contraluz, para os espectadores. No exterior, os elementos construtivos verticais da claraboia permitem a criação de outro pequeno anfiteatro, ao qual terá usufruto em pequenos espetáculos nas noites quentes de verão.

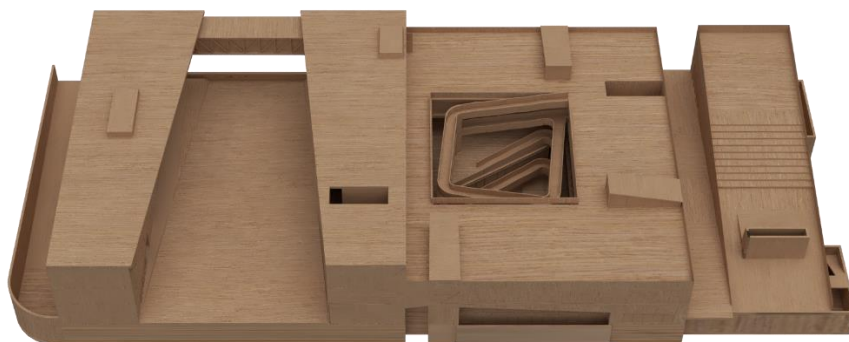


Figura 81 – Modelo volumétrico do edifício | Elaborado pela autora, 2021

Todas as salas de aulas estão agrupadas em dois, divididas por paredes compostas por placas móveis, possibilitando assim, uma versatilidade e adaptação do espaço à necessidade da atividade proposta atualmente, ou num futuro longínquo, a fácil adaptação à necessidade dos espaços a outras funções, pela sua hibridez. Cada sala de aula possui um acesso direto a um espaço exterior, partilhado entre duas salas de aula. A estratégia pedagógica adotada para o centro, incentiva à troca de conhecimentos intergeracionais, ou seja, elementos de qualquer faixa etária poderão candidatar-se para professores de uma atividade que tenham um conhecimento mais extenso e como alunos, terão a faixa etária oposta. Esta troca de conhecimentos, proporcionarão as relações intergeracionais.

Com o objetivo de aumentar as oportunidades de carácter intergeracional, o edifício dispõe de vários momentos de convívio. Todo o seu espaço exterior, no piso térreo, proporciona momentos sociais, através de elementos de descanso e espaços agradáveis, que incorporam elementos naturais verdes, como árvores e arbustos. Estes espaços são convidativos à passagem e permanência.

Figura 82 – Plantas dos 4 pisos do edifício | Elaborado pela autora, 2020



O espaço de exposições multifuncional permite a adaptação para eventos sociais e a sala de convívio, à semelhança do interior do auditório, possui uma linguagem minimalista e acolhedora, que o pinho nacional proporciona. Este espaço contém, elementos de descanso e convívio, assim como atividades mais descontraídas e divertidas para partilhar com os restantes alunos.

O pátio central que percorre todo o edifício, desde o piso subterrâneo até à cobertura, possui uma componente social fundamental no projeto, sendo tratado como o lugar onde os alunos e professores se cruzam nos seus percursos, proporcionando momentos de interação social.

No interior, os espaços de circulação que envolvem o pátio, possuem uma largura generosa e estão equipados com momentos de descanso, embutidos nas suas paredes. O cuidado social nestes espaços foi fundamental para o seu desenho, visto que são os espaços de circulação os verdadeiros espaços de convívio, onde as pessoas se cruzam e interagem.

Nos pisos superiores, através da extração de matéria, o edifício viabiliza espaços exteriores, como varandas.

A Porta Norte da Expo '98 de Manuel Tainha, surge enquanto projeto referência à conceção da entrada do Bairro Marechal Carmona, que à semelhança do que acontece no projeto de Manuel Tainha – uma praça aberta que antecede a porta propriamente dita – existe uma rotunda que distribui o trânsito proveniente de outros concelhos. O impacto visual da Porta, possibilitará a atracção à passagem e permanência no lugar. Ao se aproximar deste trecho de rua, o visitante depara-se com uma estrutura de onze metros de altura, afinilada, abrindo-se para o exterior. Neste momento existem duas possibilidades de percurso: dar continuidade pela rua comercial, que tem como fim a zona das Fontainhas, outra zona comercial; ou usufruir da permeabilidade do edifício oferece, que dá acesso ao mesmo, ou a outras zonas do bairro. De seguida, uma sensação de entrada, onde a Porta afinila, e por fim, o desafogo de um lugar aberto e apelativo: O Bairro Marechal Carmona.

Pretende-se que o edifício mantenha atividade num número de horas alargado, para que esta nova centralidade, se mantenha com mais vida e dinâmica até à noite. E que o acesso à cobertura e zonas de restauração seja concebido a qualquer cidadão, independentemente de se tratar de um aluno do centro. O controlo de segurança será feito nos pontos de entrada ao centro em si, através de cartões de utentes e alunos.

Todo o edifício é revestido a uma pele metálica perfurada. O processo de desenho dos furos da fachada do Museu M.H. DE Young de Herzog & De Meuron, apresentam-se enquanto fonte de inspiração para a proposta.

No entanto, tirando partido do evoluir da tecnologia, enquanto ferramenta arquitetónica, foi escolhido um processo de parametrização que os softwares do *Rhino* e *Grasshopper* disponibilizam.

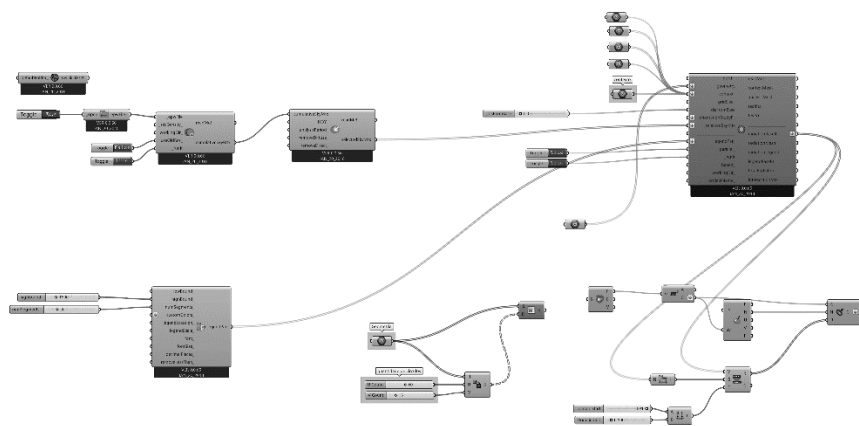
Foi elaborado e utilizado um *plug-in* que calcula os pontos de maior exposição solar no edifício, medido em kW/m², e conforme a informação resultante, é criada uma grelha, à qual, os nós da mesma se tornam no ponto central do furo.

O diâmetro de cada furo varia consoante a sua exposição solar, sendo mais fechado onde existe menos exposição solar, e mais aberto onde existe mais exposição solar. Os diâmetros dos furos, podem variar entre 0,01m e 0,1m.

O cálculo de incidência solar no edifício é realizado tendo em conta o local específico e o sombreamento que o contexto urbano projeta no edifício.

Com esta pele enquanto método de controlo de sombreamento no edifício, possibilita a poupança de energia elétrica do edifício, tornando todo o seu uso mais sustentável e económico.

Figura 83 – Script realizado no *Grasshopper*, no *Rhino*. Calcula a incidência solar em kW/m², tendo em conta o contexto urbano e o local. Após a análise, são criados furos na fachada, com diâmetros mais reduzidos nas áreas mais frias, e diâmetros maiores nas áreas com mais intensidade solar | Elaborado pela autora



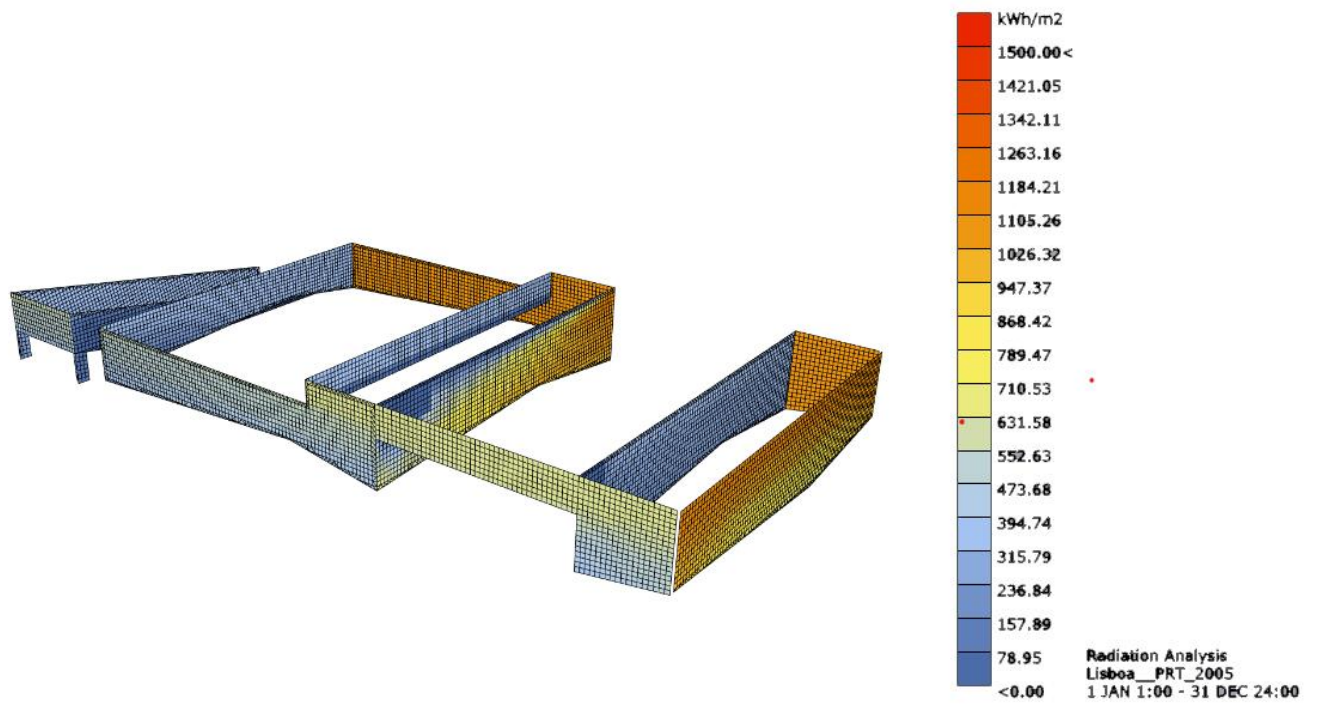


Figura 84 – Resultado do cálculo de exposição solar na fachada do edifício, em kWh/m² | Elaborado pela autora

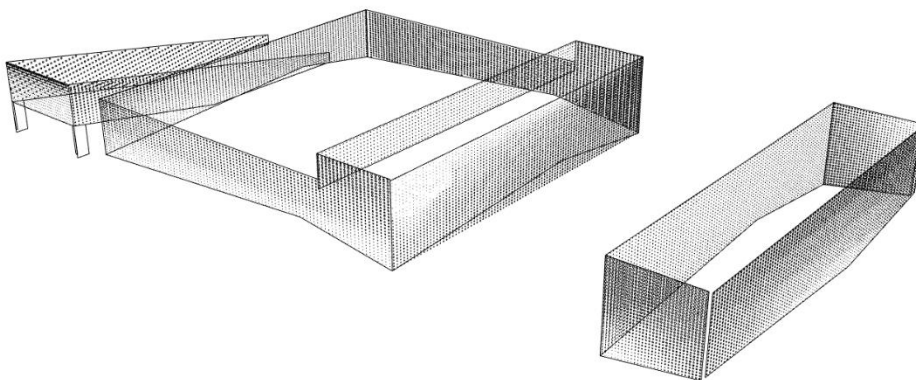


Figura 85 – Posicionamento dos furos de diferentes diâmetros, através do cálculo da exposição solar | Elaborado pela autora

07

CONSIDERAÇÕES FINAIS

07 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Vila de Cascais é um dos destinos eleitos a visitar, pelos estrangeiros e portugueses. Tem sido alvo de um grande crescimento urbano e demográfico nas últimas décadas. Cascais, ilustre pela sua qualidade de vida, maioritariamente classe média alta, apresenta também vários núcleos urbanos segregados. O contraste social e urbano entre os núcleos e a sua envolvente mostra-se preocupante.

O projeto proposto, incide num destes núcleos segregados em Cascais: o Bairro Marechal Carmona. O bairro apresenta questões e problemáticas preocupantes para os seus habitantes. A carência de condições nas habitações e a ausência de serviços e espaços públicos qualificados que proporcionem interação social mostra-se impactante no estilo de vida da sua envelhecida população.

A estratégia urbana apresentada permite que se dê um rejuvenescimento do bairro, não só arquitetonicamente, mas demograficamente. A inserção de jovens enquanto novos habitantes, proporciona um estilo de vida mais saudável, por gerar uma comunidade mais dinâmica. A requalificação do bairro visa atrair visitantes da restante vila, convidando à sua permanência, abrindo-se também para a restante cidade. A estratégia para a requalificação urbana dispõe aos cascalenses, espaços públicos qualificados, espaços culturais e educativos e diferentes dinâmicas habitacionais, evitando assim a possível exclusão social por um grupo de habitantes específico. Com esta proposta, pretende-se ainda combater o estigma associado aos bairros. O investimento numa arquitetura mais duradora e que não se assemelhe às comuns habitações sociais, permite que exista uma mitigação deste estigma.

Para que esta relação intergeracional exista, é necessária uma estratégia mais delicada, emergindo assim, a proposta de arquitetura. O projeto é composto por um edifício permeável no seu piso térreo, que permite uma entrada no bairro mais aberta e convidativa à permanência. A atividade programática deste edifício é de carácter multifuncional, combinando uma série de programas distintos como: comércio, serviços, restauração e as atividades, de interesse mútuo às duas gerações separadas pelo tempo: música, teatro, dança, artesanato, artes plásticas e workshops variados. A escolha de um programa cultural, promove uma maior qualidade de vida, através de atividades físicas e mentais e também, a partilha de conhecimentos entre gerações.

As respostas arquitetónicas a problemas sociais tornam-se cada vez mais pertinentes, numa época em que existe mais conhecimento e compreensão para questões como saúde mental e física. Assim, o urbanismo e a arquitetura possuem um papel fundamental para a criação de uma comunidade ativa e dinâmica, independentemente da classe social à qual pertencem.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Paula (1994)

Habitação: a Produção de um Conceito

Porto: Sociedade e Território, nº 20, Ed. Afrontamento

ALMEIDA, Patrícia (2015)

Bairro(s) do Restelo – Panorama Urbanístico e Arquitetónico.

Lisboa: Caleidoscópio

ALMEIDA, Pedro Vieira de (2013)

Ensaio sobre o Espaço da Arquitectura

Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo – Escola Superior Artística do Porto

ALVINO-BORBA, Andreilcy; MATA-LIMA, Herlander (2011)

Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia

São Paulo: *Serv. Soc. Soc.*, n. 106

AUGUSTO, N. (2002)

Habitação Social – da intenção de inserção à ampliação da exclusão in Atas do IV Congresso de Sociologia da Associação Portuguesa de Sociologia.

BARRY, Brian (1998)

Social Exclusion, Social Isolation and the distribution of income.

Londres: Centre for Analysis of Social Exclusion

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2003)

Relatório Conjunto Sobre a Inclusão Social, que Sintetiza os Resultados da Análise dos Planos de Acção Nacionais para a Inclusão Social

Bruxelas: COM, 12.12.2003

COSTA, Cátia (2016)

Edifício e Espaço de Transição – Estratégias de Projeto que Geram Urbanidade na Cidade de Lisboa

Lisboa: Tese de Doutoramento em Arquitectura, Especialidade Teoria e Prática de Projeto – Faculdade de Arquitectura – Universidade de Lisboa

CUNHA, Marta (2012)

Edifícios Híbridos como Geradores de Uma Nova Lógica Urbana

Lisboa: Tese de Mestrado da Ufaculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa

D'ENCARNAÇÃO, José (1976)

História e Geografia de Cascais

Cascais: Edição do Autor

- DZIURA**, Giselle Luzia (2009)
Permeabilidade espacial e zelo urbanístico no projeto arquitetônico: da Modernidade à Pós-Modernidade nos edifícios multifuncionais do Eixo Estrutural Sul de Curitiba
 São Paulo: Tese de Doutorado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo
- FENTON**, Joseph (1985)
Hybrid Buildings, Pamphlet Architecture 11
 New York/San Francisco: Princeton Architectural Press
- FERREIRA**, Maria (2013)
Campus-Bairro – Contributo para uma identidade do Pólo da Ajuda
 Lisboa: Dissertação e projeto final de Mestrado em Arquitetura – Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
- FERREIRA**, Pedro (2011)
Envelhecimento Activo E Relações Intergeracionais
 Lisboa: Instituto De Ciências Sociais - Universidade De Lisboa: XV Congresso Brasileiro De Sociologia - 26 A 29 De Julho De 2011, Curitiba (Pr)
- FINDSEN**, Brian, **FORMOSA**, Marvin (2011)
Lifelong Learning in Later Life
 Sense Publishers
- FORNASIER**, Mateus de Oliveira, **LEITE**, Flavia Piva Almeida (2018)
A exclusão social do idoso no ambiente urbano
 Rio de Janeiro: Revista de Direito da Cidade, vol. 10, nº 3. ISSN 2317-7721 pp. 2073-2105 2073
- GRANVILLE**, G (2002)
A review of intergenerational practice
 Stoke-on-Trent: the UK Beth Johnson Foundation, Stoke-on-Trent
- GARROWAY**, Christopher & **JÜTTING**, Johannes (2011)
Measuring cross-country differences in social cohesion
 Genebra: OECD Development Centre
- GOFFMAN**, E. (1968)
Asylums: Essays on the Social Situation of Mental Patients and Other Inmates.
 Penguin, Harmondsworth.
- GROS**, Marielle C. (1994)
 Pequena História do Alojamento Social em Portugal
 Porto: Sociedade e Território, nº 20, Ed. Afrontamento, Porto
- HATTON-YEO**, A. & **OHSAKO**, T. (2001)
Intergenerational programmes: public policy and research implications. An International Perspective.
 Stoke-on-Trent: The Beth Johnson Foundation

- HATTON-YEO, A.** (2006)
Intergenerational programmes. An introduction and examples of practice.
Stoke-on-Trent: The Beth Johnson Foundation.
- HATTON-YEO, A.** (2009).
Evaluating intergenerational projects: A practical guide to useful resources.
Stoke on Trent: *Beth Johnson Foundation.*
- HENRIQUES, João Miguel** (2014).
Cascais – 650 Anos de História
Cascais: Câmara Municipal de Cascais
- HENRIQUES, João Miguel** (2014).
Cascais: Território · História · Memória
Cascais: Câmara Municipal de Cascais
- HUNTER, B. H.** (2000)
Social exclusion, social capital, and indigenous australians: measuring the social costs of unemployment
Canberra: *Centre for Aboriginal Economic Policy Research.* Discussion Paper, n. 204
- JENKS, Mike; DEMPSEY, Nicola** (2007)
Challenges for empirical research
Oxford: Oxford Brooks University
- KELBAUGH, Douglas** (1992)
Common Place: Toward Neighborhood and Regional Design
Washington, DC: University of Washington Press
- KOWARICK, Lúcio** (2003)
Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil — Estados Unidos, França e Brasil
São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 18, n. 51
- LACLAU, Ernesto** (2006)
Inclusão, Exclusão e a Construção de Identidades. In: AMARAL JR, Aécio; Burity, Joanildo (orgs.) Inclusão Social, identidade e diferença: perspectiva pós-estruturalista de análise social.
São Paulo: Annablume
- LARANJEIRA, Carlos António** (2010)
“Velhos são os Trapos”: do positivismo clássico à nova era
São Paulo: Saúde Soc. São Paulo, v.19, n.4, p.763-770, 2010
- LESBAUPIN, Ivo** (2000)
Poder local x exclusão social: a experiência das prefeituras democráticas no Brasil.
Petrópolis: Vozes

LOPES, José Rogério (2006)
“Exclusão social” e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitividade.
Florianópolis: Psicologia & Sociedade, v. 18, n. 2

LYNCH, Kevin (1960)
A Imagem da Cidade
Massachusetts: MIT Press

MARINA, Ognen; **ARMANDO**, Alessandro (2015)
Projects for an Inclusive City: Social Integration through Urban Growth Strategies.
Skopje: City of Skopje

MAZZA, Jacqueline (2005)
Inclusão social, mercados de trabalho e capital humano na América Latina. In: BUVINIC, M.; MAZZA, J.; DEUTSCH, R. (orgs.) Inclusão Social e Desenvolvimento económico
Rio de Janeiro: Elsevier

MENDES, Maria, **SÁ**, Teresa, **CRESPO**, José, **FERREIRA**, Carlos (2012)
A Cidade entre Bairros.
Lisboa: Caleidoscópico

MIROCZNIK, Betty
A intangível realidade: atmosferas, encontros e percepções
Rio de Janeiro: Revista online do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica -Puc-Rio, Ano 3 – Nº 5 - ISSN 2446-7340

MONTEIRO, Pedro Cortesão (2006)
Quando os objectos colidem
Lisboa: Jornal Arquitectos ISSN 0870-1504. 220/221 (Jul./Dez. 2005)

PER, Aurora Fernández; **MOZAS**, Javier; **ARPA**, Javier (2011)
This is Hybrid - An analysis of mixed-use building.
Vitoria-Gasteiz: a+t Architecture Publishers

NARAYAN, D. (1999)
Bonds and Bridges: Social Capital And Poverty
Poverty Group, Prem World Bank

NEWMAN, S. (1997)
History and evolution of intergenerational programs.
Washington, DC: Taylor and Francis.

NEWMAN, S., **SÁNCHEZ**, M. (2007).
Los programas intergeracionales: concepto, história y modelos.
Barcelona: Fundación “La Caixa”.

OLIVEIRA, Cristina (2011)
Relações Intergeracionais: Um estudo na área de Lisboa
Lisboa: Dissertação de Mestrado em Política Social – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa

- PAIN, R.** (2005).
Intergenerational Relations and Practice in the Development of Sustainable Communities.
Durham: International Centre for Regional Regeneration and Development Studies.
- PER, A. F.F** (2011)
Hybrid versus social condenser. This is Hybrid: an Analysis of Mixed-Used Buildings
Vitoria-Gasteiz: a+t Architecture Publishers
- PEREIRA, Nuno Teotónio** (1994)
Pátios e Vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção do alojamento operário”
Lisboa: Análise Social, Volume XXIX (127) p.509-524
- PINTO, Teresa C.** (1994)
A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: o Gosto Pela Casa e o Desgosto Pelo Bairro
Porto: Sociedade e Território, nº 20. Ed. Afrontamento
- PROENÇA, Carlos Sangreman** (2005)
A exclusão social em cabo verde. uma abordagem preliminar.
Lisboa: ACEP — Associação para a Cooperação entre Povos, Centros de Estudo do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa
- RAMOS, Tânia** (2017)
Bairros Planeados e Novos Modos de Vida.
Lisboa: Caleidoscópio.
- SEN, Amartya** (2001)
Development as freedom.
Oxford: Oxford University Press
- SHEPPARD, Michael** (2006)
Social Work and Social Exclusion: the idea of practice.
Farnham: Ashgate
- SOUZA, Marcelo** (1989)
O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política
Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Geografia*, n. 51
- SILVA, Raquel Henriques da** (2010)
Arquitetura de Veraneio - Cascais
Cascais: Câmara Municipal de Cascais
- SPRINGATE, I., ATKINSON, M. AND MARTIN, K.** (2008)
Intergenerational Practice: a Review of the Literature (LGA Research Report F/SR262).
Edição: NFER.
- TAÍNHA, Manuel, NEVES, José Manuel** (2002)
Manuel Tainha: projectos (1954-2002)
Porto: Asa

WIXEY, Sarah *et al.* (2005)

Measuring Accessibility as Experienced by Different Socially Disadvantaged Groups
Westminster: EPSRC FIT Programme — Transport Studies Group — Universidade
de Westminster.

ZEIDLER, Eberhard H. (1985)

Multi-use architecture in the urban context
New York: Van Nostrand Reinhold

ANEXOS

ESTATÍSTICA

ANÁLISE SOCIOLÓGICA

Num total de 198 alojamentos residentes, quando iniciámos o trabalho de campo verificámos que destes 198, havia mais casas fechadas para além das assinaladas. O número de alojamentos rondará os 175.

A população residente que participou no estudo é constituída por 276 indivíduos, residentes em 121 alojamentos, (só cerca de 70% é que participaram no estudo).

Estrutura etária da população participante no estudo:

0 -14 anos | 22 residentes; **8,2%**
15-24 | 23 residentes; **8,6%**
25 – 44 | 46 residentes; **17,2%**
45 -64 | 74 residentes; **27,6%**
65 - 74 | 51 residentes; **19%**
75 e + | 52 residentes; **19,4%**

117 são do sexo masculino
154 são do sexo feminino

A grande maioria tem nacionalidade portuguesa, 94,9%

Estado civil

38,3% solteiros
casados em união de facto **33,1%**
viúvos **16,7%**
11,9% divorciados ou separados

Nível de escolaridade

78,5% completaram um nível de ensino igual ou inferior ao ensino básico, 3º
Ciclo

Tipologias dos alojamentos

T1 – 8,3%
T2 – 44,6%
T3 – 38%
T4 – 7,4%
T5 – 1,7%

PROJECTO DE AMPLIAÇÃO DO
BAIRRO "MARECHAL CARMONA":
CASCAIS

MEMÓRIA DESCRITIVA

Entenderam a Santa Casa da Misericórdia e a Câmara Municipal de Cascais, em face do número sempre crescente de pedidos de casas para famílias pobres que se tornava necessário ampliar o bairro "Marechal Carmona".

Foi assim elaborado o presente projecto que prevê a construção de 68 casas, em blocos de 4, dispostas em 2 pisos, das quais 40 a construir pela Santa Casa da Misericórdia e 48 pela Câmara Municipal.

Posteriormente e por razões de ordem administrativa, decidiu a Santa Casa da Misericórdia construir sómente 20 casas, o que corresponde a uma realização parcial do presente projecto, constituindo por assim dizer uma primeira fase da obra.

Estas 20 casas, 8 do tipo A (2 quartos) e 12 do tipo B (3 quartos), seriam as situadas a poente da rua J, constante do projecto.

Este conjunto desenvolve-se em terreno que já é pertença da Santa Casa; vantagem que é óbvio encarecer.

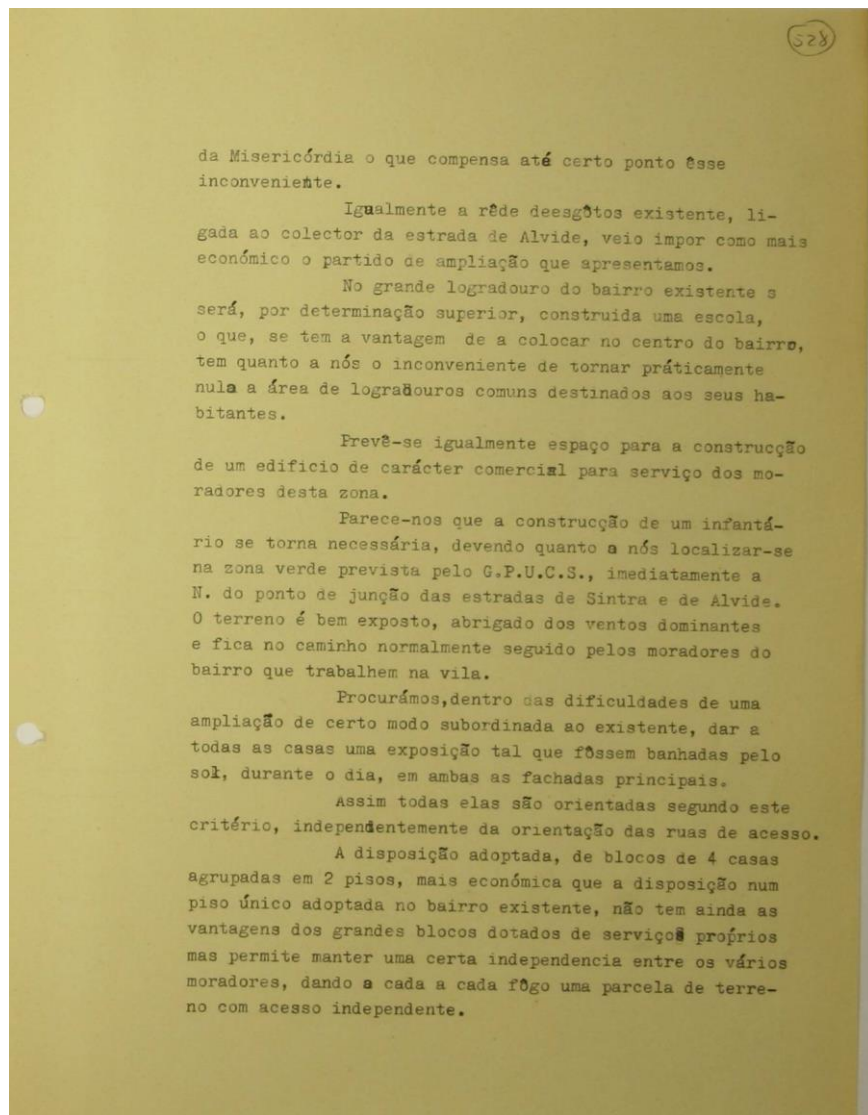
PARTIDO GERAL

O actual bairro "Marechal Carmona", concebido como unidade isolada dentro do plano do C.P.U.C.S., dificultou pela disposição dos seus arruamentos um estudo de ampliação perfeitamente ligado ao existente.

Assim a ampliação fez-se em 2 partes, uma a sul do bairro existente, aproveitando terrenos que não sendo no seu todo ideais para a construção económica, tem no entanto a vantagem de já pertencerem á Santa Casa

Figura 86 – Memória descritiva do projeto de aplicação do Bairro Marechal Carmona (I) | Arquivo Municipal de Lisboa

Figura 87 – Memória descritiva do projeto de aplicação do Bairro Marechal Carmona (II) | Arquivo Municipal de Lisboa



529

TIPOS DE CASA

Das 88 casas previstas no presente projecto, 48 são do tipo "A" (2 quartos), 32 do tipo "B" (3 quartos) e 8 do tipo "C" (4quartos), números estes tanto tanto possível de acordo com as percentagens oficialmente adoptadas neste género de realizações.

As plantas foram resolvidas procurando tirar o melhor partido possível das restritas áreas adpptadas, as quais representam todavia nítida melhoria em relação ás casas do bairro existente, o que permitiu melhorar certas áreas manifestamente insuficientes, como são ppr exemplo as das cozinhas.

Os terraços e alpendres das fachadas posteriores permitem a colocação de tanques de lavar roupa em boas condições para trabalhar, evitando ao mesmo tempo o aspecto desagradável da sua colocação desordenada nos quintais das casas.

Procurámos dar ás casas um aspecto tão agradável quanto possível dentro da escassez de meios de expressão plástica de que podíamos dispor, de maneira a obter alçados de grande simplicidade e volumes de construção tão puros quanto possível.

Lisboa de Julho de 1949

O Arquitecto

Figura 88 – Memória descritiva do projeto de aplicação do Bairro Marechal Carmona (III) | Arquivo Municipal de Lisboa

Figura 89 – Planta de Ampliação do Conjunto do Bairro Marechal Carmona | Arquivo Municipal de Lisboa

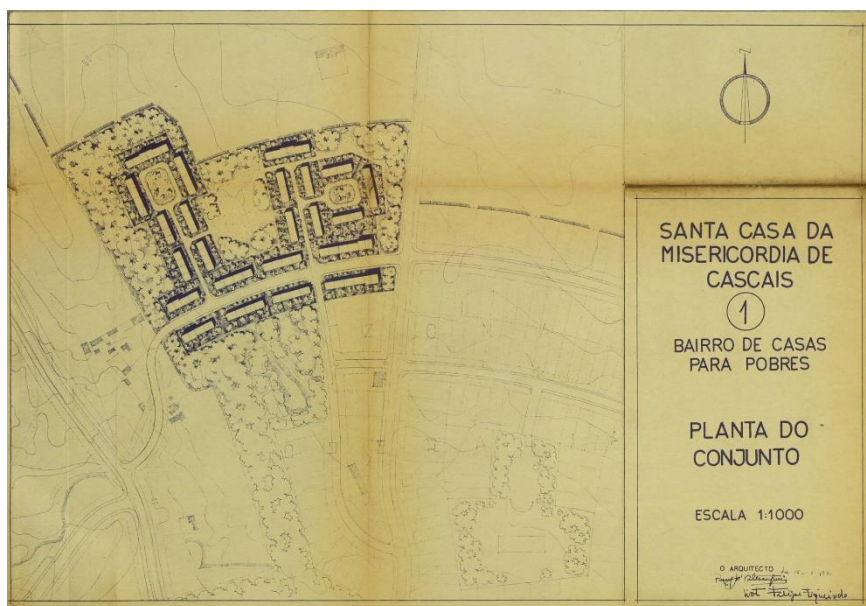
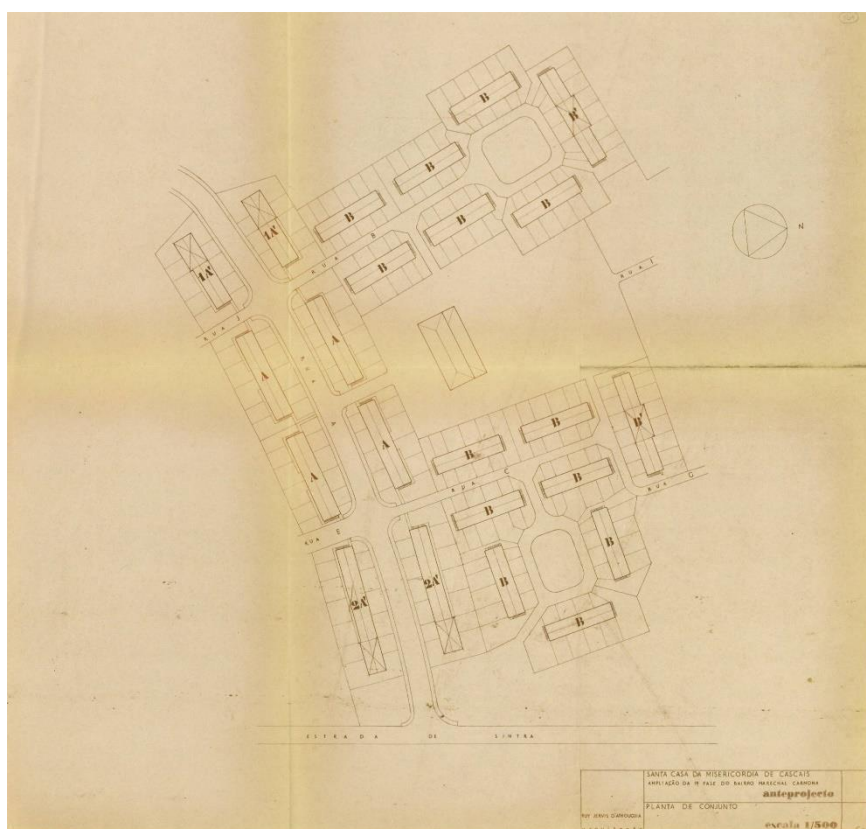


Figura 90 – Planta de Ampliação do Conjunto do Bairro Marechal Carmona | Arquivo Municipal de Lisboa



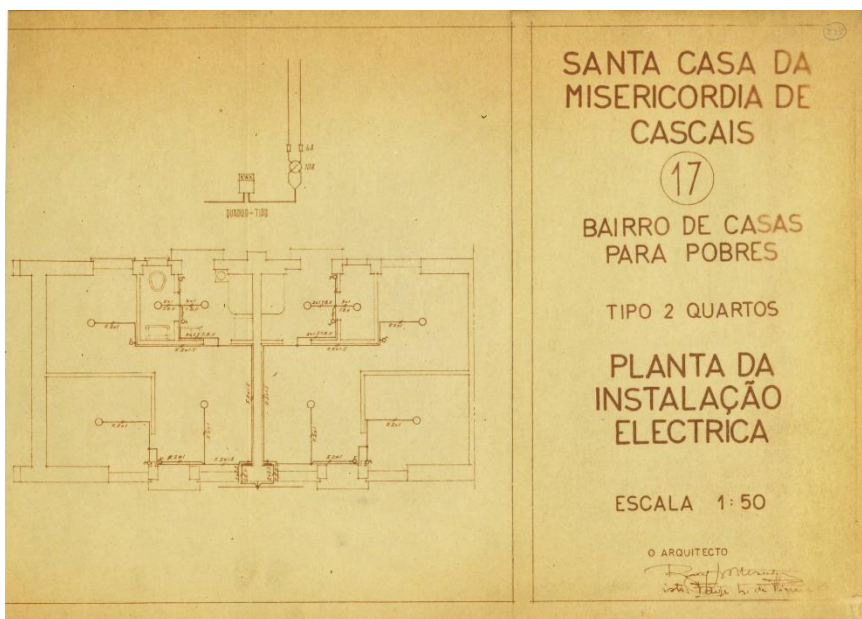


Figura 91 – Planta de Instalação Elétrica numa tipologia de 2 quartos | Arquivo Municipal de Lisboa

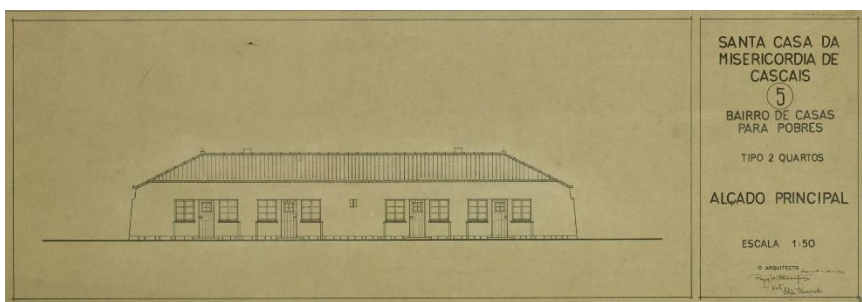


Figura 92 – Alçado principal de uma tipologia de 2 quartos, BMC | Arquivo Municipal de Lisboa

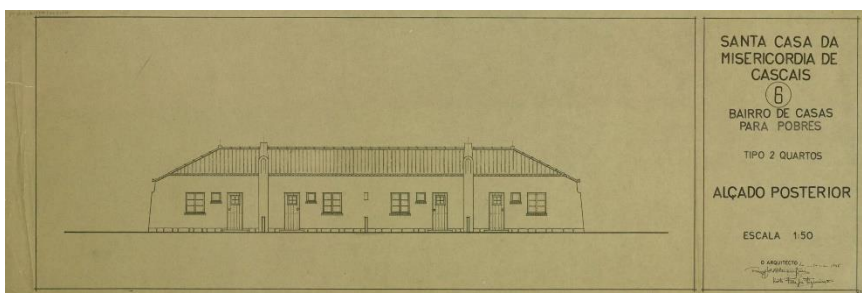


Figura 93 – Alçado posterior de uma tipologia de 2 quartos, BMC | Arquivo Municipal de Lisboa

Figura 94 – Planta do segundo piso de uma tipologia de 2 pisos, BMC | Arquivo Municipal de Lisboa

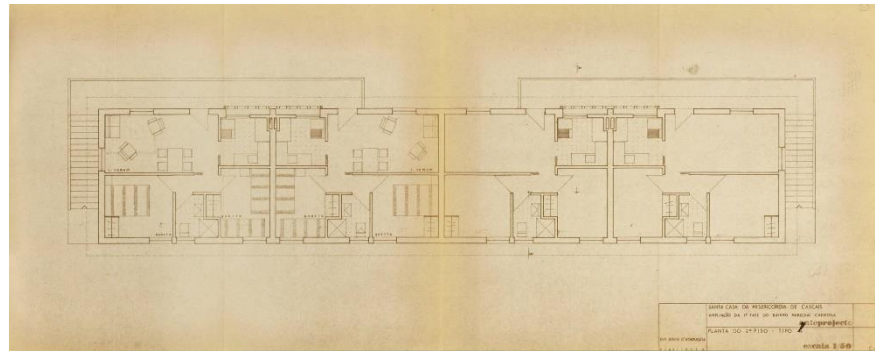
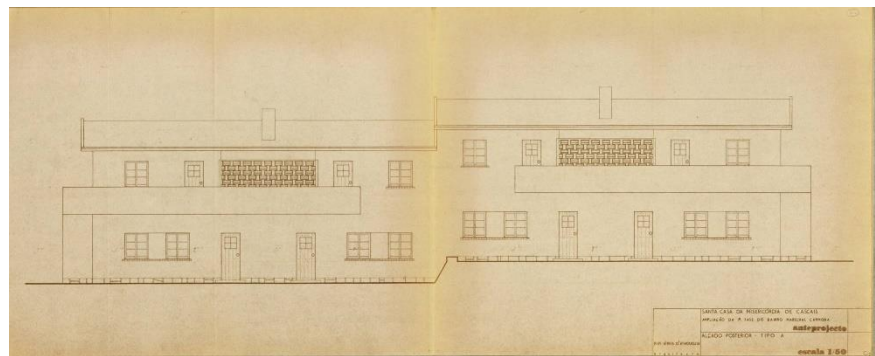


Figura 95 – Alçado Posterior de uma tipologia de 2 pisos, BMC | Arquivo Municipal de Lisboa



DESENHOS

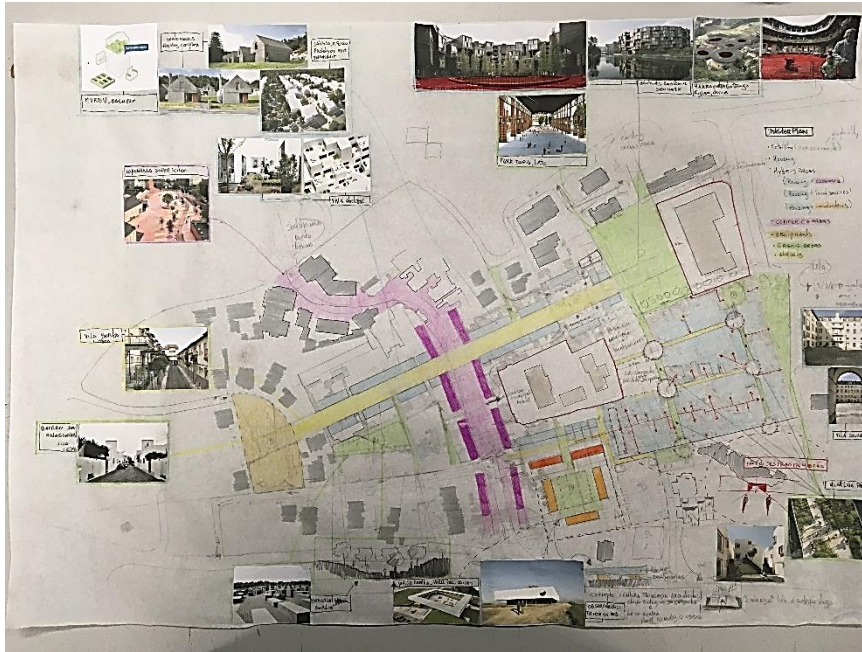


Figura 96 – Estratégia de intervenção urbana e referências | Desenho elaborado pelo grupo de trabalho, 2018

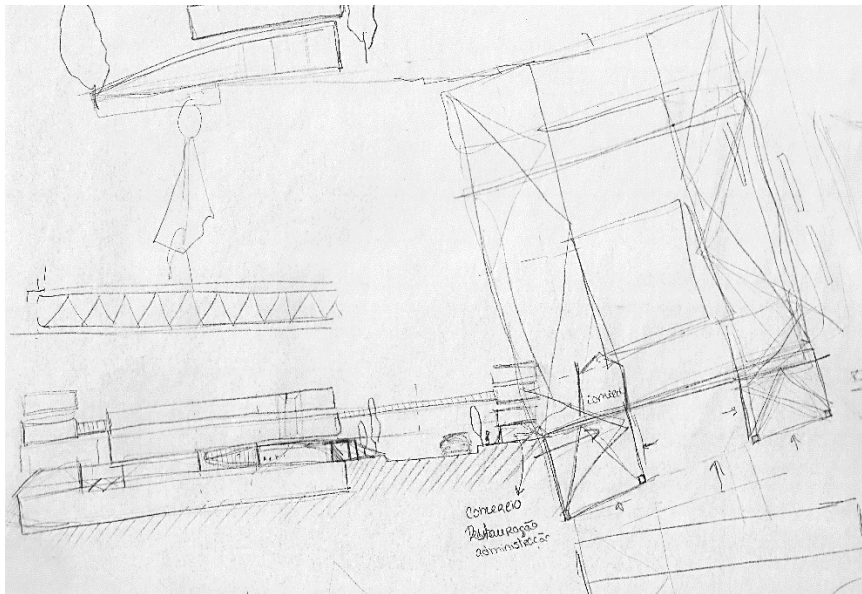


Figura 97 – Primeiras iterações arquitetônicas | Elaborado pela autora, 2019

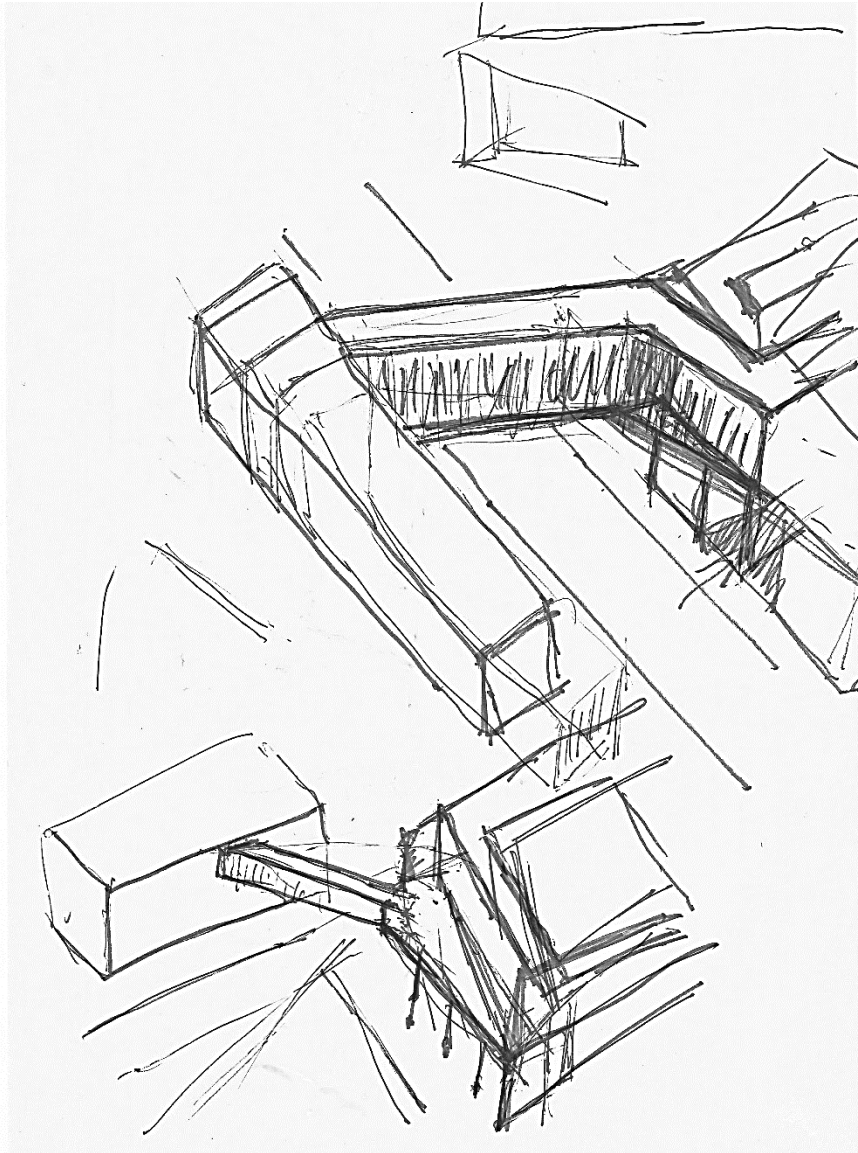


Figura 100 – Iterações da passagem aérea do edifício | Elaborado pela autora, 2020

PLANTAS E ESQUEMAS

Figura 101 – Planta de localização do BMC | Elaborado pela autora, 2020



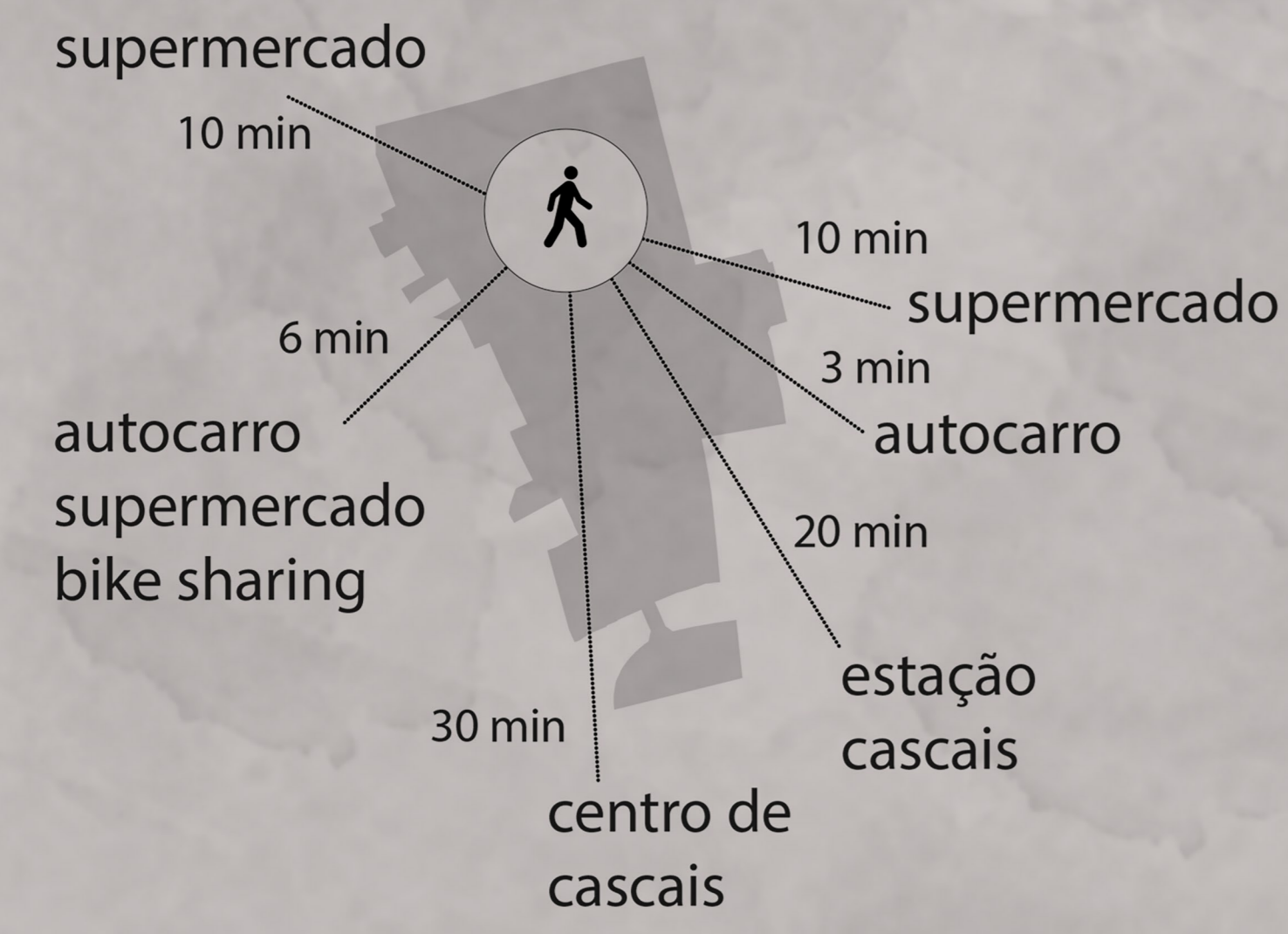
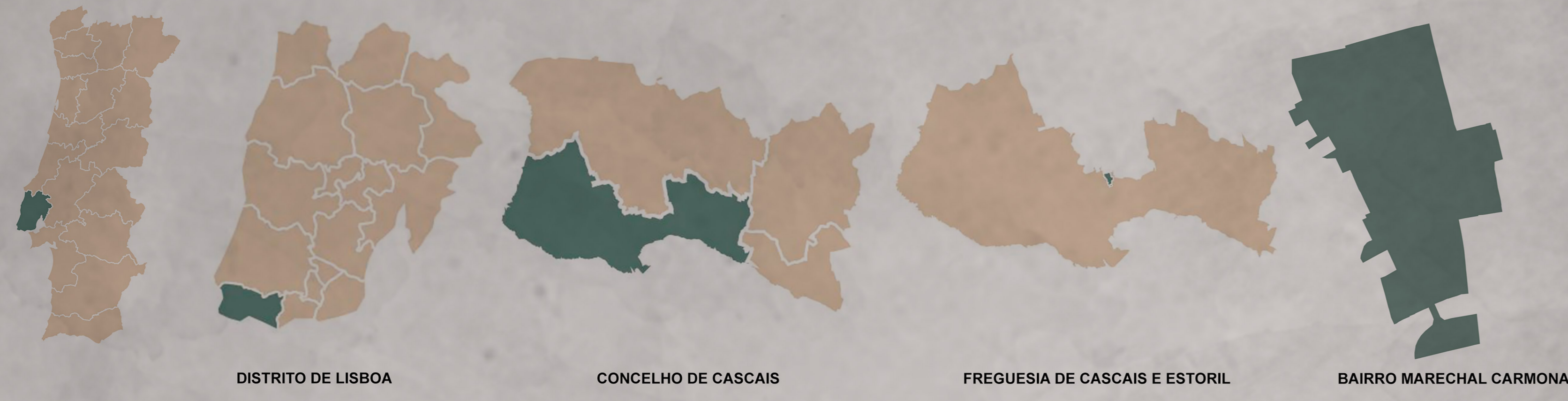


Figura 102 – *Master Plan* apresentado no Congresso de Habitação de Cascais | Elaborado pelo grupo de trabalho, 2019

1 ENCONTRO DE GERAÇÕES

O CENTRO INTERGERACIONAL INTEGRADO NA REQUALIFICAÇÃO URBANA DO BAIRRO MARECHAL CARMONA, CASCAIS

U FACULDADE DE ARQUITETURA | UNIVERSIDADE DE LISBOA | PROJETO FINAL DE MESTRADO | ORIENTADORES CIENTÍFICOS: PROF. PEDRO RODRIGUES E PROF. JOSÉ L. CRESPO
SOFIA CATARINA DOURADO PEREIRA | 2012/1512 | ESCALA 1:2000 | PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO MARECHAL CARMONA



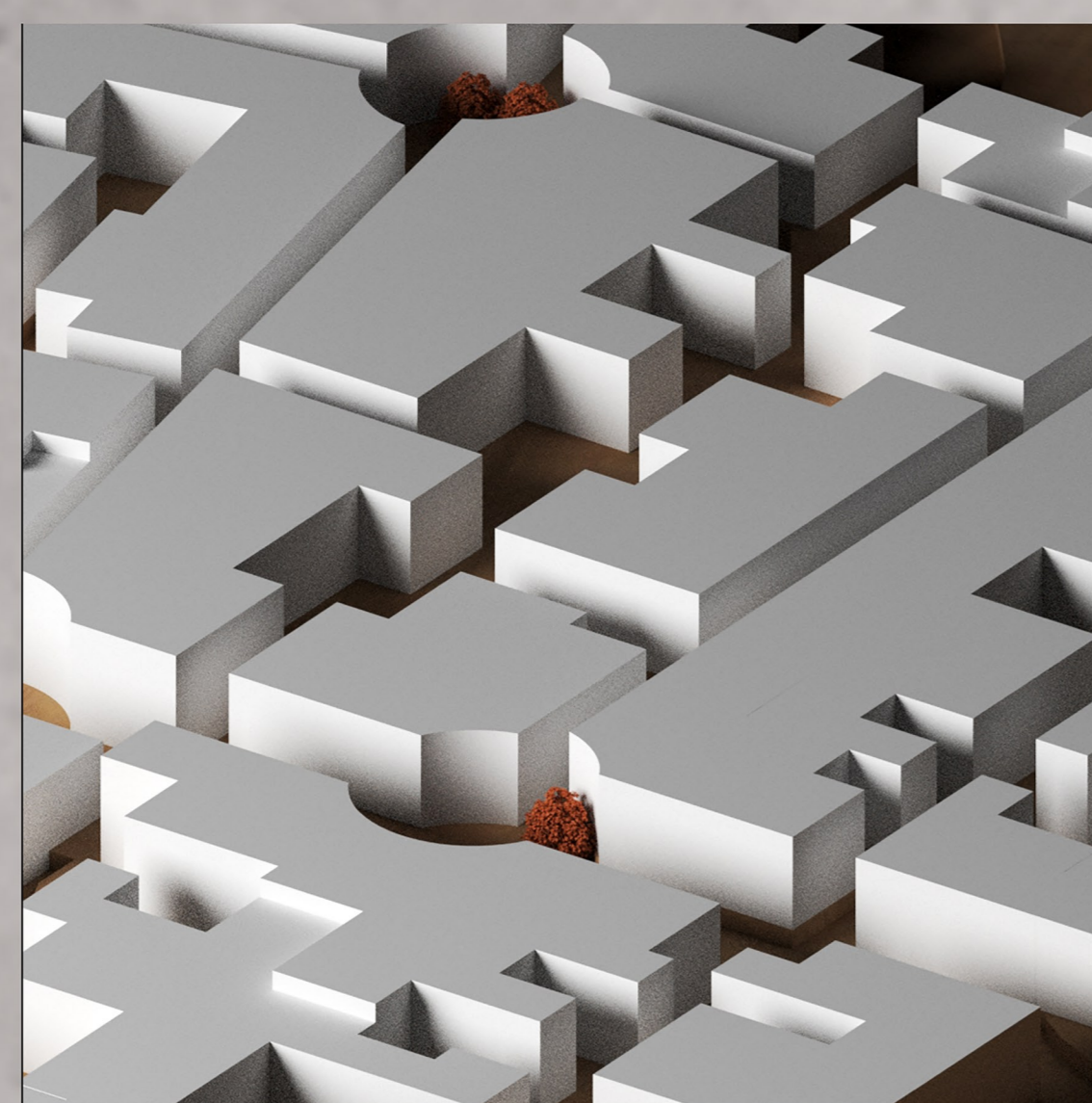
2 ENCONTRO DE GERAÇÕES

O CENTRO INTERGERACIONAL INTEGRADO NA REQUALIFICAÇÃO URBANA DO BAIRRO MARECHAL CARMONA, CASCAIS

U FACULDADE DE ARQUITETURA | UNIVERSIDADE DE LISBOA | PROJETO FINAL DE MESTRADO | ORIENTADORES CIENTÍFICOS: PROF. PEDRO RODRIGUES E PROF. JOSÉ L. GRESPO
SOFIA CATARINA DOURADO PEREIRA | 20121512 | ESCALA 1:500 | PLANO DE REQUALIFICAÇÃO PARA O BAIRRO MARECHAL CARMONA



1. PARQUE VERTICAL



2. VILLAS



3 - EIXO PRINCIPAL



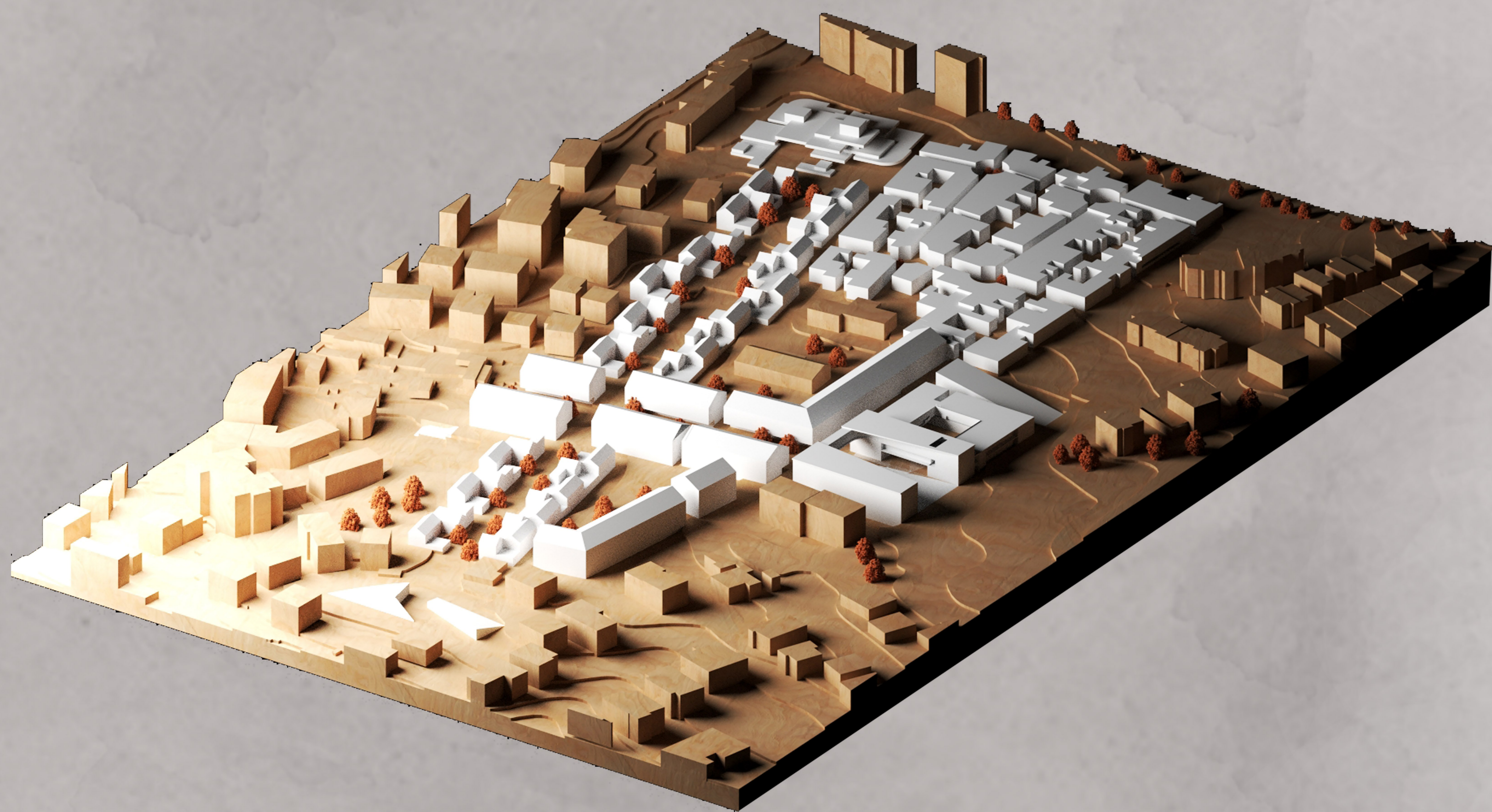
4. EIXO COMERCIAL



5. CENTRO DE DIA/CRECHE



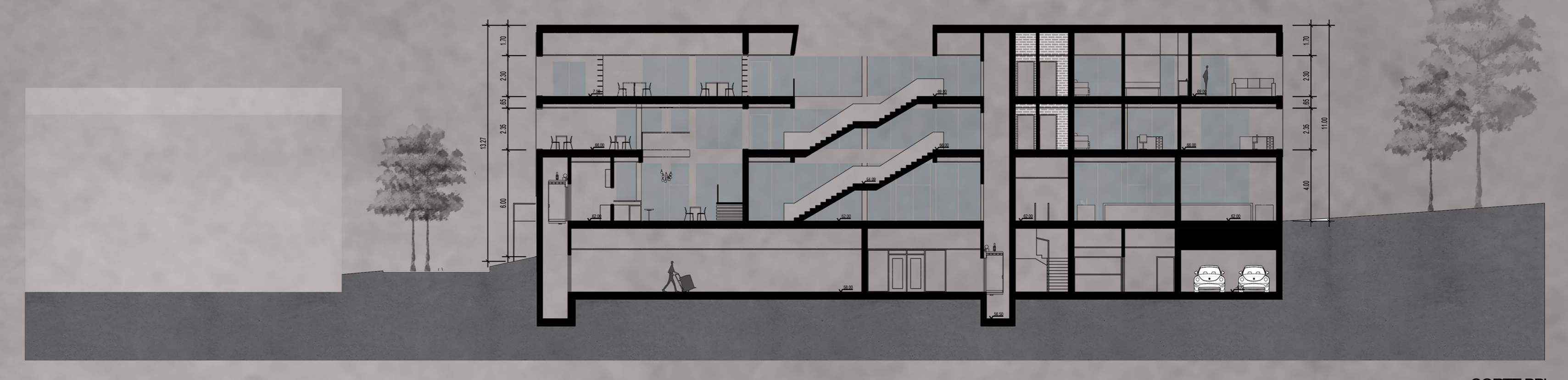
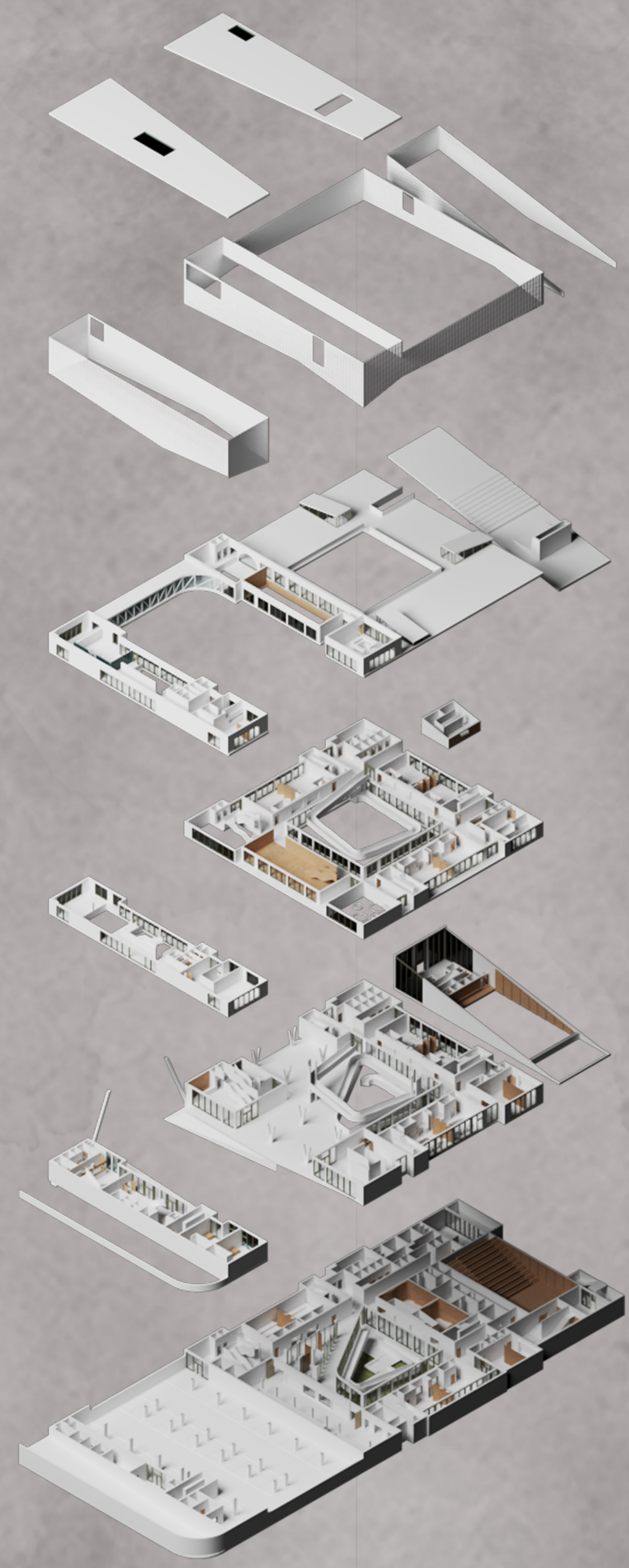
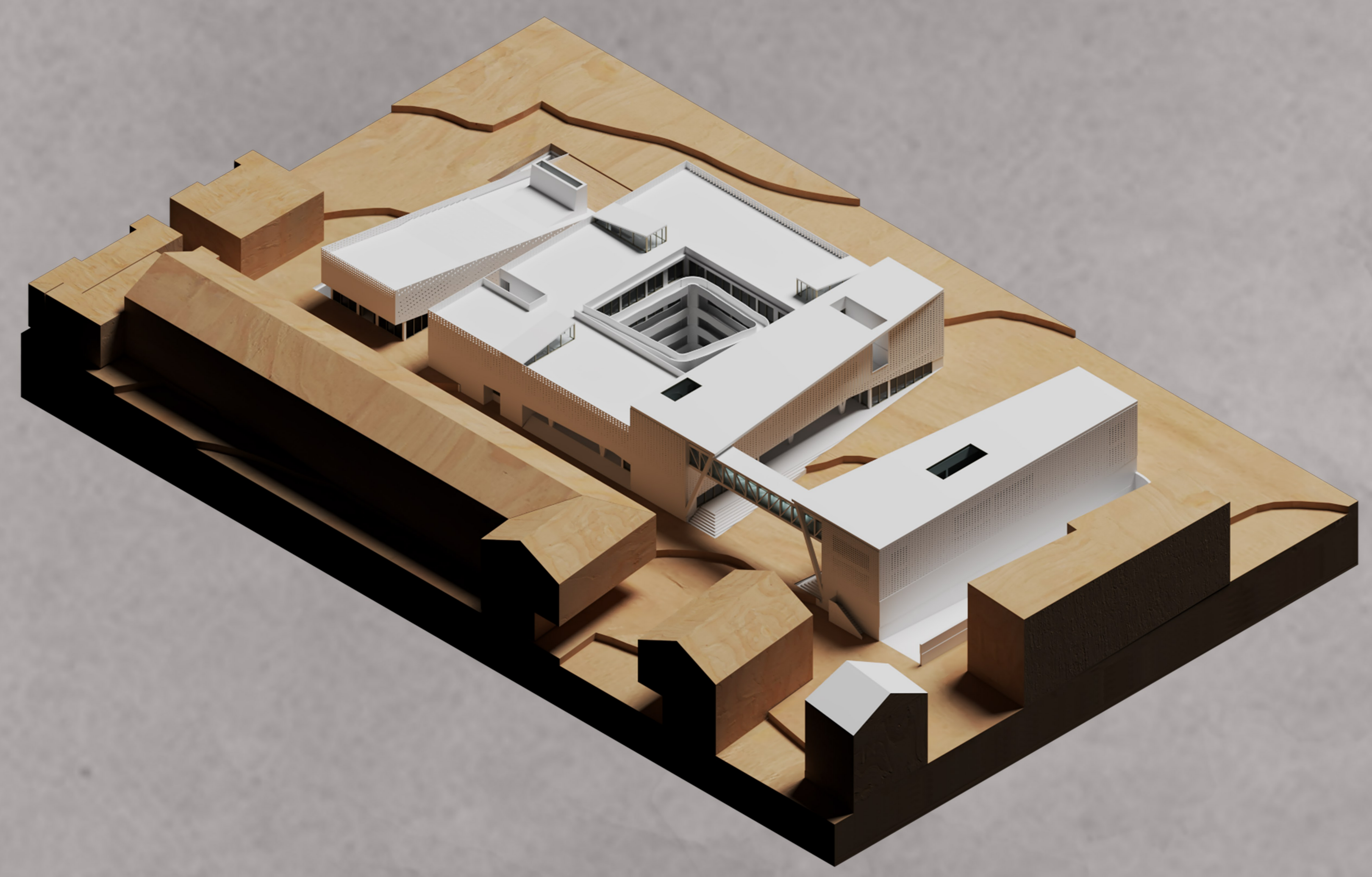
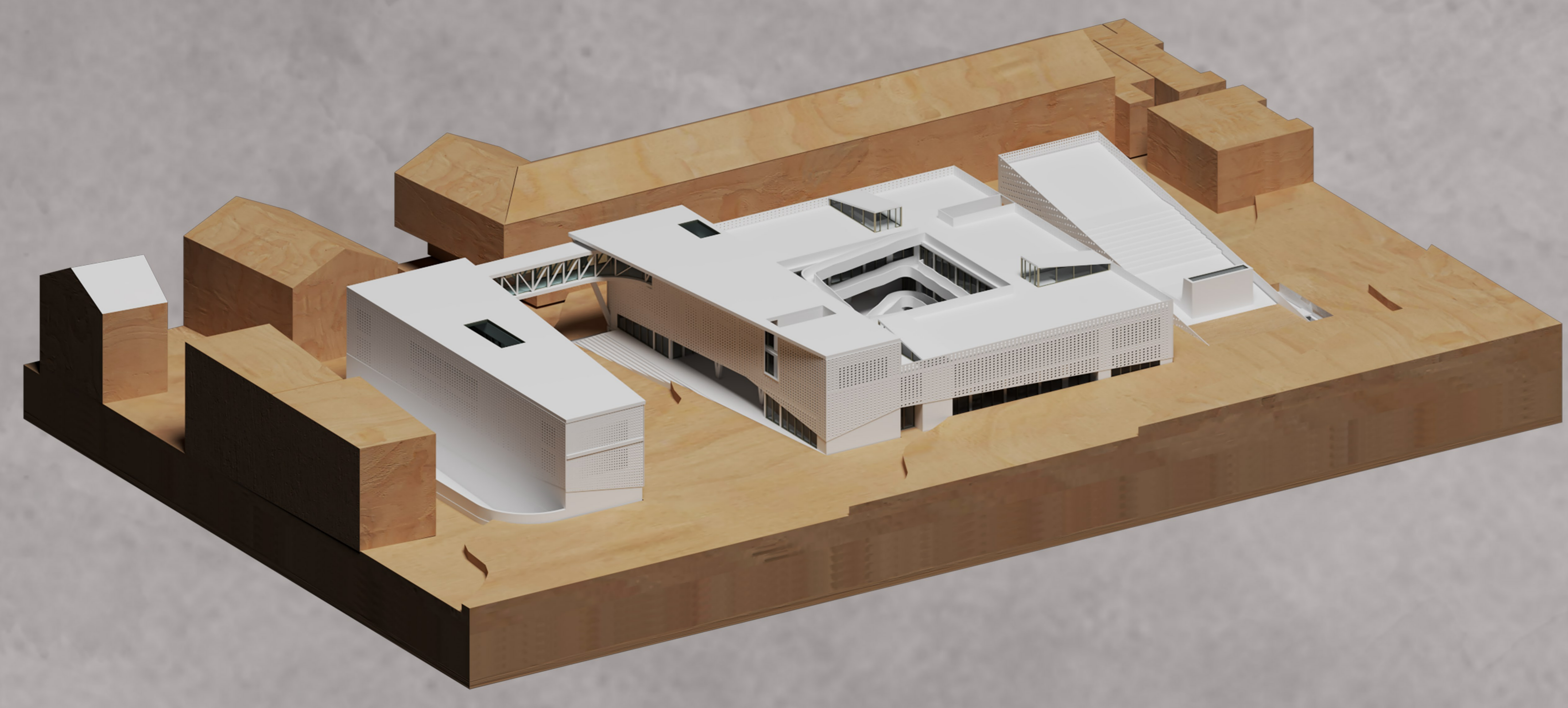
6. ESPAÇO POLIVANTE



3 ENCONTRO DE GERAÇÕES

O CENTRO INTERGERACIONAL INTEGRADO NA REQUALIFICAÇÃO URBANA DO BAIRRO MARECHAL CARMONA, CASCAIS

U FACULDADE DE ARQUITETURA | UNIVERSIDADE DE LISBOA | PROJETO FINAL DE MESTRADO | ORIENTADORES CIENTÍFICOS: PROF. PEDRO RODRIGUES E PROF. JOSÉ L. CRESPO
SOFIA CATARINA DOURADO PEREIRA | 2012/1512 | ESCALA 1:200 | PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DO CENTRO INTERGERACIONAL E CORTE BB



CORTE BB

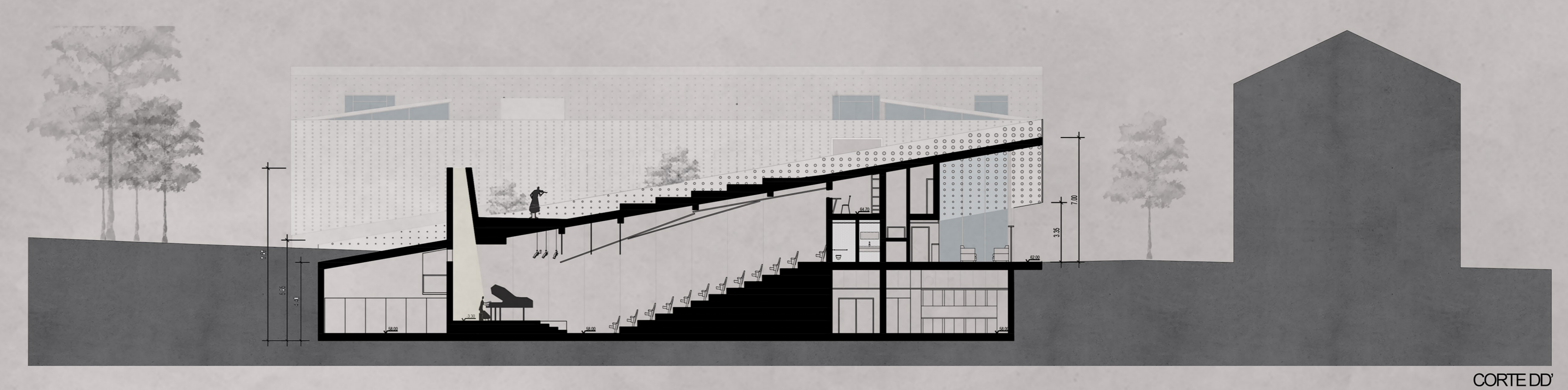


PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

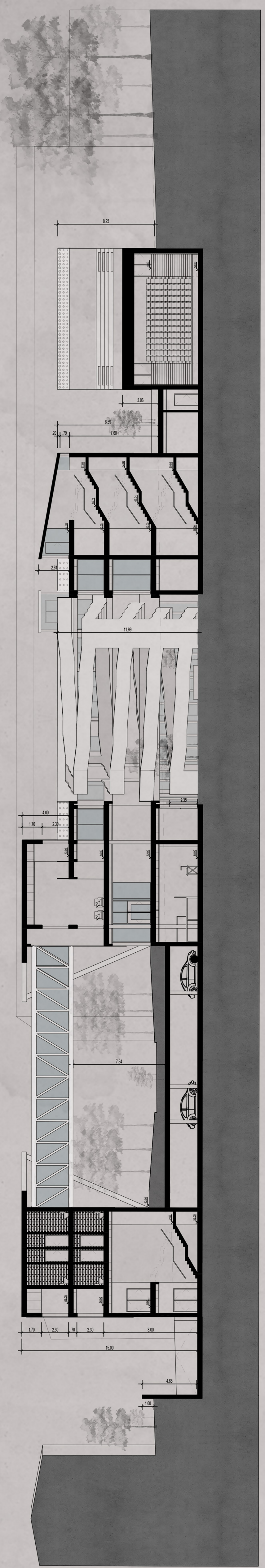
4 ENCONTRO DE GERAÇÕES

O CENTRO INTERGERACIONAL INTEGRADO NA REQUALIFICAÇÃO URBANA DO BAIRRO MARECHAL CARMONA, CASCAIS

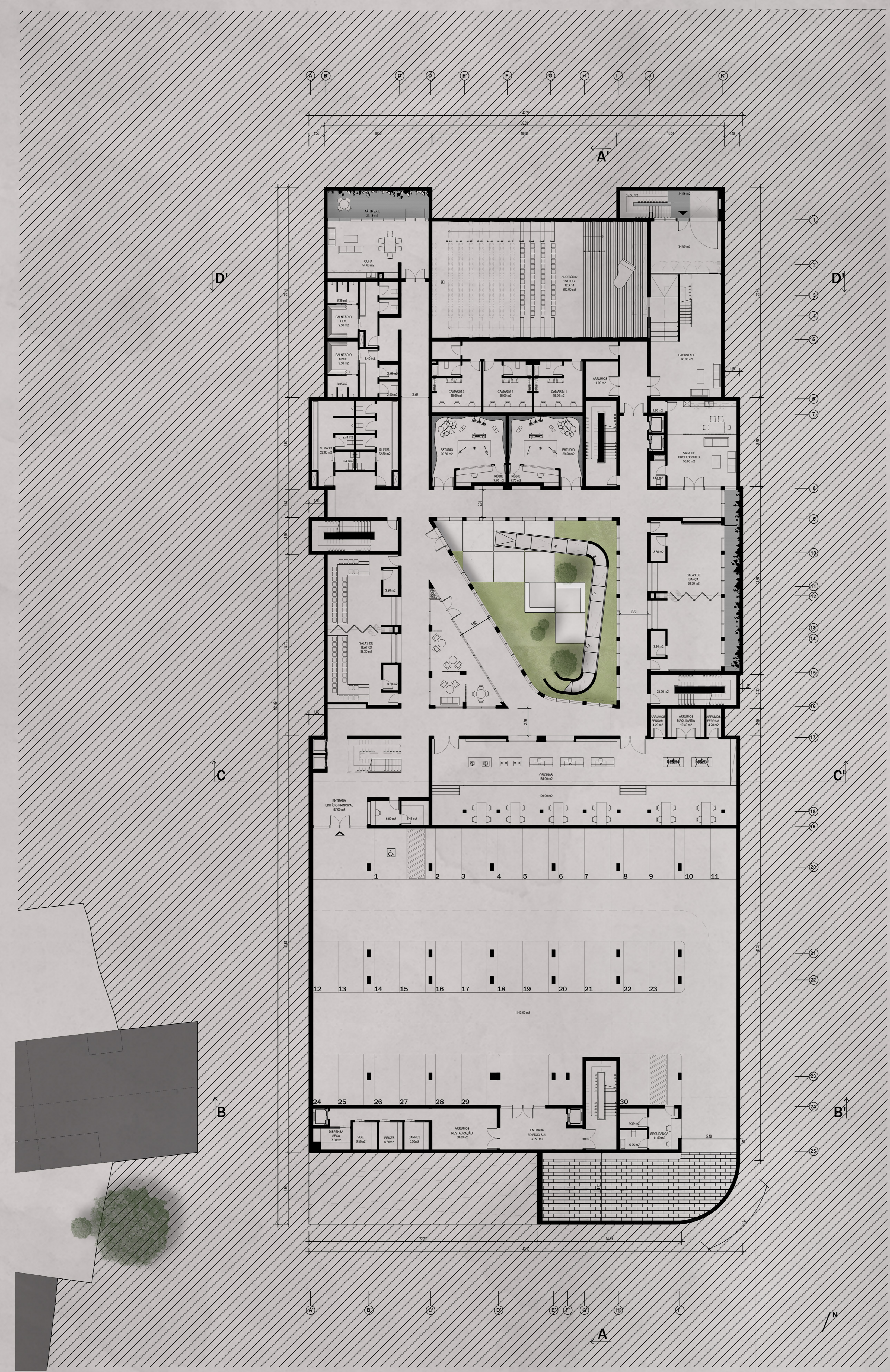
U FACULDADE DE ARQUITETURA | UNIVERSIDADE DE LISBOA | PROJETO FINAL DE MESTRADO | ORIENTADORES CIENTÍFICOS: PROF. PEDRO RODRIGUES E PROF. JOSÉ L. CRESPO
 SOFIA CATARINA DOURADO PEREIRA | 20121512 | ESCALA 1:200 | PLANTAS DO PISO -1 E 0, CORTE AA E DD



CORTE DD



CORTE AA



PISO -1

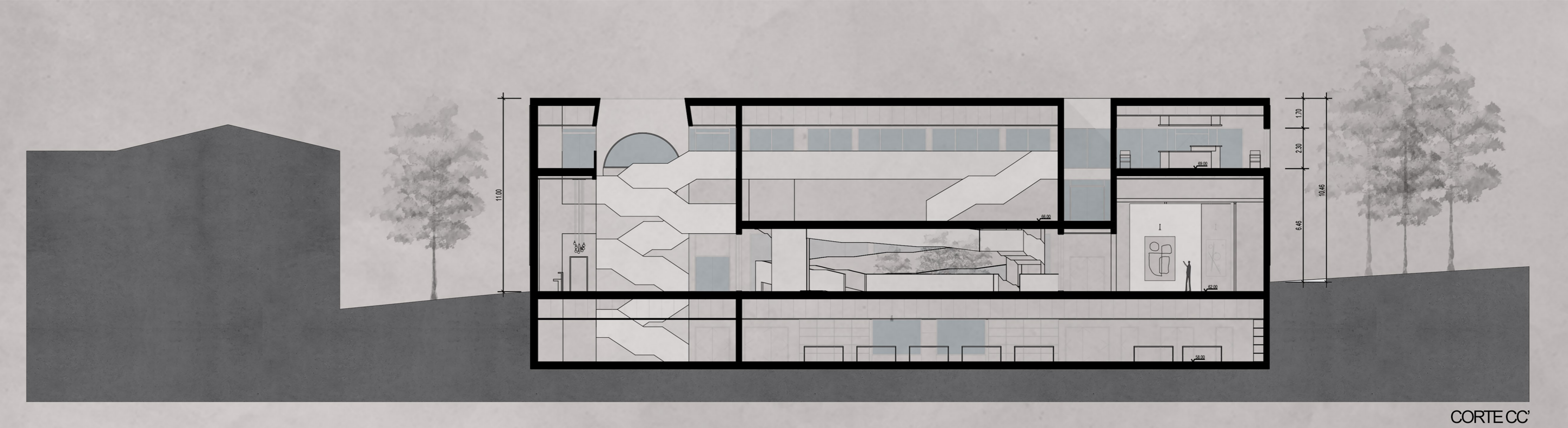
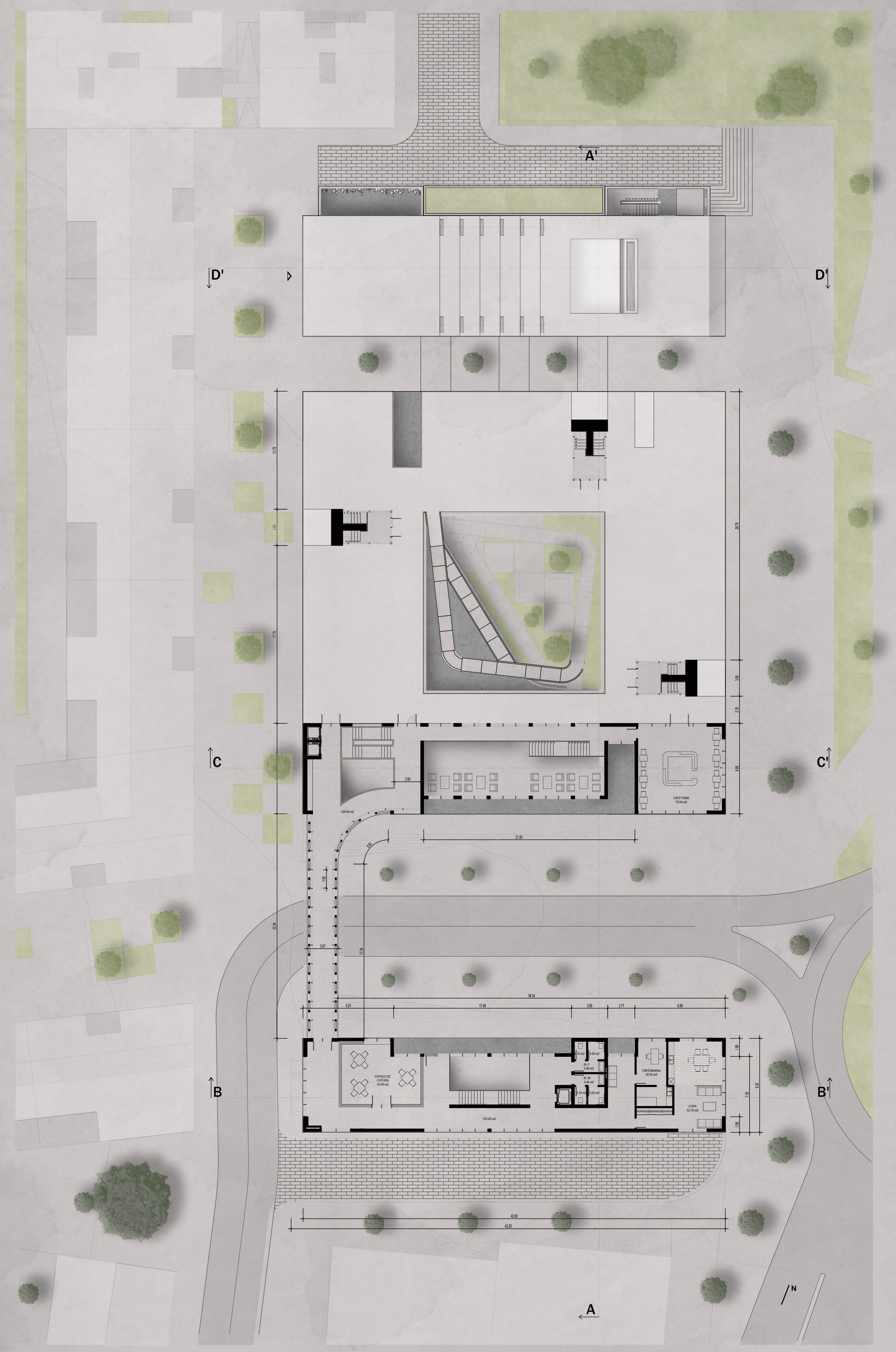


PISO 0

5 ENCONTRO DE GERAÇÕES

O CENTRO INTERGERACIONAL INTEGRADO NA REQUALIFICAÇÃO URBANA DO BAIRRO MARECHAL CARMONA, CASCAIS

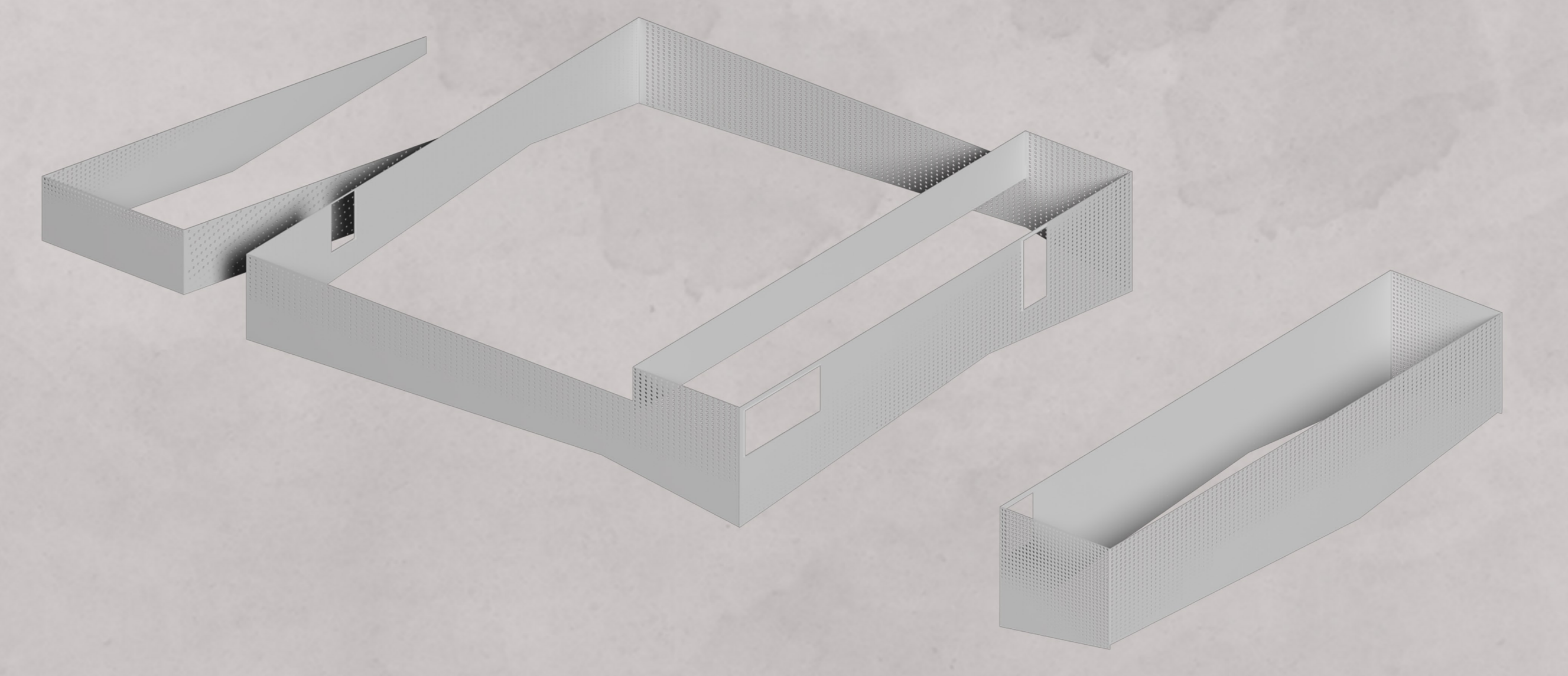
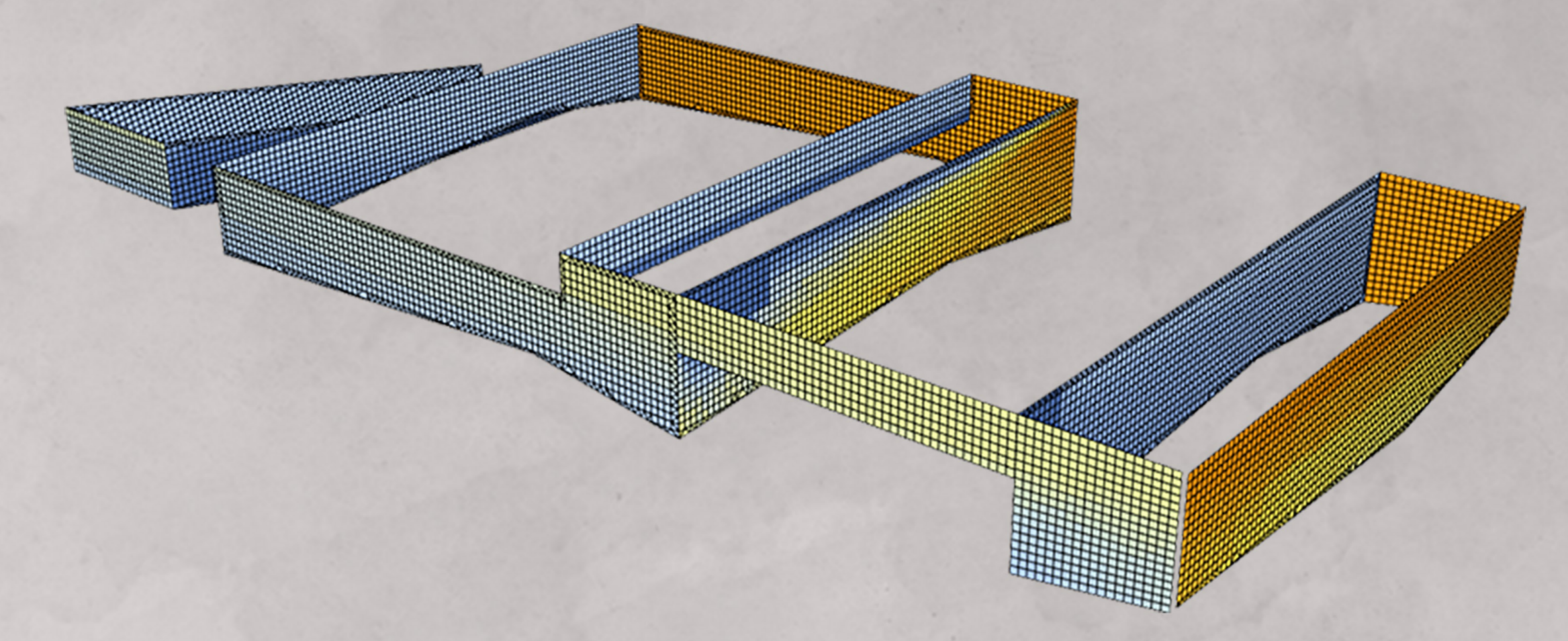
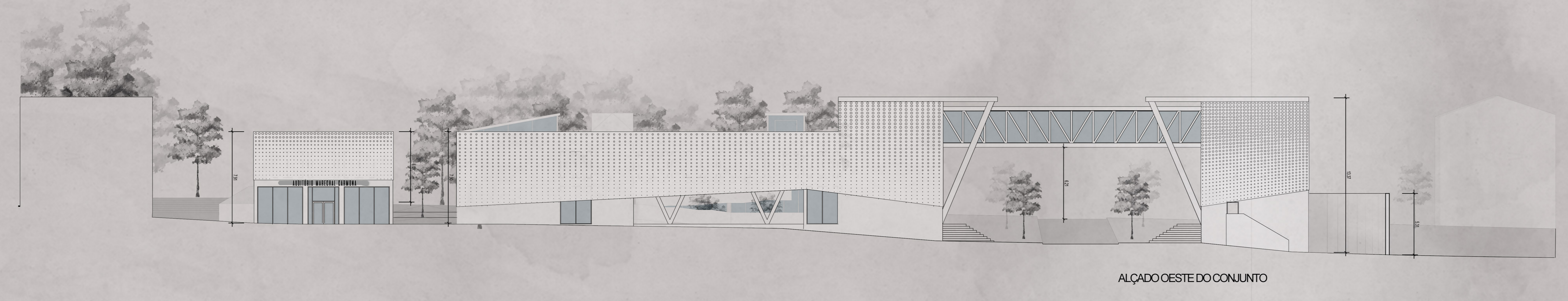
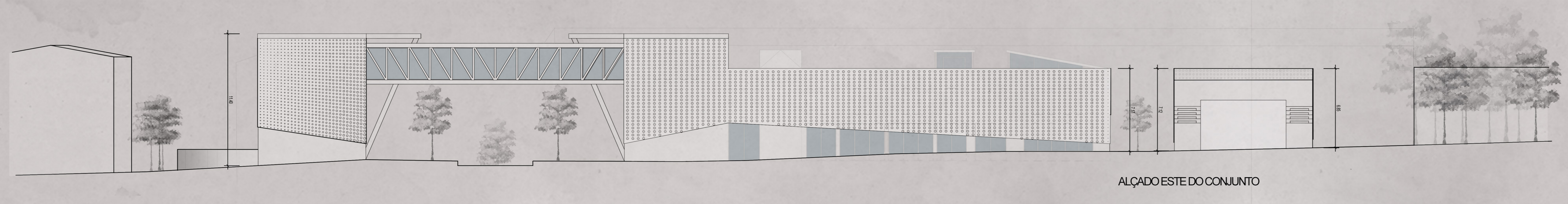
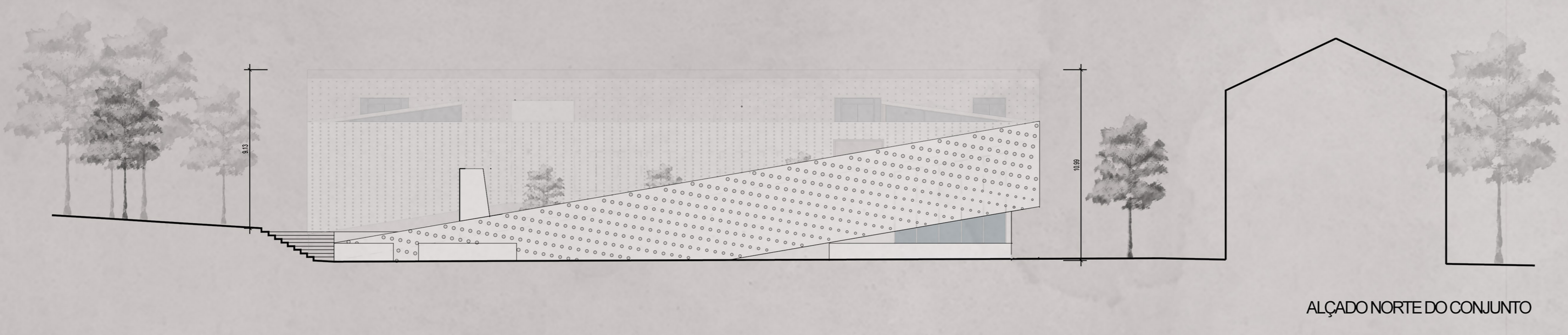
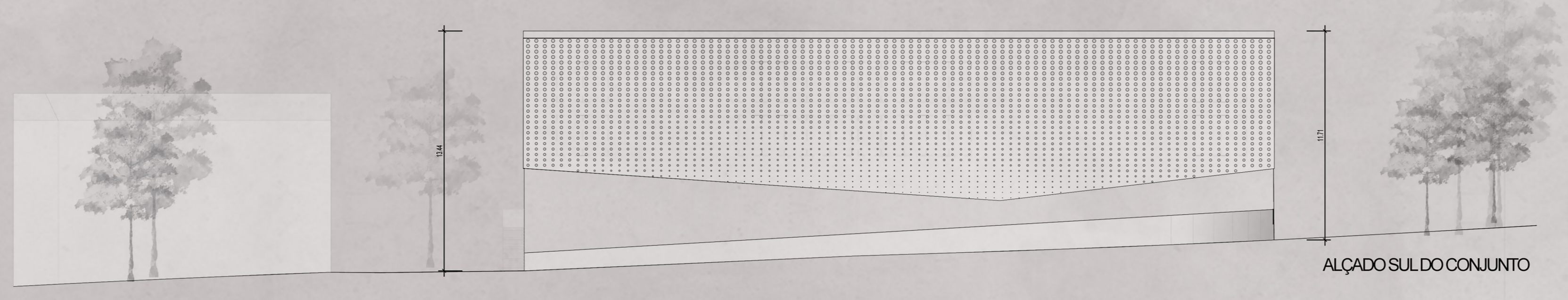
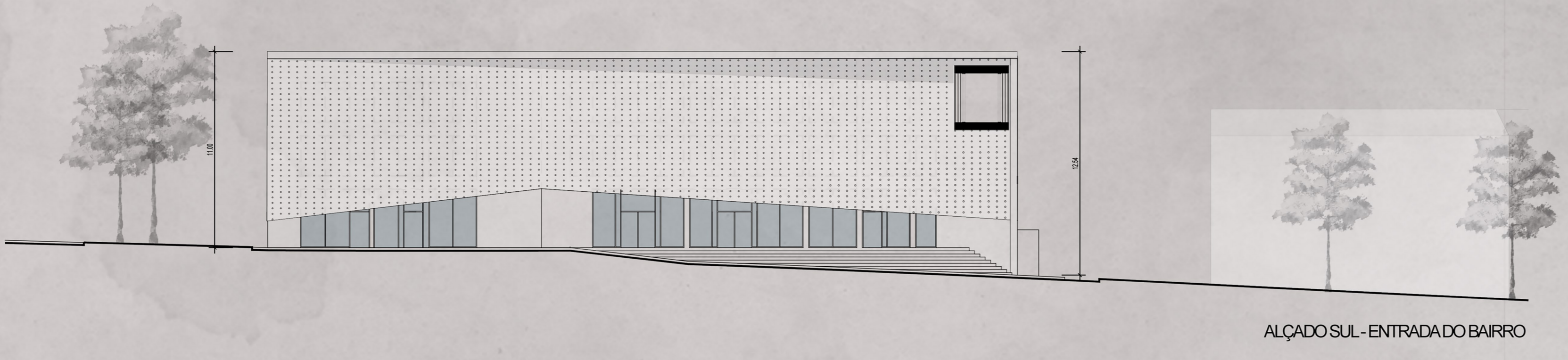
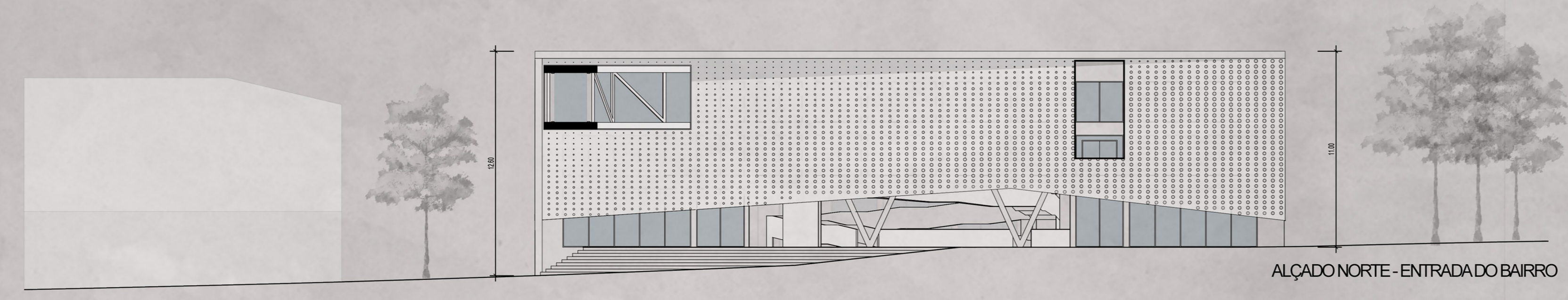
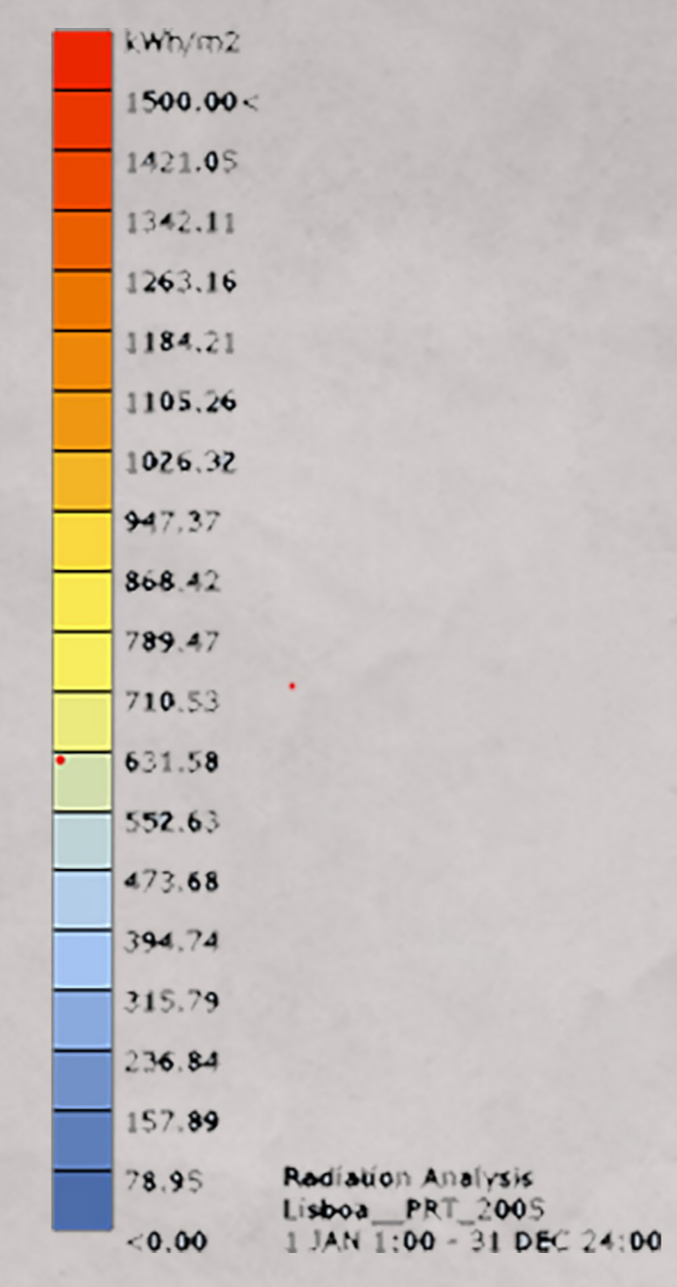
U FACULDADE DE ARQUITETURA | UNIVERSIDADE DE LISBOA | PROJETO FINAL DE MESTRADO | ORIENTADORES CIENTÍFICOS: PROF. PEDRO RODRIGUES E PROF. JOSÉ L. CRESPO
 SOFIA CATARINA DOURADO PEREIRA | 20121512 | ESCALA 1:200 | PLANTAS DO PISO 1 E 2, CORTE CC



6 ENCONTRO DE GERAÇÕES

O CENTRO INTERGERACIONAL INTEGRADO NA REQUALIFICAÇÃO URBANA DO BAIRRO MARECHAL GARMONA, CASCAIS

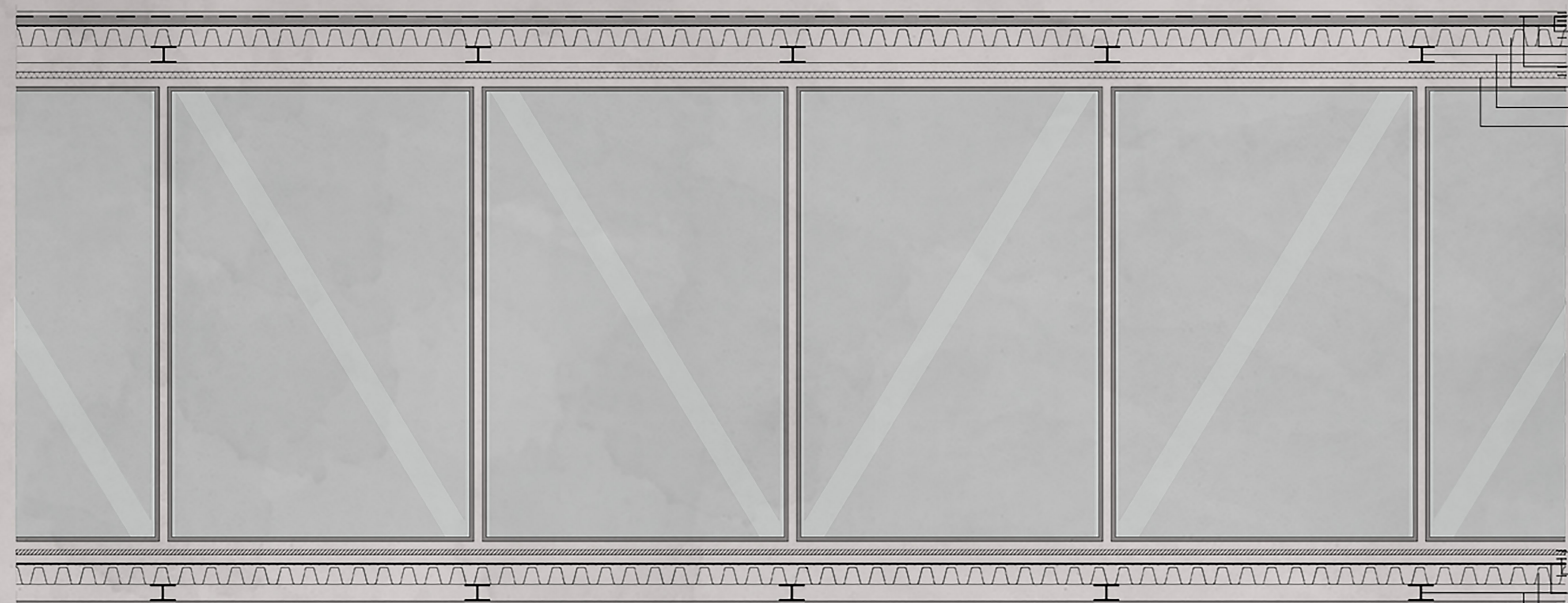
U FACULDADE DE ARQUITETURA | UNIVERSIDADE DE LISBOA | PROJETO FINAL DE MESTRADO | ORIENTADORES CIENTÍFICOS: PROF. PEDRO RODRIGUES E PROF. JOSÉ L. CRESPO
 SOFIA CATARINA DOURADO PEREIRA | 20121512 | ESCALA 1:200 | ALÇADOS DO CENTRO INTERGERACIONAL; ANÁLISE SOLAR À FACHADA



7 ENCONTRO DE GERAÇÕES

O CENTRO INTERGERACIONAL INTEGRADO NA REQUALIFICAÇÃO URBANA DO BAIRRO MARECHAL CARMONA, CASCAIS

U FACULDADE DE ARQUITETURA | UNIVERSIDADE DE LISBOA | PROJETO FINAL DE MESTRADO | ORIENTADORES CIENTÍFICOS: PROF. PEDRO RODRIGUES E PROF. JOSÉ L. CRESPO
SOFIA CATARINA DOURADO PEREIRA | 20121512 | ESCALA 1:20 | PORMENORES CONSTRUCTIVOS



Chapa Metálica
Camada de Isolamento Térmico
Camada de Regularização
Malhasol
Laje Colaborante
Laje Ultraligeira Viroc
Placa de Gesso

Pavimento Revestido a Cimento
Camada de Regularização
Malhasol
Laje Colaborante
Laje Ultraligeira Viroc
Camada de Regularização

Pavimento

- 1 Camada de Regularização
- 2 Laje Ultra Ligeira VIROC
- 3 Laje Colaborante
- 4 Malhasol
- 5 Pavimento revestido a Cimento

Cobertura

- 1 Camada de Regularização
- 2 Laje Ultra Ligeira VIROC
- 3 Laje Colaborante
- 4 Malhasol
- 5 Pavimento revestido a Cimento



PROPOSTA DE SALA DE ARTES PLÁSTICAS

Solo

- 1 Terra Vegetal
- 2 Brita Compactada
- 3 Camada de Impermeabilização Geotêxtil
- 4 Betão armado
- 5 Camada de Isolamento Térmico
- 6 Camada de Regularização
- 7 Cama de Resina Epoxi
- 8 Placa de Gesso Cartonado
- 9 Betão Desactivado
- 10 Camada de Isolamento Térmico
- 11 Camada de Regularização
- 12 Camada de Impermeabilização Geotêxtil
- 13 Camada de Regularização com 2% inclinação

14 Placa de Gesso Cartonado
15 Camada de Isolamento Térmico
16 Betão Desactivado
17 Camada de Regularização
18 Soalho em Riga

19 Placa de Gesso Cartonado
20 Betão Desactivado
21 Isolamento Térmico tipo Roofmate
22 Tela Asfáltica
23 Camada de Regularização
24 Chapa Metálica

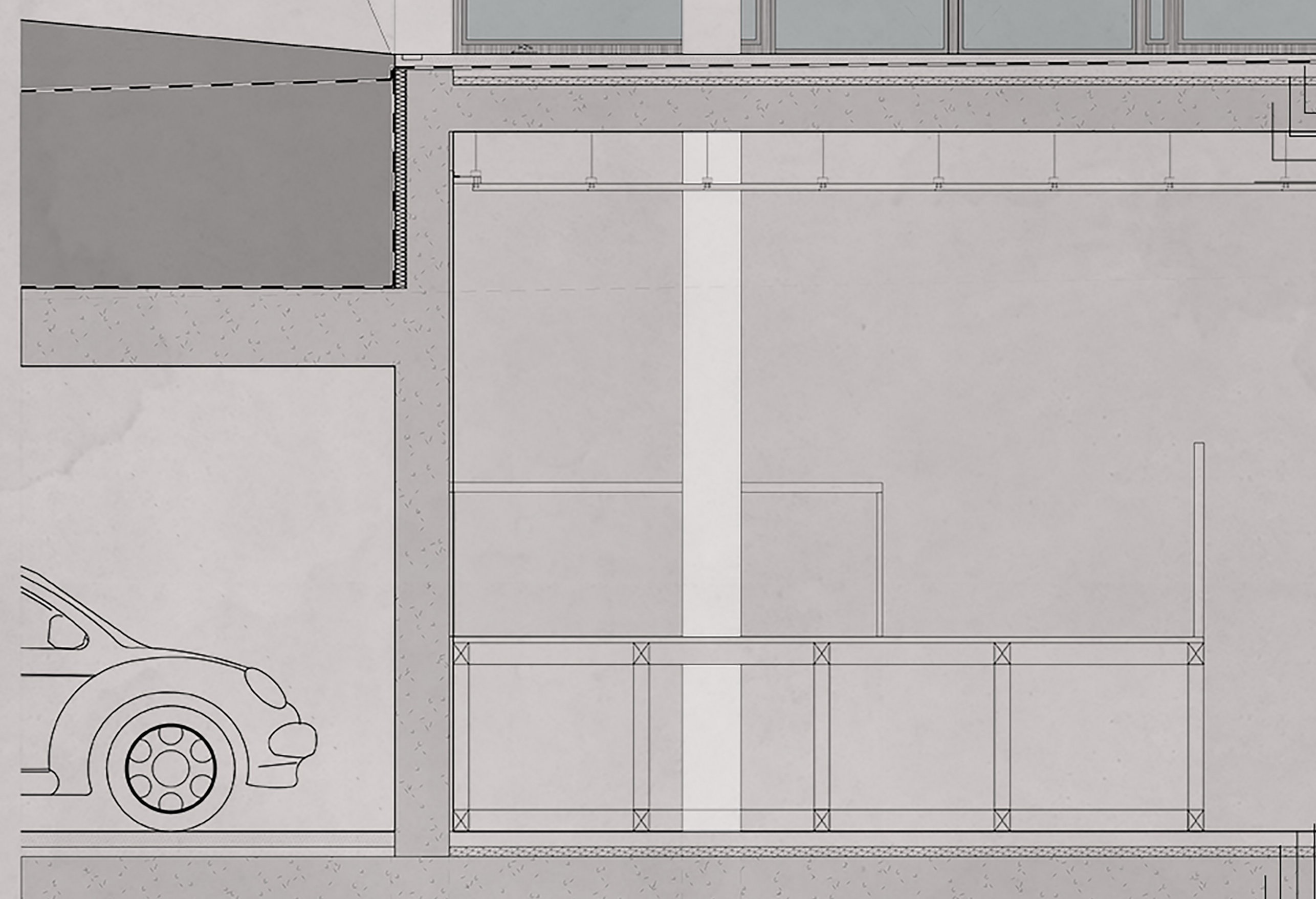
Cobertura



Chapa Metálica
Camada de Regularização
Tela Asfáltica
Isolamento Térmico tipo Roofmate
Betão desactivado
Placa de Gesso



Soalho em Riga
Camada de Regularização
Betão desactivado
Camada de Isolamento Térmico
Placa de Gesso



Camada de regularização com
Camada de Impermeabilização
Camada de Regularização
Camada de Isolamento Térmico
Betão desactivado
Placa de Gesso



Camada de Resina Epoxi
Camada de regularização
Camada de isolamento térmico
Betão armado
Camada de Impermeabilização Geotêxtil
Brita Compactada
Terra Vegetal